



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**“A VIAGEM COMEÇOU”: LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A
CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA POPULAR ALIMENTÍCIA A PARTIR DE
SUA VIAGEM À ÁFRICA (1928-1967)**

JOSÉ WALBER VIEIRA DE OLIVEIRA

CAJAZEIRAS – PB

2023

JOSÉ WALBER VIEIRA DE OLIVEIRA

**“A VIAGEM COMEÇOU”: LUÍS DA CÂMARA CASCU DO E A
CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA POPULAR ALIMENTÍCIA A PARTIR DE
SUA VIAGEM À ÁFRICA (1928-1967)**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

O482v Oliveira, José Walber Vieira de.
“A viagem começou”: Luís da Câmara Cascudo e a construção de uma
Cultura popular alimentícia a partir de sua viagem à África (1928 -1967) /
José Walber Vieira de Oliveira. – Cajazeiras, 2023.
122f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2023.

1. Alimentação brasileira - história. 2. Câmara Cascudo - viagem -1928-
1967. 3. Mediação cultural. 4. Cultura popular alimentícia. 5. Alimentação
brasileira- raízes. 6. Pesquisa etnográfica. 7. Câmara Cascudo- mediador
cultural. I. Sales Neto, Francisco Firmino. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 641(81)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

José Walber Vieira de Oliveira

**“A VIAGEM COMEÇOU”: LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A
CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA POPULAR ALIMENTÍCIA A PARTIR DE
SUA VIAGEM À ÁFRICA (1928-1967)**

APROVADO EM: 16 de novembro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



FRANCISCO FIRMINO SALES NETO

Data: 17/11/2023 10:43:02-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto (UFCG)
Orientador

Rosemere Olímpio de Santana

Profª. Dra. Rosemere Olímpio de Santana (UFCG)

Documento assinado digitalmente



IVONE AGRA BRANDÃO

Data: 17/11/2023 10:35:21-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Ivone Agra Brandão (SMEC – PB)
Examinadora Externa

Profª. Dra. Rosilene Alves de Melo (UFCG)
Suplente

CAJAZEIRAS - PB

2023

Aos meus amados pais, Maria Sandra e José Antonio.

Com todo meu amor, dedico!

MOMENTO DE GRATIDÃO

Agora na reta final do curso, li os agradecimentos de uma pesquisa que começava com a seguinte frase: “Se produzir conhecimento já é uma tarefa delicada, imaginem escrever os agradecimentos para as pessoas que têm marcado minha trajetória acadêmica” (SALES NETO, 2008, p. 7). Duvidando da frase, pensei: quem me dera que a única tarefa delicada do meu Trabalho de Conclusão de Curso fosse escrever os agradecimentos! Mas, como dizia Luís da Câmara Cascudo (1965, p. 99), “Quem perde o corpo é a língua”.

Dias depois, estava eu compartilhando de ambas as frases, quando me encontrava preocupado, pensando como eu iria escrever os agradecimentos deste trabalho, uma vez que tive o privilégio de ter tantas pessoas contribuindo com minha formação. Por isso, não poderia iniciar esta monografia sem deixar meus sinceros agradecimentos.

Gostaria de começar agradecendo a Deus, que me permitiu o mérito e a capacidade de iniciar a faculdade de História e suportar tão transformador curso. A Jesus, à Maria e a José, por terem me proporcionado forças que jamais imaginei que teria para trilhar esse caminho. A fé que me faz crê, fez com que o sagrado se fizesse presente na minha vida, principalmente quando me senti só. Sou grato por todas as vezes que seguraram as minhas mãos e ceifaram a tristeza do meu coração, principalmente quando consegui viver um dia após o outro, com a esperança de realizar um objetivo.

Agradeço a minha família, a qual considero como o maior sustentáculo da minha vida, pois ela sempre esteve ao meu lado em todas as etapas deste trabalho. Para isso, em especial, agradeço aos meus amados pais, Maria Sandra e José Antonio, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Vocês formam a base suprema que rege os meus dias. Não sei o que seria de mim se não fosse o amor e confiança que me dedicam. A minha irmã, Maria Mariane, pela irmandade e o carinho de sempre. As palavras que resumem tudo o que eu sinto por vocês é amor e gratidão.

A minha tia, titia Dinha, uma pessoa maravilhosa, tendo uma participação de segunda mãe em minha vida. À senhora, agradeço por todo apoio, carinho, preocupações e, sobretudo, pelas suas orações para que tudo desse certo na minha vida. Também expresso profunda gratidão à prima Amanda Samila pela inesgotável generosidade e parceria de todas as horas. É que você tem uma grande parcela de contribuição neste trabalho.

Foram muitas contribuições que recebi por parte dos meus familiares, não ousou mais citar nomes, pois corro o risco de esquecer alguém. Mas, de forma geral, quero agradecer a toda minha família, materna e paterna, especialmente àqueles que residem no espaço que considero

como o berço da minha existência, o sítio Chico Vaqueiro. Foi nesse lugar que fui criado ao lado de um povo maravilhoso e construí uma identidade muito conceituada nos padrões das raízes sertanejas. Através dessa vivência, hoje me considero um sujeito de origem rural e de formação urbana.

Saindo dessa zona sertaneja, o meu precioso Chico Vaqueiro, cheguei em Cajazeiras, na Paraíba, em agosto de 2018, no Centro de Formação de Professores - CFP, campus da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, onde não fui apenas um aluno, mas um morador. Neste meio, vivi várias experiências e delas procurei tirar os melhores proveitos, sempre olhando para o futuro com otimismo e para o passado com gratidão. Foram nos espaços dessa Universidade que me tornei a pessoa que sou hoje, capaz de refletir sobre o valor da educação e entender a história como uma ciência viva, um campo de estudo que está em constante transformação.

O conhecimento adquirido no curso de História devo aos meus inesquecíveis professores que, armados de inteligências, me apresentaram horizontes de reflexões em torno dos saberes históricos. Aqui gostaria de agradecer a vocês: Ana Lunara, Dmitri Bichara, Camila Corrêa, Eliana Rolim, Francisco Neto, Francinaldo Bandeira, Geraldo Venceslau, Isamarc Lôbo, Israel Sousa, Janaina Camilo, Laércio Teodoro, Luiz Mário, Maria Lucinete, Mariana Moreira, Osmar Luiz, Raimunda Coelho, Rodrigo Ceballos, Rosemere Santana, Rosilene Melo, Sérgio Rolemberg, Silvana Vieira, Silvia Massagli, Uelba Alexandre, Viviane Ceballos e Walter Rodrigues.

De modo especial, agradeço a meu amigo professor/orientador, Francisco Firmino Sales Neto, a quem carinhosamente chamamos de Neto. Falar de ti, meu caro, é um tanto desafiador. Você tem tantas qualidades, que me faltam palavras para começar a descrevê-lo. Mas o que posso dizer, sem medo de errar, é que a consideração que tenho por ti não cabe em um simples pacto entre orientando e orientador. Tenho você como um amigo e digo, orgulhosamente, que sou grato por todas as oportunidades que você me deu. Uma delas foi ser bolsista em um Projeto de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq/UFCG, tendo o privilégio de pesquisar ao seu lado, um intelectual que admiro muito. Fazendo parte deste projeto, você me apresentou o campo da cultura popular e logo conheci os trâmites da pesquisa, trilhando pelas veredas dos intelectuais. Sou grato por todas as orientações, conselhos e ensinamentos e, sobretudo, por me fazer acreditar naquela velha frase que você sempre me dizia, “vai dar certo”!

Também não poderia deixar de render meus mais singelos agradecimentos aos colegas que iniciaram o curso de História comigo e hoje se tornaram amigos. Agradeço a Geraldo Ferreira, uma pessoa extrovertida, que muitas vezes fez com que minha tristeza fosse superada

pela alegria; Geovanni Vieira, um camarada de todas as horas; Isadora Messias, uma pessoa compreensiva e determinada; Larissa Rodrigues, uma pessoa doce, cheia de paciência; Mayara Leite, essa eu nem sei como agradecer, você sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, obrigado pela parceria e todo companheirismo; Rafaela Vieira, você sempre foi aquela pessoa maravilhosa, alegre e que eu sempre gostei de aperreá-la; Sabrina Gregório, uma pessoa gentil e agradável; Sabrina Severo, admiro seu jeito simples e carinhoso; Taywany Gomes, agradeço por tudo; e a você, Vitória Maria, sou grato por todas as vezes que esteve comigo nos momentos em que buscamos nossos direitos dentro da sala de aula. Guardarei boas lembranças de cada um de vocês.

De modo particular, quero agradecer a Saniel Simplicio Pereira, um conterrâneo que iniciou essa empreitada comigo e em momento algum largou a minha mão. Obrigado meu caro! Não esquecerei das dificuldades que enfrentamos nesse curso, nem mesmo dos desafios. Além disso, lembrarei fielmente da nossa amizade, da relação acadêmica e de todo companheirismo que mantivemos, o qual nos permitiu trabalharmos juntos durante cinco anos.

Assim, também quero agradecer a Luan de Sousa Batista, aquele camarada que também esteve ao meu lado durante todo esse processo formativo. Sem sua ajuda, Luan, no Projeto de Iniciação Científica, creio que esta pesquisa não teria essa performance. Suas influências para que, juntos, pudéssemos participar de eventos acadêmicos e congressos científicos contribuíram bastante para a minha formação. Agradeço por tê-lo conhecido!

Nas entrelinhas desses agradecimentos, quero expressar minha sincera gratidão a uma pessoa que foi colega, amiga e hoje tenho como irmã, Katiana de Sousa Vale. Kati, Sou imensamente grato por ter sua amizade e por receber seu apoio em todas as horas que precisei. Obrigado por estar ao meu lado nas horas difíceis e compartilhar os momentos de alegria! Jamais esquecerei de toda ajuda que você me deu e de todo aparato de amor, felicidade, confiança e sinceridade. Também não esquecerei das nossas longas conversas, nas quais sempre terminávamos falando da importância de Deus nas nossas vidas. Sentirei muito a sua falta. Mas tenho certeza que nossa relação prevalecerá pois, sua amizade é um verdadeiro tesouro.

Agradeço aos colegas com quem trabalhei junto durante a Iniciação Científica: Érica Teles, que sempre esteve dialogando comigo e compartilhando novas ideias para a pesquisa. Antonio Emanuel, José Hewerton, Karine Nogueira, Marcus Vinicius, Raurislandia Santos e Vitor Daniel. Também agradeço a todos os membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Regional e Saberes Locais porque, juntos, fortalecemos e consolidamos um espaço paralelo de conhecimento e troca de saberes.

Durante os meus dias pelos recintos da universidade, uma das coisas que me marcou muito foi a minha vivência na Residência Universitária Masculina - RUM. Inicialmente, foi um baita desafio morar ao lado de cinquenta e quatro pessoas, sendo que eu conhecia apenas uma delas. Dividir o mesmo espaço com esse público possibilitou o encontro com pessoas que se tornaram especiais para mim, em especial aos moradores do quarto 14, que me acolheram quando cheguei na RUM: João Paulo, José Rodrigues (Rodrigo) e Oraldo Rick. Esses dois últimos, enquanto eu estava chegando e eles estavam saindo, mesmo assim, agradeço por tudo. Para ocupar as vagas desses, recebemos Antonio Marcos e Emanuel Lucas, os quais não teria como falar de forma conjunta e, por esse motivo, agradecerei a cada um em sua essência.

Agradeço a João Paulo Barbosa Silvestre, pois acredito que Deus foi generoso ao me presentear com a sua amizade. Ao seu lado, senti-me um aprendiz e serei eternamente grato por todo ensinamento. Sou grato por tê-lo como um camarada, amigo, irmão, que esteve ao meu lado sempre que precisei. Tenho boas lembranças dos quatro anos que dividimos o mesmo espaço. Lembro sempre dos momentos sagrados, quando íamos à missa nos domingos; e dos dias de lutas que, com um terço sobre as mãos, buscávamos refúgio aos pés da estátua de Nossa Senhora da Conceição e do nosso “Padim,” Padre Cícero. A memória que tenho de tudo que partilhamos não cabe em um simples agradecimento, mas quero dizer que devo muito a você.

A Antonio Marcos de Lima sou grato pela formidável amizade. Você foi aquela pessoa que sempre me ajudou e esteve ao meu lado. Juntos, construímos lembranças que não serão esquecidas. Lembro das incontáveis vezes que, à noite, íamos conversar na laje da Residência. Às vezes entrávamos em assuntos sensíveis e, quando nos dávamos conta, as lágrimas tomavam conta das nossas faces. Foi diante desses momentos que fomos nos conhecendo cada vez mais e nos tornando grandes amigos. Obrigado por acreditar em mim, quando eu achei que nada daria certo. Pois bem, meu caro, não terei como colocar toda gratidão em tão poucas palavras, mas saiba que você trouxe grandes contributos na minha formação.

A Emanuel Lucas dos Santos Silva, sujeito aparentemente tímido, mas o tempo possibilitou a edificação para o alicerce da nossa amizade. Gratidão pelo companheirismo, confiança e consideração. Você foi um amigo que, ao tempo em que me elogiava, sabia corrigir minhas falhas da melhor forma. Inteligência, humildade e paciência são algumas das suas características que levo comigo.

Agora na reta final, pude dividir o quarto 14 com mais dois camaradas, Davi França e José Bruno. Agradeço a ambos por todo companheirismo. Na Residência, ainda, sou grato a outros amigos: Claiton Souto; Damião Alves; Denilson Marques; Denis Dantas, a você Denis, sou eternamente grato por tudo que fez por mim; agradeço a Diego da Silva, pessoa de quem

levo comigo boas lembranças; a Itamar Miranda; Leandro Batista; Odoniel Bernardo e Yslan Wesllen. Agradeço às meninas da Residência Universitária Feminina - RUF, Daniela Bernardo e a Laiza Melo. Estou saindo, mas levo boas lembranças de vocês, sobretudo daquelas gargalhadas, quando estávamos conversando. A todos, sou grato pela alegria constante e o entusiasmo que fez com que minha vida fosse mais bela e feliz.

Esses singelos agradecimentos não estariam completos sem a gratidão aos funcionários terceirizados do CFP/UFCG, que conheci durante a graduação. Em especial, agradeço a Leide, uma pessoa incrível, de um enorme coração e que sempre prezou pelo bem-estar da Residência. À Jucileide e a seu André, por inúmeras vezes que me acolheram no Ambiente dos Professores, onde sempre fui recepcionado com uma xícara de café. Sou grato por ter conhecido seu Gilberto e Ninha, pessoas maravilhosas que, todos os dias, organizavam o Bloco Paccelli para que pudessemos ter o melhor conforto em sala de aula. A Graziela (Zizi), uma pessoa doce. Por fim, expresse profunda gratidão para toda a equipe que compõem o Restaurante Universitário, pessoas incríveis e que me ajudaram muito sempre que precisei. Meu muito obrigado!

Ao *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo, por me receber tão bem, quando fui ao acervo pesquisar *in loco*. Agradeço a sua coordenadora, Daliana Cascudo, uma pessoa prestimosa que, durante toda essa pesquisa, se prontificou a ajudar, atendendo todas as minhas demandas, quando a escrevia solicitando fontes e informações. Obrigado, Daliana!

À professora Ivone Agra Brandão agradeço por aceitar o convite para ler este trabalho, integrando a banca examinadora e por todas as conversas e orientações, nas quais recebia indicações de fontes e leituras. Agradeço pela sua gentileza e carinho ao se colocar à disposição para me ajudar!

Também deixo meu muito obrigado à professora Rosemere Olímpio de Santana, por aceitar o convite para ler e trazer contribuições para este trabalho, ocupando o papel de examinadora interna. Mas não agradeço somente por isso, mas por ser uma verdadeira profissional que aguçou em mim admiração e inspiração pela profissão.

Agradeço à Assistência Estudantil pelo fomento de programas. Sem eles eu não teria condições de permanecer no curso de História, pois, durante toda a graduação, fui assistido pelos programas de Residência e do Restaurante Universitário. A esses e outros benefícios faço menção e torço pela ampliação de cada um deles, pois tenho ciência do quanto são importantes, principalmente quando se trata de uma questão de vulnerabilidade social.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pela concessão da bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFCG) durante os dois anos do projeto *Por entre margens e fronteiras disciplinares: instituições,*

intelectuais e produção de saberes em torno da cultura popular no Nordeste do Brasil (1958-1976), experiência que deu origem a este trabalho e oportunidade a este jovem pesquisador.

E a todas aquelas pessoas que contribuíram de forma direta ou indiretamente e compartilharam comigo a escrita deste trabalho. A todas vocês, agradeço!

RESUMO

A partir da década de 1960, o intelectual potiguar Luís da Câmara Cascudo redefiniu seu campo de estudo entre o folclore e a antropologia, abrindo espaço para a etnografia e assumindo o perfil de mediador cultural. Isso ocorreu, especialmente, quando ele foi à África, em 1963, para pesquisar as raízes da alimentação brasileira nas províncias africanas de onde ocorreu o tráfico de pessoas escravizadas para o Brasil. Sua viagem ao continente africano fortaleceu os interesses que atravessaram sua formação e atuação intelectual em torno do folclore e da chamada cultura popular. A partir disso, o objetivo central deste trabalho é investigar a viagem de Câmara Cascudo à África e analisar a produção decorrente dessa pesquisa etnográfica para entender como ele construiu uma ideia de cultura popular alimentícia. Com este propósito, pautamos nossas análises teóricas em autores como Jean-François Sirinelli (2003), para entendermos o conceito de intelectual; Peter Burke (2020), para compreendermos a ideia de intelectual polímata; e Angela Castro Gomes e Patricia Santos Hansen (2016), para percebermos Cascudo enquanto um mediador cultural. Como recurso metodológico, analisamos fontes periódicas de jornais de época: artigos, entrevistas e reportagens sobre a referida viagem. Também faremos o uso de correspondências trocadas entre Câmara Cascudo e outros intelectuais que produziram acerca do tema da alimentação, especialmente no Brasil e na África. E, ainda, nos apropriamos da bibliografia cascudiana em torno do tema, a saber: *A Cozinha Africana no Brasil* (1964), *Made in Africa* (1965) e *História da Alimentação no Brasil* (1967). Todo esse material foi examinado a partir da análise de discurso, na perspectiva de Michel Foucault (2004), para entendermos como essa ideia de uma cultura popular alimentícia foi sendo construída no/pelo pensamento de Luís da Câmara Cascudo.

Palavras-Chaves: Câmara Cascudo; África; Brasil; Mediação Cultural; Cultura Popular Alimentícia.

ABSTRACT

From the 1960s onwards, the potiguar intellectual Luís da Câmara Cascudo redefined his field of study between folklore and anthropology, opening space for ethnography and assuming the profile of cultural mediator. This occurred, especially, when he went to Africa, in 1963, to research the roots of Brazilian food in the African provinces where the trafficking of slaves to Brazil took place. His trip to the African continent strengthened the interests that traversed his education and intellectual activity around folklore and so-called popular culture. From this, the central objective of this work is to investigate Câmara Cascudo's trip to Africa and analyze the production resulting from this ethnographic research to understand how he constructed an idea of popular food culture. For this purpose, we based our theoretical analyzes on authors such as Jean-François Sirinelli (2003), to understand the concept of intellectual; Peter Burke (2020), to understand the idea of a polymath intellectual; and Angela Castro Gomes and Patricia Santos Hansen (2016), to understand Cascudo as a cultural mediator. As a methodological resource, we analyzed periodic sources from periodical newspapers: articles, interviews and reports about the aforementioned trip. We will also use correspondence exchanged between Câmara Cascudo and other intellectuals who produced on the topic of food, especially in Brazil and Africa. And, furthermore, we appropriated the Cascudian bibliography around the topic, namely: *A Cozinha Africana no Brasil* (1964), *Made in Africa* (1965) e *História da Alimentação no Brasil* (1967). All this material was examined using discourse analysis, from the perspective of Michel Foucault (2004), to understand how this idea of a popular food culture was being constructed in/by the thinking of Luís da Câmara Cascudo.

Keywords: Câmara Cascudo; Africa; Brazil; Cultural Mediation; Popular Food Culture.

*Histórias podem destruir a dignidade de um povo,
mas histórias também podem reparar essa dignidade
perdida.*

*ADICHIE, Chimamanda – O perigo de uma história
única (2009).*

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – “Câmara Cascudo prova comida africana”	34
Imagem 02 – “Câmara Cascudo na cozinha”	36
Imagem 03 – Câmara Cascudo saboreia uma dose de aguardente com amigos.....	39
Imagem 04 – Câmara Cascudo e uma boa mesa	40
Imagem 05 – Dedicatória de Josué de Castro para Câmara Cascudo.....	61
Imagem 06 – “Câmara Cascudo vai a África recolher subsídios sobre a história da dieta brasileira”.....	69
Imagem 07 – “Missão a Madrid e à África”	69
Imagem 08 – “Portugal, Potência Imperial Africana”	72
Imagem 09 – “Ontem, na Casa Amarela, homenagem aos escritores das obras da Sociedade Pedro II”	81
Imagem 10 – Roteiro percorrido por Câmara Cascudo em sua viagem à Europa e à África ..	87
Imagem 11 – “Escultura fúnebre - cemitério de São Nicolau em Moçâmedes, Angola”	93
Imagem 12 – “Câmara Cascudo em sua viagem à África”	94
Imagem 13 – Visita ao mercado popular de Luanda	97
Imagem 14 – “Nossos irmãos os africanos”	98
Imagem 15 – “Cascudo no Museu de Nampula, em Moçambique”	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – ALIMENTOS TÍPICOS DA LINGUAGEM POPULAR.....	51
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BN – Biblioteca Nacional

CFP – Centro de Formação de Professores

CNF – Comissão Nacional de Folclore

CNFCP – Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COMPROV – Comissão de Processos Vestibulares

FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco

IA – Instituto de Antropologia

ICC – Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo

GEPHC – Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Cultura

GEPHRSL – Grupo de Estudo e Pesquisa em História Regional e Saberes Locais

MASP – Museu de Arte de São Paulo

OMS – Organização Mundial de Saúde

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

RUF – Residência Universitária Feminina

RUM – Residência Universitária Masculina

SBAE – Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia

SBF – Sociedade Brasileira de Folclore

SEHDPII – Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II

SISU – Sistema de Seleção Unificada

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – LUÍS DA CÂMARA CASCU DO E A ALIMENTAÇÃO.....	31
1.1 – CASCU DO, UM SUJEITO QUE COME	34
1.2 – O INTELCTUAL QUE ESTUDA A COMIDA	41
1.2.1 – EM DEFESA DA ALIMENTAÇÃO E DA COZINHA SERTANEJA.....	43
1.2.2 – A ALIMENTAÇÃO ENQUANTO RITUAL DIÁRIO	46
1.2.3 - A CLASSIFICAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO	49
CAPÍTULO 2 – LUÍS DA CÂMARA CASCU DO E A DESCOBERTA DA ÁFRICA ..	54
2.1 – CONVERSA COM JOSUÉ DE CASTRO SOBRE A FOME E A ALIMENTAÇÃO ..	56
2.2 – WESTERN – O CONVITE DE ASSIS CHATEAUBRIAND A CÂMARA CASCU DO	64
2.3 – A SOCIEDADE DE ESTUDOS HISTÓRICOS DOM PEDRO II E A ORGANIZAÇÃO DA VIAGEM À ÁFRICA	76
CAPÍTULO 3 – “FUI PARA A ÁFRICA, E LÁ ESTUDEI AS RAÍZES DA ALIMENTAÇÃO BRASILEIRA”	82
3.1 – “A VIAGEM COMEÇOU”	83
3.1.1 – “NA ÁFRICA, O QUE DESEJEI VER, EU VI”	92
3.2 – “EM TODAS AS PESQUISAS NUNCA ESQUECI DE INVESTIGAR SOBRE A ALIMENTAÇÃO POPULAR EM SUA NORMALIDADE”	100
CONCLUSÕES.....	113
FONTES	116
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

Era manhã de uma quinta-feira ensolarada, 17 de agosto de 2018, quando eu estava no “meu” sítio, o Chico Vaqueiro, situado no município de Conceição, na Paraíba. Eu estava a cultivar um roçado próximo à minha casa, onde eu podia ouvir o cantar do galo. Meu pensamento ultrapassava o trabalho na agricultura e, a todo instante, lembrava-me do resultado do Sistema de Seleção Unificada (SISU), que seria divulgado naquele dia. Ansioso, confesso, não concluí a manhã de trabalho e fui para casa em busca daquele resultado. Ao chegar em casa, quase não me despi dos trajes e das ferramentas de trabalho, fui acessar o site da Comissão de Processos Vestibulares (COMPROV - UFCG), no qual encontrei meu nome na lista dos candidatos selecionados para o curso de Licenciatura em História.

Ao ver aquele resultado, a alegria e o nervosismo tomaram conta de mim. Minha mãe, percebendo aquele clima de agitação, logo perguntou o que estava acontecendo. E, com empolgação, dei-lhe a mais esperada notícia: – *Passei no vestibular!* A notícia lhe deixou feliz, mas com uma expressão de quem não estava acreditando em minhas palavras. Pois, naquele momento, eu havia me tornado o segundo membro da família a ser aprovado em um curso superior e em uma universidade pública. Com a celeridade em que as notícias correm, pouco tempo depois, todos os meus familiares já estavam sabendo. Seguindo o rito da curiosidade, frequentemente me aparecia alguém para ouvir e confirmar a autenticidade do fato. E eu, em contentamento, confirmava as perguntas a respeito de minha aprovação para a universidade.

Diante de todo aquele entusiasmo, surgiu-me um questionamento preocupante: como eu iria viver longe da família sem nenhuma estabilidade e recurso financeiro? Percebendo minha força de vontade, minha família fez todo um esforço e, poucos dias depois, estava eu ali, na cidade de Cajazeiras, na Paraíba, nos recintos do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Naquele universo, devagar, comecei a explorar o espaço com muita ânsia pelo desconhecido. Diante da nova realidade que vivia, tudo parecia novo para os olhos de um garoto que, pela primeira vez, estava saindo de baixo das asas protetoras da sua mãe para conhecer o mundo.

Foi à luz desses desafios que, aos poucos, fui me engajando no curso de História, participando de programas acadêmicos, como a Monitoria e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Ao mesmo tempo, constantemente, ouvia dos colegas a seguinte pergunta: com o que você pensa em trabalhar no seu projeto de pesquisa? Naquele momento, essa era uma pergunta sem resposta, uma vez que eu não dispunha de qualquer

conhecimento sobre os movimentos da pesquisa científica, muito menos acerca do que era um projeto de pesquisa.

Essa dúvida persistiu até o terceiro período do curso, quando assisti a primeira aula da disciplina Projeto de Pesquisa I, ministrada pelo professor Luiz Mário Dantas Burity. Com o auxílio dele, logo compreendi as características de um projeto, em especial a finalidade da pesquisa, e saí daquela aula com a necessidade de encontrar motivações para fundamentar uma pesquisa que, futuramente, seria meu Trabalho de Conclusão de Curso. Ao longo daquele período letivo, estava decidido a pesquisar algo que dissesse respeito às representações do cangaço na Literatura de Cordel. Foi quando o professor Francisco Firmino Sales Neto retornou do seu estágio pós-doutoral e assumiu a referida disciplina, sugerindo novas inquietações e possibilidades investigativas.

Para minha surpresa, dias depois, lá estava eu selecionado como bolsista em um Projeto de Iniciação Científica, o cobiçado Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq, cujo orientador era justamente o professor Neto. A pesquisa que, juntos, começávamos a desenvolver se intitulava *Por entre margens e fronteiras disciplinares: instituições, intelectuais e produção de saberes em torno da cultura popular no Nordeste do Brasil (1958-1976)* (SALES NETO, 2019). Seu principal objetivo era investigar a produção dos intelectuais norte-rio-grandenses Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) e Veríssimo de Melo¹ (1921-1996), bem como suas transições entre instituições folclóricas e instituições antropológicas, a saber: a Sociedade Brasileira de Folclore - SBF² e o Instituto de Antropologia – AI³ instituições sediadas na cidade do Natal, estado do Rio Grande do Norte, e fortemente marcadas pela atuação dos referidos escritores.

A pesquisa, que começou em setembro de 2019, permitiu-me trabalhar ao lado do professor orientador do projeto, um pesquisador que, aos poucos, vinha cativando minha

¹ Veríssimo Pinheiro de Melo foi um intelectual norte rio-grandense, que ocupou cargos como advogado, juiz, político e professor de Etnografia da Faculdade de Filosofia de Natal e de Antropologia Cultural. Além de deixar um legado por meio de escritos no campo da cultura popular, Veríssimo foi um dos intelectuais que participou do processo de inserção institucional do saber folclórico no Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (BARROS, 2021).

² A Sociedade Brasileira de Folclore foi uma instituição fundada pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo, no Rio Grande do Norte, em 1941, e teve existência até o início da década 1960. A finalidade da sua criação foi estudar e pesquisar o folclore local, nacional, continental e reunir sistematicamente documentos que dissessem respeito às tradições escritas ou orais, lendas, ritos, cerimoniais, crenças, práticas em ligação com as manifestações folclóricas que partiram do saber popular.

³ O Instituto de Antropologia também foi fundado na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, em 1960, justamente quando a Sociedade Brasileira de Folclore já estava em processo de desaparecimento. O Instituto veio a ser um espaço capaz de iluminar ângulos ainda obscuros e desconhecidos da nossa existência material, pois o seu propósito era investigar e problematizar a pesquisa em torno do homem, abrangendo três áreas científicas: Antropologia Física, Antropologia Cultural e Paleontologia.

admiração. Vale ressaltar que esse projeto me deu a oportunidade de ser bolsista. É claro que a bolsa do PIBIC não assegurou apenas a desenvoltura da pesquisa, mas também garantiu minha estadia na cidade de Cajazeiras. Diante dessa possibilidade acadêmica, senti a necessidade de dar o melhor de mim para que tudo pudesse acontecer conforme o cronograma das atividades estabelecido no projeto. Naquela ocasião, eu ainda interpretava os objetivos do nosso projeto como algo desconhecido, visto que eu não conhecia Luís da Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo tampouco a Sociedade Brasileira de Folclore – SBF e o Instituto de Antropologia – IA.

Após as primeiras leituras, conheci os objetos de nossa investigação histórica. Nossas primeiras reuniões teóricas ocorreram visando a organização das ações práticas de pesquisa, que estavam previstas para acontecer de modo presencial nos seguintes acervos: 1) Acervo particular do professor orientador – que dispõe de reproduções de uma vasta documentação com informações sobre intelectuais folcloristas, especialmente Câmara Cascudo, e sobre algumas instituições culturais; 2) LUDOVICUS - Instituto Câmara Cascudo (ICC), em Natal, que mantém o espólio intelectual deixado por seu patrono e pela Sociedade Brasileira de Folclore; 3) Museu Câmara Cascudo, em Natal, que mantém parte do espólio bibliográfico e documental de Veríssimo de Melo e o acervo do Instituto de Antropologia; 4) Academia Nortero-grandense de Letras, que também mantém parte do espólio bibliográfico e documental de Veríssimo de Melo.

É inegável a existência dos percalços na realização de todas as pesquisas... e com a nossa investigação não seria diferente: tivemos que passar por um processo de redefinição de nosso trabalho entre o presencial e o virtual. Com a declaração da Pandemia do Novo Coronavírus pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a Universidade Federal de Campina Grande suspendeu as atividades presenciais em meados do mês de março de 2020, considerando a necessidade de mantermos isolamento social. Então, regressei de Cajazeiras para a casa dos meus pais, localizada na zona rural da cidade de Conceição, no Vale do Piancó, também na Paraíba. Imediatamente, houve a necessidade de adaptarmos todas as nossas ações de pesquisa para o “mundo virtual”.

A partir da impossibilidade de visitarmos os arquivos e acervos previstos, inicialmente, nossa pesquisa ocorreu nos acervos das hemerotecas digitais da Biblioteca Nacional (BN) e do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). Esses *sites* nos permitiram consultar jornais, revistas, anuários, boletins, depoimentos, entre outros meios informativos. Realizamos pesquisas em periódicos que correspondem aos recortes temporais da nossa pesquisa, partindo da segunda metade dos anos 1950 até meados dos anos 1970. Esse levantamento documental

foi sendo desenvolvido de forma gradativa, colhendo subsídios e informações sobre o contexto histórico no qual estava inserido nosso objeto de estudo: a redefinição das Ciências Sociais no Brasil, vista a partir da transição do folclore para a antropologia, personificada na atuação de Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo na Sociedade Brasileira de Folclore e no Instituto de Antropologia.

Nesse processo de transição, a pesquisa etnográfica ganhou centralidade para justificar o trabalho dos referidos intelectuais potiguares. Foi quando nos atentamos para a atuação erudita de Câmara Cascudo e seu papel como um intelectual polímata (BURKE, 2020) e mediador cultural (GOMES, HANSEN, 2016), estudando e escrevendo sobre múltiplos processos culturais ocorridos no Brasil. Uma de suas pesquisas etnográficas foi entender as relações culturais entre a África e a América (Brasil). Com isso, Cascudo assumiu a postura de um intelectual mediador e se encarregou de apresentar para a sociedade a relação cultural entre os referidos continentes, partindo, sobretudo, de uma questão específica, tendo definido a alimentação enquanto objeto de estudo que esteve, em grande medida, em circulação entre a África e a América, notadamente no Brasil.

Mesmo a alimentação sendo um assunto bastante citado quando se trata da produção cascudiana, há poucos estudos que se aprofundam na discussão da temática. A primeira pesquisa que aborda a questão alimentar na sua perspectiva, é a tese da historiadora Mariana Corção, intitulada *Câmara Cascudo, o “provinciano incurável”*: desvendando os caminhos da história da alimentação no Brasil (2014), que investigou os caminhos e as problemáticas que conduziram Cascudo a escrita da sua obra: *História da Alimentação no Brasil* (1967). Foi aí que, reconhecendo a relevância deste campo de estudo desenvolvido por Câmara Cascudo, descobrimos que nenhuma investigação havia tomado este intelectual enquanto um mediador cultural, como principal objeto de análise.

Através da carência de trabalhos acerca da temática, decidimos enfrentar este desafio, construindo nosso projeto de pesquisa em torno desse tema. A partir das reflexões de Sirinelli (2003), Burke (2020) e Gomes e Hansen (2016) – autores e ideias sobre os quais tratarei um pouco mais à frente – busquei conhecer Cascudo enquanto um intelectual que estudou a história da alimentação, efetivando suas análises a partir de 1963, quando foi ao continente africano para estudar as raízes da alimentação brasileira nas antigas regiões exportadoras de pessoas escravizadas para o Brasil.

Com essas inquietações, formalizamos o objetivo central deste trabalho que investiga a viagem de Câmara Cascudo à África e analisa a produção decorrente dessa pesquisa etnográfica

para entender como ele construiu, enquanto intelectual mediador, uma ideia de cultura popular alimentícia. Para isso, o recorte temporal estabelecido para a análise entrelaça os anos de 1928 e 1967, quando surgiram seus primeiros escritos sobre o assunto, até chegar ao ápice da sua pesquisa com a publicação da obra *História da Alimentação no Brasil* (1967).

Partindo dessas inquietações, percebemos que, na época em que Câmara Cascudo começou a fazer seus primeiros apontamentos sobre a alimentação, este assunto já havia despertado o interesse de intelectuais brasileiros. No entanto, ainda se encontrava na chave de um assunto esquecido no campo historiográfico. Corroborando com essa ideia, Gilson Brandão de Oliveira Júnior (2010), ao estudar os interesses intelectuais e políticos presentes na criação de uma identidade nacional, apontou:

Somente a partir do final do século XIX os *homens de ciencia* passam a interessar-se na investigação do negro no Brasil: não por seu valor cultural e papel ativo na construção da identidade nacional, mas como um “problema” a ser transposto, para manter indelével a imagem desta “promissora” nação pretensamente branca (OLIVEIRA JÚNIOR, 2010, p. 21).

Isso significa que, até o início da segunda metade do século XX, as pesquisas dedicadas ao negro e ao continente africano se concentravam no contexto racial e nas pessoas que vivenciaram o processo diaspórico – não havendo ainda uma maior atenção às questões culturais. Conforme nos aponta Schlickmann (2016, p. 419), “[...] os estudos africanos, anterior à institucionalização da década de 1960, falava-se de África associando-a aos seus descendentes no Brasil e a questão racial no país”.

Para exemplificarmos esse processo da trajetória dos intelectuais que hoje podem ser considerados pioneiros nos estudos africanos na academia brasileira, podemos citar alguns dos primeiros homens de ciência a se dedicarem ao “problema do negro”, isto é, à função, situação, integração e desenvolvimento das populações de origem africana no país. Nesse sentido, destaco a figura de Raymundo Nina Rodrigues⁴ (1862-1906). Médico por formação e professor de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia, Rodrigues escreveu seu famoso livro, *Africanos no Brasil*, em 1906, obra publicada apenas na década de 1930, que ficou:

Marcada pelo positivismo, e embebido nas teorias do racismo científico, o ineditismo do trabalho de Nina Rodrigues consistiu em recolher as memórias

⁴ Raymundo Nina Rodrigues foi um médico e antropólogo brasileiro nascido em Vargem Grande, no Maranhão. Fundador da antropologia criminal brasileira e pioneiro nos estudos sobre a cultura negra no país. Iniciou medicina na Bahia, mas concluiu no Rio de Janeiro, em 1888. Voltou à Bahia para assumir a cátedra na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1891, onde promoveu a nacionalização da medicina legal brasileira, até então inclinada a seguir padrões europeus.

dos africanos remanescentes na Bahia, entendendo que conhecer as populações negras do Brasil requeria estudar a África, e, principalmente, ressaltar suas especificidades. Assim, ele identificou diferentes etnias e grupos, na contramão do pensamento da época, que rotulava todo esse contingente de pessoas simplesmente de “negros” (SCHLICKMANN, 2016, p. 419).

Outro pesquisador brasileiro a se dedicar à temática foi Manuel Raimundo Querino⁵ (1851-1923). Afro-descendente, foi precursor dos registros antropológicos e na valorização da cultura africana no estado da Bahia. Este intelectual se posicionou favorável à mestiçagem, pois acreditava que as características positivas dos africanos pudessem ser transmitidas para diferentes gerações, assim como é discutido em uma das suas obras clássicas: *O Colono Preto como Fator da Civilização Brasileira* (1918).

Na sequência, temos Arthur Ramos⁶ (1903-1949), considerado discípulo de Nina Rodrigues. Também foi um médico, mas que abandonou a perspectiva racista por um viés culturalista, preocupando-se com os aspectos culturais, formados por uma trajetória de pesquisa sobre a cultura africana, pautada nos afro-descendentes que se encontravam no Brasil. Foi fundador da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (SBAE), primeira sociedade científica a estudar a antropologia no Brasil. Sua participação neste campo fez com que Ramos se tornasse um dos principais agentes na institucionalização das ciências sociais brasileira, deixando um amplo legado, como foi o caso da obra: *Folclore Negro do Brasil* (1930).

Seguindo um trajeto à luz de uma perspectiva cultural, temos Edson de Sousa Carneiro⁷ (1912-1972), que também entrou para o rol do pioneirismo dos estudos africanos no Brasil. Este foi um dos primeiros pesquisadores a escrever sobre o Quilombo dos Palmares. Além disso, também analisou o papel do negro, centrando sua linha de pesquisa no seio das religiosidades afro-brasileiras, em especial o candomblé, publicando sobre o assunto duas importantes obras: *Religiões Negras* (1936) e *Negros Bantos* (1937), as quais investigaram a vertente do folclore negro. Seu legado também se espalhou por instituições produtoras de saberes, tais como: a

⁵ Manuel Raimundo Querino nasceu no município de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. Tornou-se um dos primeiros intelectuais afro-descendente no Brasil, fundador do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e da Escola de Belas Artes. Foi um líder abolicionista e pioneiro nos registros antropológicos e na valorização da cultura africana na Bahia.

⁶ Arthur Ramos de Araújo Pereira, foi um intelectual alagoano, formado em medicina, com especialização em psiquiatria e psicologia social. Além disso, foi um etnólogo, folclorista e antropólogo. Diante da sua produção, Ramos se tornou um dos principais pesquisadores de sua época, deixando um importante legado no processo de institucionalização das Ciências Sociais Brasileira.

⁷ Nascido em Salvador na Bahia, Edson Carneiro desempenhou um importante papel no meio social, por ter sido um intelectual e escritor em torno de temas afro-brasileiros. Além disso, ele deixou um amplo legado no campo da etnologia brasileira, se comprometendo com estudos sobre a cultura e a religiosidade afro, fruto da sua dedicação em muitas pesquisas sobre o sincretismo religioso e a pureza da religiosidade de origem africana.

Comissão Nacional de Folclore (CNF) e a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, hoje Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP).

Por fim, destaca-se Gilberto Freyre⁸ (1900-1987), autor de duas obras clássicas do período: *Casa Grande & Senzala*, de 1933, e *Sobrados e Mocambos*, publicada em 1936. Sua perspectiva “[...] sugeriu que a mestiçagem, antes condenada, era a marca característica da identidade nacional brasileira. Freyre manteve o elo luso em sua pesquisa, reforçando a importância de Portugal na constituição do Brasil” (SCHLICKMANN, 2016, p. 423).

Tais questões apontadas, mesmo diante da perspectiva de cada autor, contribuíram para o aumento das pesquisas e o destaque dado ao tema:

Cabe ressaltar que estes autores da década de 1930 pesquisaram e escreveram ainda sobre um viés racista. A questão da mestiçagem, com Nina Rodrigues em 1906, considerada um problema, na década de 1930 se tornou a solução para a identidade nacional brasileira, consolidando o imaginário da democracia racial, [...] sendo também o mesmo caso para Querino, Carneiro, Ramos e Freyre (SCHLICKMANN, 2016, p. 425).

A partir deste pioneirismo no que diz respeito aos estudos africanos e afro-brasileiros, como Nina Rodrigues, Manuel Querino, Arthur Ramos, Edson Carneiro e Gilberto Freyre, destacamos a aceção de pesquisa de Câmara Cascudo, enquanto um dos intelectuais que, desde a década de 1930, visionava a construção de um campo de estudo em torno do negro, em especial a culinária, a partir de uma perspectiva cultural. Para Antonio Motta e Luiz Oliveira (2012, p. 245), “[...] devemos lembrar que, dentre as formações discursivas da África no Brasil, isto é, as tradições africanistas nacionais, a obra de Câmara Cascudo assume uma condição [...] de heranças culturais no pensamento social brasileiro”. Diferente da perspectiva histórica que os referidos autores procuraram desenvolver ao longo de suas pesquisas,

Luís da Câmara Cascudo estava por dentro de todos os grandes autores que estudaram a fundo a influência racista negra na sociedade brasileira como Nina Rodrigues, Manuel Querino, Arthur Ramos, Edson Carneiro, Gilberto Freyre, Silva Mello, Roger Bastide. Mas sua atenção era distinta, por buscar a influência negra na cultura popular (VASCONCELLOS, 2001, p. 7).

Isso não significa negar a questão racial no pensamento de Câmara Cascudo, visto que esse aspecto está presente em seus escritos. A ideia é perceber como a dimensão racial, por

⁸ Gilberto Freyre nasceu no Recife, Pernambuco. Foi um sociólogo, historiador e ensaísta, considerado um dos grandes intelectuais e intérpretes da formação histórico-social brasileira. Com esta perspectiva, Freyre buscou compreender as relações sociais no período colonial, procurando estabelecer uma relação harmônica entre senhores e escravizados, deixando essa corrente de pensamento conhecida como a teoria da democracia racial brasileira.

meio da ideia de mestiçagem, que está, por exemplo, em Silvio Romero⁹ (1851-1914), Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, abriu-se para uma perspectiva cultural de análise que, no caso de Cascudo, apresentou um viés folclórico e etnográfico. Ao desenvolver investigações e descrições em torno de elementos como comidas, gestos, palavras, costumes, rituais, festas, personagens históricos, mitológicos, dentre outros aspectos africanos que permaneciam no Brasil, além dos motivos brasileiros que viviam em África, Cascudo se destacou por ser um dos primeiros folcloristas brasileiros que foi ao continente africano para estudar subsídios da chamada cultura popular brasileira, em perspectiva etnográfica.

Assim foi sua investigação no continente africano, quando recebeu, no ano de 1962, um convite do empresário Assis Chateaubriand¹⁰ (1892-1968), que a serviço da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro Segundo, procurava um intelectual para pesquisar um ponto histórico/cultural. Cascudo, então, lhe propôs realizar um estudo etnográfico sobre a alimentação para entender a formação da cultura alimentar brasileira, tendo o continente africano como o principal objeto de análise. Para isso, Cascudo e uma comitiva viajaram à África um ano depois, em 1963 – viagem que, a nosso entender, materializou sua transição entre o folclore e a antropologia, assumindo claramente a etnografia como experiência de campo fundamental à produção do saber.

Durante a pesquisa em África, ele estabeleceu uma rede de comunicação com ampla divulgação tanto em aspecto nacional quanto internacional. Essa viagem se tornou o principal noticiário em jornais e revistas da época, conferindo-lhe o mérito de ser reconhecida como a investigação *in loco* mais importante realizada por Câmara Cascudo. No que diz respeito ao registro de seus périplos transatlânticos, Gilberto Vasconcellos (2001) considera a relevância da viagem desafiadora. Conforme o estudioso, esse seria o primeiro estudo desenvolvido por

⁹ Sílvio Romero foi um escritor, professor e político brasileiro. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 17. Foi também pensador social, poeta, jornalista, crítico literário, sendo considerado o pai do folclore brasileiro. Era sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa.

¹⁰ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, nasceu em Umbuzeiro, na Paraíba, no dia 5 de outubro de 1892. Aos 16 anos ingressou na Faculdade de Direito do Recife e logo depois tornou-se jornalista, advogado, professor, político, empresário e mecenas. Dono dos "Diários Associados", a maior rede de comunicação do país, entre as décadas de 1930 e 1960. Em 1947, fundou o Museu de Arte de São Paulo (MASP). Quatro anos depois, ingressou na política brasileira, em 1951, sendo eleito senador pelo Estado da Paraíba; e, em 1954, foi eleito para a cadeira nº 37 da Academia Brasileira de Letras, que pertencia ao ex-presidente da República Getúlio Vargas. Chateaubriand renunciou a seu mandato de senador, em 1957, para assumir o posto de embaixador do Brasil na Inglaterra, a convite do presidente Juscelino Kubitschek. Por fim, ao incentivar o desenvolvimento científico sobre a história do Brasil, destacamos a sua iniciativa de criar a Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II e oferecer bolsas a estudantes e pesquisadores brasileiros que se dispusessem a produzir teses sobre a história do país (MORAIS, 1994).

um intelectual folclorista brasileiro que estava levando seu conhecimento etnográfico ao outro lado do Atlântico Sul, buscando, sobretudo, compreender o intercâmbio cultural que atravessou as margens e fronteiras entre África e Brasil. Ainda segundo Vasconcellos, Câmara Cascudo seria o único folclorista brasileiro “[...] que viu os dois lados do atlântico, viu simultaneamente o *Brasil n` África e África no Brasil*. Os intelectuais da minha geração são todos virgens em África, mas (...) reincidentes e contumazes em Europa e Estados Unidos. (VASCONCELLOS, 2001, p. 6).

Encarando a necessidade de estudar o roteiro dessa viagem, esta pesquisa foi ganhando forma e está inscrita no campo da *História Intelectual*. O historiador francês Jean-François Sirinelli, na escrita de seu texto *Os intelectuais (2003)*, afirma que “A história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um, campo aberto, situado no cruzamento da história política, social e cultural” (2003, p. 232). Este apontamento foi feito após o autor analisar o surgimento dos estudos acerca do que foi produzido pelos intelectuais ao longo dos séculos XIX e XX, algo que permaneceu durante muito tempo esquecido pelos saberes históricos, chegando a ser considerado uma área de estudo curvado sobre a velha “história abandonada”.

Sendo assim, este trabalho decorre do que Sirinelli (2003) nomeou de análise histórica do intelectual, pois, ao estudar ou problematizar um intelectual pela ótica da sua produção, é possível refletirmos sobre a vida e a obra desse sujeito que construiu ao longo do tempo um caminho repleto de histórias, que podem ser analisadas a partir de diferentes perspectivas. Tal vertente está lidando, particularmente, com as relações em torno do campo cultural, conforme o conceito de Stuart Hall (2003, p. 221), que aponta “O trabalho dos intelectuais [...] como uma iniciativa ou projeto sério, o que se inscreve no aspecto político dos estudos culturais”.

Desse modo, o presente trabalho tenta responder os seguintes questionamentos: como Câmara Cascudo estabeleceu um campo de estudo em torno da alimentação brasileira? Quais foram os interesses políticos e as relações de saber e poder nas quais Cascudo esteve inserido durante sua viagem à África? Como ele produziu uma ideia de cultura popular alimentícia a partir de suas experiências folclóricas e etnográficas?

No que diz respeito às fontes utilizadas para responder tais questões, pautamo-nos nossas análises em documentos históricos que ainda não haviam sido problematizados. Esses documentos se caracterizam como fontes periódicas, a saber, jornais com amplos noticiários como: matérias, entrevistas, depoimentos e fotografias. Esse tipo de fonte se encontra nas hemerotecas digitais, como a Biblioteca Nacional (BN) e o Centro Nacional de Folclore e

Cultura Popular (CNFCP).¹¹ Outra parte dos documentos discutidos na pesquisa foram os recortes de jornais que evidenciam os interesses políticos que impulsionaram Cascudo a ir à África estudar as relações culturais. Tais fontes se encontram nas dependências do Fundo Documental - Assis Chateaubriand, vinculado ao Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Além desses meios de pesquisas, uma das nossas principais fontes foram as correspondências trocadas entre Câmara Cascudo e outros intelectuais, oriundas do LUDOVICUS - Instituto Câmara Cascudo (ICC) e do Acervo Josué de Castro – Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Por fim, foram utilizadas obras bibliográficas de autoria do próprio Cascudo: *A Cozinha Africana no Brasil* (1964), *Made in Africa* (1965) e *História da Alimentação no Brasil* (1967).

Para o desenvolvimento deste trabalho, optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, na qual o percurso metodológico foi fundamentado na reflexão da análise de discurso proposta por Michel Foucault (2004). Para este procedimento, analisamos os escritos de Câmara Cascudo para entendermos como a alimentação apareceu de forma recorrente em sua obra e como foi construída sua perspectiva de uma cultura popular alimentícia. Nesta ocasião, tratamos de problematizar as narrativas bibliográficas de Cascudo, suas entrevistas e artigos publicados em jornais de época. Em especial, analisamos suas correspondências em diálogo com outros intelectuais, como Josué de Castro¹² (1908-1973) que, naquela época, tinha interesse pela epistemologia da alimentação brasileira – além de compreendermos o diálogo travado com Assis Chateaubriand em torno do acordo para a realização da viagem à África e, conseqüentemente, à monumental *História da Alimentação no Brasil*.

Além disso, a partir das ideias de Márcio Seligmann Silva (2005), refletimos sobre o uso metodológico de testemunhos, que assumem o papel de fontes da política da memória¹³,

¹¹ Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>
http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=42.

¹² O intelectual Josué Apolônio de Castro, nasceu no Recife, se formou em medicina na Faculdade do Rio de Janeiro em 1929, ficando internacionalmente conhecido pelos seus estudos sobre a fome. Durante sua prática profissional, constatou a realidade da fome entre a classe trabalhadora da fábrica e participou de várias organizações de combate a ela no país. Ao longo da luta em torno do espectro da fome, atuou como professor e lecionou na Faculdade de Medicina do Recife, Universidade do Distrito Federal e Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de outras instituições internacionais. Assumiu o cargo de presidente do Conselho da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e da Associação Mundial de Luta contra a Fome (ASCOFAM). Em 1954 elegeu-se Deputado Federal por Pernambuco pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sendo reeleito em 1958 como o deputado mais votado do Nordeste. Em 1962, renunciou ao mandato para ser embaixador do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU). Mas seu grande destaque enquanto intelectual, se deu com a publicação da sua obra: *Geografia da Fome*, em 1946, que se tornou um clássico mundial, no qual apresenta um mapa das diferentes fomes e dos diferentes graus da mesma na extensão territorial brasileira (AMORIM, 2016).

¹³ Para conhecer detalhadamente o conceito de política da memória, ver Márcio Seligmann Silva (2005).

quando discutimos alguns relatos de familiares de Câmara Cascudo para entendermos sua predileção pela alimentação, enquanto um suprimento presente na sua vida e também um objeto de estudo. Ainda foram investigados os registros e relatos da viagem à África para entendermos seu trabalho nos países e províncias africanas. Tais documentos relatam entrevistas e imagens de fotografias durante o seu estudo de campo em ambientes que eram tomados como fontes para seus escritos.

É necessário destacarmos que esse *corpus* documental foi analisado discursivamente a partir de um olhar crítico acerca dos objetos de estudos – Câmara Cascudo e seu caminho de pesquisa sobre a alimentação, os interesses para a realização desta pesquisa no continente africano e a construção de uma ideia de cultura popular alimentícia. Portanto, esta pesquisa parte do ponto de vista da análise do discurso, referente a Michel Foucault (2004, p. 10), ao dizer que “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”.

Nessa linhagem de pensamento, nos apropriamos nas reflexões de Sirinelli (2003) para entendermos o conceito de intelectual, o qual foi operacionalizado com base na ideia de que o intelectual é um “ator do político”, um agente que desempenha uma atuação social em um espaço privilegiado, podendo ser classificado por meio de “[...] duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito” (SIRINELLI, 2003, p. 242).

Em perspectiva semelhante, podemos destacar outros autores fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, já que trabalhamos com a produção intelectual de Câmara Cascudo, refletimos sobre a sua produção a partir do que Angela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen (2016) chamam de intelectual mediador cultural que, neste caso, o termo deve ser utilizado para definir:

“[...] o intelectual que atua como mediador cultural produz, ele mesmo, novos significados, ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, que são reconhecidos como preexistentes”. [...] Podemos pensar, inclusive, como mediador cultural, em especial aquele que se dedica à comunicação com públicos externos às comunidades de experts, tem que aprender a ser mediador. Ele se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagens e estratégias com a sua experiência e com aquela acumulada ao longo do tempo (GOMES; HANSEN, 2016, p. 18-19).

Essa ideia de intelectual mediador cultural, também está associada ao que Peter Burke (2020) chama de intelectual polímata. Neste caso, o polímata seria aquele que domina e produz

conhecimento em vários campos disciplinares, “[...] definido como alguém que se interessa por muitos assuntos e aprende muitos assuntos, [...] antes chamado de erudição” (2020, p. 20). Tais palavras se aplicam à carreira intelectual de um Cascudo, folclorista, antropólogo e etnógrafo, características que levam sua produção à postura de um intelectual polímata.

Para entendermos tudo que foi explanado até aqui, estruturamos nosso trabalho em três capítulos, os quais seguem desenhados da seguinte forma. No primeiro capítulo, apresentamos um Luís da Câmara Cascudo amante da alimentação. Nessa parte, construímos uma espécie de biografia do autor, a partir do seu gosto e predileção pela comida enquanto refeição, discutindo, sobretudo, seu papel de apreciador de uma comida popular, dentro do cardápio brasileiro. Além disso, mapeamos seu caminho de pesquisa em torno da cultura alimentícia e apresentamos este intelectual como um pesquisador que construiu um caminho de estudo em que a alimentação era vista como um objeto de análise que atravessou o seu pensamento intelectual.

No segundo capítulo, problematizamos os diálogos e aproximações estabelecidas entre Câmara Cascudo e outros intelectuais, além de discutir a descoberta de um campo de estudo, no que diz respeito aos seus primeiros apontamentos acerca de uma análise sistematizada sobre a alimentação africana. Nesta perspectiva, destacamos suas inquietações pelo assunto e a rede de comunicação travada entre este intelectual e outros pesquisadores. Também evidenciamos os interesses políticos e pessoais que impulsionaram sua pesquisa sobre a alimentação, sobretudo quando Cascudo deixou o Brasil, em 1963, para estudar a cultura popular alimentícia.

No terceiro e último capítulo, analisamos o percurso da sua viagem pelo continente africano (também passando pelo continente europeu) e os lugares em que a pesquisa sobre a alimentação estava sendo desenvolvida. Com isso, destacamos seu método etnográfico utilizado durante a investigação, os principais lugares e sujeitos de análises, tendo em vista sua relação e apoio do governo português e africano. Por fim, apresentamos o resultado da referida viagem e a construção de uma ideia de cultura popular alimentícia, pautada na perspectiva cascudiana.

Dito isso, talvez você, leitor(a), esteja se perguntando como vou discutir esse conjunto demasiado de ideias? Pois bem, de modo mais simples, começo falando do lugar social de Câmara Cascudo, quando o analiso enquanto um sujeito que come; depois busco entender os fundamentos da sua pesquisa sobre a alimentação, discutindo também os motivos que deram condições de possibilidade para esse campo de estudo, como incentivos políticos e interesses pessoais; e, por fim, analiso sua passagem pela África e os principais resultados da sua pesquisa fruto dessa viagem etnográfica ao continente africano, abrindo ênfase para compreendermos sua produção acadêmica durante a década de 1960.

Para isso, espero que você, caro(a) leitor(a), aproveite as reflexões que se seguem, pois, aproveitando as palavras de Hobsbawm (1997), afirmo que este presente trabalho reúne, fundamentalmente, contribuições de historiadores e, portanto, espero que outros historiadores venham também a considerá-lo útil.

CAPÍTULO 1

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A ALIMENTAÇÃO

Todo trabalho do homem é para a sua boca.

Luís da Câmara Cascudo (1967)

Este capítulo elabora uma apresentação biográfica sobre Luís da Câmara Cascudo. No entanto, não se trata de conhecer sua história de vida, mas o itinerário da sua relação com a comida enquanto refeição e objeto de estudo. Isso porque o intelectual Câmara Cascudo costumava fazer menção à comida enquanto um dos elementos socioculturais indispensáveis à vida humana e, destacando essa importância, afirmou que “Toda a existência humana decorre do binômio Estômago e Sexo. A Fome e o Amor governam o mundo” (CASCUDO, 2011 [1967], p. 11).

Nessa perspectiva, temos a alimentação (ou mais exatamente a comida, a refeição, o gosto ou o paladar) enquanto prática cotidiana e enquanto campo de estudos, aspectos que estão presentes na vida e na obra de Câmara Cascudo, segundo relatos da sua neta, Daliana Cascudo Roberti Leite (2018, p. 4):

Estudar a alimentação não era, para ele, uma pesquisa nova. Em 1940 apaixonou-se pelo assunto e começou a arquitetar uma “geografia da alimentação”. [...] Além de pesquisador do tema, Cascudo era um grande apreciador da boa mesa farta, com todas as suas diversas variantes. Acima de tudo, era um grande degustador e tinha um prazer especial à mesa, fazendo de suas refeições verdadeiros rituais.

Conforme o exposto por Daliana Cascudo, para seu avô Cascudo, estudar a alimentação foi uma prática que remontaria aos anos de 1940, quando o intelectual se apaixonou pela temática. Naquela década, ocorreu a consolidação dos seus estudos em torno na cultura alimentar, mas seus primeiros apontamentos sobre o assunto apareceram no final da década de 1920 e ganhou ênfase já nos anos de 1930, quando ele travou um forte diálogo com outros intelectuais acerca da alimentação.

Segundo o antropólogo Reginaldo Gonçalves (2004), na época em que Cascudo fazia suas primeiras análises sobre a alimentação, os estudos etnográficos sobre comidas, bebidas e outros aspectos da vida cotidiana ainda eram pouco discutidos. Não eram considerados objetos relevantes para muitos cientistas sociais, devido o assunto não ser enxergado com tanta

importância, como era o caso de outros problemas de pesquisas, que buscavam discutir uma história voltada para o campo político ou econômico.

Isso mostra como, na época, as fontes históricas necessitavam de ampliação, não somente para estruturar novas conceituações sobre os campos de pesquisas, mas também para impulsionar novas formas do fazer historiográfico. Peter Burke já afirmava na década de 1990 que, “Há três décadas atrás, muitos historiadores teriam negado a possibilidade, com base em evidências, de escrever uma história séria sobre vários temas da cultura popular e das famílias camponesas, [...] que assim como outras áreas, ficaram mortas e condenadas a permanecer na escuridão” (1992, p. 59).

Foi nesse contexto que Cascudo se destacou ao desenvolver um campo de estudo pautado pela questão cultural, especialmente a cultura popular. Na ocasião, para entendermos esse conceito de cultura popular, partimos do que reflete Martha Abreu (2003), que propõe um sentido polissêmico para o termo:

Como já afirmei em outra oportunidade, cultura popular não é um conceito passível de definição simples ou a priori. Cultura popular não é um conjunto fixo de práticas, objetos ou textos, nem um conceito definido aplicável a qualquer período histórico. Cultura popular não se conceitua, enfrenta-se. É algo que precisa sempre ser contextualizado e pensado a partir de alguma experiência social e cultural, seja no passado ou no presente; na documentação histórica ou na sala de aula (ABREU, 2003, p. 14).

Seguindo os rastros dessa perspectiva, Cascudo buscou estudar os costumes alimentícios dentro da polissemia da cultura popular, estabelecendo seu próprio conceito, a partir de uma referência aos estudos folclóricos, etimologicamente, saber do povo. Fazendo uma investigação em torno de elementos como a própria comida, preparos, gestos, palavras, costumes, rituais, festas e outros aspectos da cozinha nacional, portanto, ele partiu daquilo que Michel de Certeau (2011) chamou de um lugar social e buscou demarcar a autenticidade de seus estudos sobre a alimentação brasileira. Em suas próprias palavras:

Mais ou menos em 1940 apaixonei-me pela Alimentação, perguntando, anotando, lendo, sobre a dieta brasileira. Comida do trivial e das festas, das reuniões domésticas e públicas, das feiras, banquetes do Império, das viagens, dos naturalistas itinerantes, caçadores pescadores nômades, vaqueiros, gente do campo e da cidade, dos sertões do nordeste, da amazônica, dos pampas gaúchos, dos ‘gerais’ do Sul, Mato Grosso, Goiás, serranias de Santa Catarina e Paraná. Ia arquitetando uma geografia da alimentação ao lado das técnicas da elaboração (CASCUDO, 1963, p. 1).

Foi a partir dessas inquietações que o campo de estudo desenvolvido por ele privilegiou a origem das expressões, costumes culturais e os elementos que sobreviveram às dinâmicas sociais, destacando, entre eles, as reminiscências da alimentação como aspectos existentes desde o período que nomeamos de Pré-História (CASCUDO, 1973).

Sendo assim, seus estudos acerca das manifestações e expressões folclóricas deram forma a seu interesse pela culinária brasileira e, desde então, a alimentação começou a compor seu campo de preocupações intelectuais, impulsionando um maior diálogo em torno do assunto. Na ânsia de evocar a alimentação para o centro de suas investigações, percebemos que surgiu em Cascudo a ideia de discutir a formação da nacionalidade brasileira através dos aspectos alimentícios. Dessa forma, ele traçou ideias e discursos que buscaram construir novos saberes em torno desse tema: neste caso, o lugar das práticas culturais em torno da comida para a constituição de uma identidade nacional.

A busca por informações em torno de assuntos ligados à comida fez com que Cascudo se tornasse cada vez mais um sujeito que buscava uma ideia de Brasil a partir do que enxergava na cultura alimentar, nos seus hábitos, nos costumes, na preparação dos alimentos e, sobretudo, nos rituais antes, durante e após as refeições. Foi através desses elementos peculiares que, ao longo do século XX, o intelectual acenou para o campo cultural e procurou entender a formação da nossa culinária e o modelo de cozinha nacional existente em nossa contemporaneidade. É provável que seu objetivo em estudar a alimentação tenha surgido a partir daí: por ser um apreciador de vários alimentos do cardápio brasileiro, visto que, além de pesquisador da temática, era um grande admirador da mesa farta e de pratos variados para as suas refeições, podendo até mesmo ser considerado como um *amante da alimentação*.

A expressão amante da alimentação caracterizaria Câmara Cascudo: um sujeito que demonstrou interesse pelo tema, mas não somente no nível da pesquisa, como também nos moldes da experiência pessoal. Segundo Sérgio Arno, “Cascudo foi um sopro reificador de sabedoria e conhecimento acerca de um tema cada vez mais em voga: o ato, a forma e a função de comer, em seus inúmeros e infinitos escaninhos [...]. Não é à toa que seu dia-a-dia era valorizado pela fartura e a boa qualidade na sua mesa” (2006, p. 93-94). Nesse sentido, suas experiências pessoais com a alimentação são tão relevantes para a construção de um campo de estudo, quanto suas experiências em torno das análises que contribuíram para a elaboração dos seus primeiros escritos na temática, pois os dois campos estavam relacionados.

Para o psicólogo Paul Rozin (2001), que estuda o comportamento alimentar, discutindo questões voltadas para a psicologia da alimentação, a escolha por determinados alimentos

constitui a preferência alimentar de uma pessoa – sentimento que, ao pertencer a herança biológica ou cultural, pode causar no indivíduo o desejo de buscar conhecimento acerca daquilo que lhe atrai, neste caso, a comida.

Essas características apontadas pela psicologia alimentar servem para problematizarmos a postura etnográfica de Câmara Cascudo, seu apreço pela comida, sobretudo quando se debruçou sobre inquietações e estudou algo que despertava seu interesse: a história da alimentação. Afinal, como propõe Certeau, partimos de nossos interesses e de nosso lugar social para realizarmos uma operação historiográfica, para a “construção de uma *escrita* sobre o real” (CERTEAU, 2011, p. 106). Destarte, cabe pontuar que, antes de percorrermos o caminho trilhado em torno da alimentação, enquanto objeto de estudo, é importante destacarmos uma predileção pela culinária brasileira, seus pratos preferidos e a composição da sua mesa alimentar para entendermos de onde parte o interesse cascudiano em produzir uma história da alimentação brasileira.

1.1 CASCUDO, UM SUJEITO QUE COME

Na obra *O Colecionador de Crepúsculo: Fotobiografias de Luís da Câmara Cascudo* (2003), escrita por Anna Maria Cascudo Barreto, filha desse intelectual, percebemos um Cascudo que tinha gosto pela vida, que não ligaria para dinheiro ou bens materiais, mas que fazia de tudo para ter na sua casa uma mesa farta, composta por diversos alimentos que lhe saciassem, especialmente atendendo seu gosto pela comida regional.

Imagem 01: “Câmara Cascudo prova comida africana”.



Fonte: Ed Keffel. Revista O Cruzeiro (1963).

Conforme esse testemunho, as refeições eram momentos importantes para a rotina familiar. Uma prática que Cascudo prezava muito era comer acompanhado por alguém, compartilhando a experiência. Um exemplo disso pode ser visto na imagem acima, quando o intelectual aparece durante sua viagem à África, provando uma peixada africana, ao lado da senhora Yolanda de Almeida Rodrigues, esposa do cônsul de Lourenço Marques, atual Maputo, capital de Moçambique.

Foi justamente neste sentido que a série documental *História da Alimentação no Brasil* (2020)¹⁴, baseado na obra clássica de Câmara Cascudo, que possui o mesmo nome do livro *História da Alimentação no Brasil* (1967), apresenta o gosto pela comida e os principais alimentos consumidos pela sociedade, desde o século XVI até a contemporaneidade, trazendo como principal destaque depoimentos da família Cascudo, chefes de cozinhas, artistas e estudiosos de diversas regiões do Brasil e Portugal, que versam sua trajetória intelectual em torno do assunto.

Em meio aos depoimentos desta série, destaca-se a fala de Daliana Cascudo R. Leite ao apresentar seu ponto de vista sobre conceitos desenvolvidos pelo seu avô acerca da alimentação:

Vovô falava que sua comida tinha que ter “sustança” para lhe manter forte. Ele dizia que a sustança é um conceito nordestino, muito nosso sertanejo, que significa que a comida tem que lhe dar sustância, lhe dar substância, lhe fortalecer (HISTÓRIA, 2020).

O exposto acima deixa claro que o paladar é marcado por características regionais, sobretudo a cultura sertaneja. Para Cascudo (1963), haveria uma dinâmica sociocultural a rodear o homem, desde a linguagem até a alimentação, por meio da qual emergiam os laços históricos em sociedade. Nesse sentido, os antropólogos Julie Cavignac e Luiz de Oliveira (2010, p. 64) apontam que as expressões atribuídas por Cascudo a sua alimentação se atrelam aos moldes da cultura popular, que sobrevivem no mundo rural e urbano, “[...] e são percebidos pelo mestre potiguar do folclore como alguns dos alicerces sobre os quais se edificou a formação da nacionalidade”.

¹⁴ *História da Alimentação no Brasil* é uma série documental publicada em (2020), produzida pela Heco produções, em parceria com o Cine Brasil TV, e dirigida por Eugenio Puppo. Estando disponível na *Amazon Prime Video*, a série é composta por 13 episódios de 26 minutos cada, que registram tradições e práticas da culinária brasileira originárias do encontro, negociação e partilha entre indígenas, africanos e portugueses. Baseada na monumental obra de Luís da Câmara Cascudo, *História da Alimentação no Brasil*, lançada em 1967, como resultado de uma insólita pesquisa em 1963, quando o autor foi à África para estudar as raízes da alimentação brasileira no continente. Esta série conta com depoimentos da família Cascudo, chefes de cozinhas, artistas e estudiosos de diversas regiões do Brasil e de Portugal.

Vale lembrar que o interesse de Cascudo por um prato que lhe trouxesse “sustança” é uma expressão que remete ao seu lugar social e às suas investigações a respeito da comida sertaneja. Nesse sentido, Eriza Maria Rocha (2018, p. 72) destaca que “A relação da comida com a linguagem emerge da comunicação dinâmica do sujeito com a história cultural de seu povo [...] e da identidade corriqueiras que podem variar de acordo com a sociedade da qual emergem do momento histórico em que são vivenciadas”. A própria linguagem se relaciona a essa experiência social, neste caso, através do contato direto com as sulas¹⁵, pessoas que atuavam frequentemente em cozinhas, entre elas algumas seriam descendentes de sujeitos escravizados, sobre as quais Cascudo afirmou que: “[...] nunca perdia a ocasião de ouvi-las falar sobre seus alimentos e pratos tradicionais [...] e afamadas refeições que estavam no seio da nossa culinária secular” (2011 [1967], p. 6-7).

Imagem 02: “Câmara Cascudo na cozinha”



Fonte: Templo Cultural Delfos. Disponível em: https://www.elfikurten.com.br/2012/04/camara-cascudo-uma-conversa-sobre.html#google_vignette. Acesso em: 14 jun. 2021.

Como podemos perceber na referida imagem, Cascudo aparece em uma cozinha ao lado de três homens negros, que assumiam a função de cozinheiros e, diante de suas culturas alimentares, desempenhavam práticas culinárias. Sendo assim, Cascudo vivenciou espaços como cozinhas e restaurantes, buscando comparar nesses locais os padrões alimentares e os elementos geográficos que constam nas variações entre um cardápio e outro para entender as diferenças entre a culinária indígena, africana e portuguesa, que não se modificaram de um dia para o outro, pois são frutos de uma formação longa e complexa.

¹⁵ Sulas ou Sulanas é um termo atribuído às mulheres que exerciam uma espécie de trabalho domésticos e que, em sua grande maioria, estavam à frente da cozinha desempenhando um papel primordial para uma boa refeição.

Na busca para saber cada vez mais sobre a composição dos alimentos, Cascudo ressaltou o quanto foi insistente em conhecer os aspectos que formaram a imensurável culinária brasileira: “Minha mãe, minhas tias, senhoras de sertão do oeste, fiéis às normas do outro tempo, suportaram muito minha curiosidade infatigável para conhecer a alimentação [...]. Fiz demorados inquéritos pessoais entre mestres de farinhas, damas de antigos engenhos, cozinheiras afamadas, as doceiras de citação, sempre que podia realizá-los” (2011 [1967], p. 6).

Além destes relatos, aparece recordados em seus escritos os diálogos com amigos e pessoas, entre os quais ex-escravizados, que frequentavam sua casa para cantar, improvisar e relatar técnicas alimentares (CASCUDO, 2011 [1967]). Para reforçar essas palavras, Daliana Cascudo destaca que, na casa de Cascudo, situada na Avenida Câmara Cascudo (antiga Junqueira Aires), 377, em Natal, havia momentos em que o espaço se transformava em um meio produtor de conhecimento, devido o intelectual receber várias pessoas e registrar partes do diálogo em que dissertavam sobre as diretrizes da nossa alimentação. Uma das pessoas que Cascudo recebia todos os dias em sua casa era a cozinheira Izabel¹⁶, a quem ele estimava seus dotes culinários, talentos e técnicas para o preparo de uma boa refeição. Ainda segundo Daliana Cascudo, “É pelas mãos da cozinheira Izabel, descendente de escravos, que surgiam [...] na casa de Cascudo, verdadeiras joias culinárias, repletas de cor, aroma e sabor” (LEITE, 2018, p. 4).

A vastidão de pratos que esta cozinheira sabia preparar contribuía para Cascudo se tornar, cada dia mais, um amante da alimentação, apreciando vários tipos de comidas e bebidas tidas como típicas da cozinha potiguar, bem como iguarias ditas importadas.¹⁷ Nesse sentido, Anna Maria C. Barreto relata algumas curiosidades e preferências gastronômicas do seu pai, como um café da manhã bem reforçado, composto por “[...] queijos, dos mais variados, tipos, presuntos (dos grandes, com osso), [...] biscoitos ingleses, cream cracker com açúcar cristal pulverizada sobre manteiga. Não dispensava um bom queijo de coalho ou queijo de manteiga com leite e café ou chá de erva-mate” (BARRETO, 2003, p. 51).

Como um grande adepto ao paladar, podemos dizer *bom garfo*, Cascudo era extremamente eclético na variação de alimentos, mesmo os mais simples, podendo ser encontrados em um contexto local, nas terras norte-rio-grandenses. Nesses termos, os alimentos listados abaixo denominam e caracterizam os pratos prediletos que compunham sua mesa durante o período do almoço. Como podemos observar na citação a seguir:

¹⁶ Segundo Daliana Cascudo Roberti Leite (2018), Izabel foi uma mulher com descendência de escravizados que assumiu a função de cozinheira (sulana) na casa da família de Câmara Cascudo.

¹⁷ De acordo com Anna Maria Cascudo Barreto (2003), as iguarias importadas eram alimentos trazidos pelo prefeito da cidade de Natal e, posteriormente, governador do Estado do Rio Grande do Norte Sylvio Pedrosa (1918-1998), que constantemente presenteava Câmara Cascudo com víveres importados de Portugal, França e Alemanha.

Seus pratos favoritos, porém, eram bem simples: pimentão recheado com carne moída, acompanhado de arroz branco e soltinho; cozido com legumes e pirão; paçoca com banana; peixe cozido com pirão; legumes, arroz e mangaba bem geladinha e escolhidas dentre as mais doces. Feijão verde com carne-de-sol, macaxeira, arroz-de-leite e jerimum cortado fininho. Tudo legitimamente nosso...” (BARRETO, 2003, p. 52).

Para Cascudo, “Nunca um brasileiro dispensou o adoçar a boca depois de ter salgado o estômago” (2011 [1967], p. 327). Essa frase, dita pelo estudioso da alimentação, remete ao seu apreço por comidas açucaradas. Enquanto um apreciador de doces, após o almoço, ele era servido com sobremesas que variavam entre os sabores de coco, caju, banana e goiaba. Em um sabor mais refinado, se destaca o doce chamado cartola¹⁸, que também era uma das suas sobremesas preferidas. Às vezes, para variar, preferia sorvete de frutas, como mangaba, cajá, caju e manga. Mas havia momentos em que não dispensava o sabor regional do bolo de macaxeira, que lhe era servido ao lado de uma boa xícara de café (LEITE, 2018).

Durante a tarde, seu lanche variava entre cuscuz e tapioca, ou uma fatia de bolo de milho, mas sempre acompanhado de café. À tardinha, adorava degustar uma xícara de chá ou um tablete de chocolate. Já a noite, na hora do jantar, sua predileção se concentrava em pratos considerados típicos da culinária potiguar, recebendo à mesa, alimentos: “[...] cozidos, a carne cozida, um prato de carne-de-sol com macaxeira cozida ou frita, farofa, feijão verde e nata. Essa era uma alimentação constante na sua casa, Cascudo sempre comia isso” (HISTÓRIA, 2020).

Na ocasião de um paladar dito sertanejo, Câmara Cascudo gostava de frutas que podiam ser encontradas em todo território brasileiro. Mas o que tornava seu gosto singular do ponto de vista gastronômico era a forma como as frutas eram preparadas antes do seu consumo. Assim sendo, as frutas que estavam presentes no seu dia a dia eram:

Abacaxi, fatiados em rolinhas, mamões descascados, sua manga tinha que ser rosa ou espada e fatiadas, suas pinhas eram (sem caroços), sapotis, laranjas, [...] mangaba, caju e maracujá. Goiabas em fruta ou doce, partida em (bandinhas ou rodela). Banana, muitas vezes comia com leite, amaçadas com açúcar e queijo ralado. [...] Para comer de colher, como sobremesa, tinha os sapotis e as pinhas como frutas prediletas (BARRETO, 2003, p. 52).

Além desses alimentos, é importante lembrar: no seu paladar, havia também outros fatores envolvidos que, com o tempo se fizeram hábitos e se tornaram víveres presentes no seu

¹⁸ Uma sobremesa popular, que une queijo com a banana, açúcar e canela. Seu nome tem origem devido ao formato do doce, que lembra um chapéu dobrado.

cardápio. Nesse contexto, destacamos as bebidas como um dos acompanhamentos e prazeres que exprimiram uma constante presença cultural, conferindo assim um caráter simbólico, por ser algo que sempre esteve aliado ao seu meio social. Deste modo, conforme Barreto, apresenta-se suas bebidas preferidas:

Fã de champanhe, papai não o dispensava em ocasiões festivas, incluindo aniversários, Natal e passagem de ano, sempre associado, no seu caso específico, a um charuto baiano ou cubano. Conhaque o favorito. Cervejas. Batidas de maracujá. Cachaça com tira gosto de fruta, quase sempre caju, acompanhado. Rum montilla com coca-cola. Gim. Mas não dispensava um bom licor. Lembro que se deleitava com frasco de licor, puríssimo, cor-de-rosa, feito por freiras, creio que de Pernambuco. Sorvia em golinhos, olhando o pôr-do-sol... (2003, p. 52).

Imagem 03: Câmara Cascudo saboreia uma dose de aguardente com amigos



Fonte: acervo Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo, Natal, Rio Grande do Norte¹⁹.

Como podemos ver na imagem, de 1963, durante sua passagem pelo continente africano, Câmara Cascudo degusta, entre amigos, uma dose de aguardente. Fato que demonstra que seu gosto pela bebida foi uma questão presente, como percebemos na citação acima. Ousava dizer que se considerava adepto a uma dose de cachaça, sobretudo, ao champanhe e ao vinho tinto francês para tomar ao lado de bons amigos. Nas madrugadas, não dispensava uma boa xícara de chá quente para amornar suas energias, despertando o espírito intelectual diante de seus estudos:

Quando passávamos a noite despertos, ele no seu habitual trabalho de pesquisa e no batucar constante da máquina (escrevia diretamente, sem cópia e sem borrão anterior, nunca teve secretária porque não sabia ditar) e eu estudava na

¹⁹ As imagens 03, 04, 13 foram fotografadas a partir da reprodução de *banners* que compunham uma exposição no Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo, quando fizemos uma visita ao Instituto, no dia 15 de junho de 2022.

Faculdade de Direito, aí pelas duas ou três da madrugada me solicitava um lanche. Constava, normalmente, de pão francês com sardinhas, ovos fritos e chá-mate. Comíamos às gargalhadas, procurando não fazer barulho para não acordar mamãe. Depois, voltávamos à lida (BARRETO, 2003, p. 52).

Acima de tudo, Cascudo era um grande degustador de vários alimentos e bebidas, depositando em sua mesa o prazer especial de saciar a fome e a sede ao longo das suas constantes refeições – ato que ele considerava sagrado, por ser: “[...] o único que o homem cercou de cerimonial e transformou lentamente em expressão de sociabilidade, ritual político cultural e demonstração de alta etiqueta” (CASCUDO, 2011 [1967], p. 31).

Dessa forma, podemos observar na imagem abaixo Câmara Cascudo no continente africano, sentado em volta de uma grande mesa, aparentemente farta em alimentos. Naquele momento, o intelectual participava de um festival de comida que acontecia em Moçambique, ao lado de companheiros africanos.

Imagem 04: Câmara Cascudo e uma boa mesa.



Fonte: acervo Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo, Natal, Rio Grande do Norte.

Como percebemos na imagem, o momento das refeições era transformado em verdadeiros ritual guiado pela comida e bebida, oportunidade que procurava sociabilizar um banquete entre amigos. Conforme os relatos familiares, seus ritos devem ser levados em consideração pelo fato de que ele só comia em prato de vidro, tomava água em uma taça específica, própria para o uso diário. Seu chá e seu café lhes eram oferecidos somente em xícaras, já o suco e o refrigerante preferia que fossem tomados em copo de cristal e sua bebida, como vinho, champanhe e cerveja, só tomava em uma taça de prata repleta de requinte (LEITE, 2018).

Diante disso, vale considerar que as práticas alimentícias de Cascudo se inscrevem nos moldes do que José Reginaldo Gonçalves categorizou de preferências alimentares que estão inter-relacionadas aos códigos culturais e rituais presentes nas práticas de comer e beber:

As preferências alimentares, os modos de cozinhar, as formas de apresentação dos alimentos, as maneiras de mesa, as categorias de paladar ou gosto, todos esses elementos inter-relacionados compõem um código cultural e ritual por meio do qual mediações sociais e simbólicas são realizadas entre os seres humanos e o universo (2004, p. 47).

Os rituais culinários presentes na vida desse intelectual fizeram história e estão intimamente integrados a um conjunto de práticas e representações culturais de um sistema culinário.²⁰ Antes de tudo, esse sistema se configura em ritos alimentícios que aparecem no comportamento humano, sendo construídos à base de uma totalidade formada por gestos, rituais e hábitos que se inserem em um cotidiano herdado através da repetição. Nesse sentido, podemos destacar as ideias de Michel de Certeau, para quem “[...] cada hábito alimentar compõe um cruzamento de história cultural” (1996, p. 234). Afinal, este foi um dos aspectos que esteve presente no lugar social de Câmara Cascudo quando buscou alinhar seu cotidiano aos estudos culturais e escreveu sobre a comida como uma prática social costumeira.

1.2 O INTELLECTUAL QUE ESTUDA A COMIDA

Um dos pontos interessantes da trajetória intelectual de Câmara Cascudo é que, sendo considerado um dos mais renomados folcloristas brasileiros, ele não ficou restrito somente ao campo folclórico. A partir do chamado Movimento Modernista, desenvolvido no Brasil durante a primeira metade do século XX, mais precisamente com a Semana de Arte Moderna em 1922, José Carlos Reis (2007, p. 117) destaca que “[...] todos os intelectuais quiseram decifrar o enigma do Brasil e interferir na produção do seu futuro histórico. Discute-se, então, a identidade nacional brasileira, os obstáculos ao seu desenvolvimento e progresso, as formas de vencer o atraso horroroso”.

Nesse contexto histórico, o Movimento Modernista espalhou-se pelo Brasil e chegou “[...] no Rio Grande do Norte no ano de 1924, coincidindo com o clima de agitação que se fazia presente diante das transformações que eram anunciadas pelo novo governo” (FERREIRA,

²⁰ Para conhecer detalhadamente esse conceito de sistema culinário, ver José Reginaldo Santos Gonçalves (2004).

2000, p. 13).²¹ Em meio a esta conjuntura política, destaca-se a figura de Câmara Cascudo que, na época, estava desenvolvendo seus primeiros estudos acerca da história do Brasil e dos seus valores culturais. Com este propósito, Cascudo buscava “[...] resgatar um passado que, segundo o próprio autor, estava sendo esquecido e que precisava ser contado e escrevinhado. Câmara Cascudo não era mais um crítico literário, era um historiador” (SALES NETO, 2008, p. 46). Naquele contexto dos anos 1920, para além do modernismo ou do regionalismo, Câmara Cascudo buscou se envolver com a construção de identidades, fossem elas locais, regionais ou nacionais, inclusive a partir da alimentação, acenando para um campo de pesquisa cujo o principal objetivo era analisar as vertentes que formaram a nacionalidade:

Dessa forma, Cascudo não confessor claramente, em sua obra, seu lado modernista – pelo menos, não com a mesma ênfase e sentido que Mário de Andrade e Joaquim Inojosa e outros fizeram. Para Cascudo, muito mais do que um período do modernismo, os anos 20 foram um período de agitação literária, um período em que ele se envolveu com a construção de uma literatura nacional (SALES NETO, 2008, p. 45).

Data dessa época, as primeiras menções a ideia da alimentação enquanto fator cultural. Por isso, podemos dizer que seu apreço pela alimentação e o avanço de seus estudos em torno da historiografia brasileira após o Movimento Modernista foram fatores que o motivaram a fazer da comida um objeto de estudo, articulando questões para que pudéssemos pensar um Brasil que possui, em sua história, uma culinária formada por influência de três grupos distintos: indígenas, africanos e portugueses que juntos, compuseram diferentes arranjos culturais alimentícias e deram corpo ao que hoje conhecemos por culinária brasileira.

Segundo a historiadora Mariana Corção (2012), a maneira que Câmara Cascudo fez suas primeiras análises sobre o assunto estava agregada à sua vivência no Nordeste que, muitas vezes, era influenciada por elementos que estavam próximos do seu cotidiano. A exemplo disso, destacamos a comida e o ato de se alimentar, que esteve presente em sua vida como uma manifestação sociocultural e que, aos poucos, foi se tornando um problema de pesquisa para Cascudo. Para entendermos melhor como se deu o princípio de seus estudos acerca do assunto, vejamos as seguintes palavras:

²¹ De acordo com José Luiz Ferreira (2000), a década de 1920, no estado do Rio Grande do Norte, foi marcada por diversas mudanças no meio social, político, econômico e cultural. Essas mudanças ocorreram graças ao projeto de modernização inaugurado com o governo de José Augusto Bezerra de Medeiros (1884-1971), quando assumiu a liderança do Estado entre (1924-1928). Seu plano governamental estava centrado em mudanças advindas do processo de modernização, as quais se estenderam aos diversos segmentos da vida sociocultural, tanto da capital como do interior. Os assuntos ligados à modernização das cidades, bem como assuntos que falavam do espírito de renovação cultural, imprimido no Brasil, começaram a se fazer presentes na discussão intelectual local.

Cascudo nunca parou um dia e disse, eu vou estudar a alimentação. O que ele diz muito é o seguinte, em tudo que ele estudava sobre a cultura brasileira aparecia a alimentação. Se estava estudando uma festa religiosa, o que tinha no meio da festa? A alimentação. Ele estava estudando uma superstição, o que, que tinha nela? A alimentação. Então, a alimentação estava muito presente no que Cascudo estudava. Então, aquilo começou a se sedimentar e se tornou um campo de estudo (HISTÓRIA, 2020).

Para Daliana Cascudo, percebemos que estudar a alimentação não foi uma decisão cascudiana, mas uma necessidade do estudioso diante da presença incontornável do tema. Devido o assunto está constantemente presente em tudo que ele estudava, teria surgido o que o autor chamou de necessidade de pesquisar²², isto é, estudar aquilo que era vigente no seu cotidiano e na sua memória. Silvia Ilg Byington (2000, p. 27) afirma que “A memória individual motivou Cascudo e deu direcionamento a seus estudos, por outro lado, a cultura popular enquanto objeto de pesquisa fez com que [...] sua identidade pessoal aparecesse fundida na identidade coletiva apresentada em sua obra”.

Posto isso, podemos considerar que, enquanto objeto de estudo, essa história da alimentação pode ser vista à luz do que Michel de Certeau (2011, p. 66) chamou de operação historiográfica. Para esse autor, “A operação histórica se refere à combinação de um *lugar social*, de *práticas ‘científicas’* e de uma escrita”. Este mecanismo operacional esteve presente na memória pessoal de Cascudo, assim como se conectou a uma identidade coletiva, algo que atravessou seu pensamento enquanto intelectual. O autor ressaltou essa ideia que, durante suas pesquisas, a alimentação nunca passou despercebida, sem que fosse lembrada nas suas investigações:

Em todas as pesquisas nunca esqueci de investigar sobre a alimentação popular em sua normalidade. E também nos dias festivos, ciclo religioso, a comida antiga, modificações, pratos que tiveram fama e são recordados como mortos queridos. Sertão e praia, cidade e vila, pelo Nordeste, Sul, viagens fora do Brasil, estava vigilante na pergunta e no registro (CASCUDO, 2011 [1967], p. 11).

1.2.1. EM DEFESA DA ALIMENTAÇÃO E DA COZINHA SERTANEJA

²² O que Câmara Cascudo chamou de necessidade de pesquisar foi uma prática adotada pelo autor, quando se colocou na posição de um intelectual que buscava conhecer tudo aquilo que lhe interessa e o que ainda não havia sido estudado. Nesse caso, destacamos os aspectos da cultura popular brasileira e a alimentação, aspectos do cotidiano sertanejo que sempre estiveram presentes no seu meio social.

Tendo em vista que a alimentação estava em suas preocupações e investigações, os primeiros escritos que Câmara Cascudo teceu acerca do assunto apareceram na década de 1920, com destaque para 1928, quando ele acompanhou os intelectuais Mário de Andrade²³ (1893-1945) e Antonio Bento de Araújo Lima²⁴ (1902-1988) a uma viagem no interior do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Durante a viagem, que resultou em um percurso de 1.307 quilômetros de andanças e análises etnográficas, os elementos analisados foram caracterizados “[...] através de uma obra que traz presente as marcas de um momento em que a vida literária e cultural da província ofereceu elementos para a configuração de uma gênese cultural brasileira [...] e típica do sertão” (FERREIRA, 2000, p. 13).

Conforme relatos de um dos integrantes dessa empreitada, Antonio Bento de Araújo Lima destaca (1929, p. 3):

A viagem de mais de mil quilômetro em menos de uma semana, Luís da Câmara Cascudo e eu fizemos em companhia da Mário de Andrade, através de todo o Estado, foi possivelmente uma das mais interessantes excursões que poderão ser feitas atualmente no Brasil. [...] Por essa razão, a viagem de automóvel realizada, valeu mais como estudo concreto de alguns dos aspectos sociais mais típicos do Brasil, do que vários livros de sociologia. [...] Por vários aspectos, essa viagem foi interessantíssima, com observação direta da vida sertaneja e análises dos hábitos e práticas culturais, costumes, crenças, alimentações, tradições e secas e outros diversos elementos que compõem o espaço.

Conforme a citação, ao longo desse percurso pelo sertão, os intelectuais conheceram muitas características regionais, inclusive aspectos alimentícios e elementos da cozinha sertaneja. Na ocasião, os relatos sobre a viagem feitos por Cascudo foram publicados em crônicas no jornal potiguar *A República*. Posteriormente, em outra viagem pelo sertão, dessa vez em comitiva oficial do governo do Rio Grande do Norte, novos relatos foram produzidos por Cascudo sobre os sertões, compondo a obra etnográfica *Viajando o Sertão*, publicada em 1934, seis anos após a realização da primeira expedição intelectual pelos sertões. Foi na publicação dos anos 1930 que o autor apresentou os resultados mais explícitos sobre os aspectos alimentares da cultura sertaneja.

²³ Mário de Andrade foi um escritor brasileiro. Conhecido nacionalmente pelo seu destaque intelectual, sobretudo, por ser considerado expoente e precursor do Movimento Modernista Brasileiro. Também foi poeta, romancista, contista, crítico literário, musicólogo, professor e pesquisador de manifestações culturais. Sua obra desbrava as características de um nacionalismo crítico com a valorização de uma identidade nacional.

²⁴ Antonio Bento de Araújo Lima, foi um paraibano, advogado, jornalista, crítico de arte, poeta, cronista musical e contista. Seu legado representa uma das maiores expressões do jornalismo e da cultura nacional.

Na obra *Viajando o Sertão* (1934) foi dedicado um capítulo para os elementos alimentícios, que está intitulado: *Em Defesa da Cozinha Sertaneja*. Nesse capítulo, o autor descreveu o estilo de vida do homem sertanejo e seus hábitos e costumes alimentares. Sendo assim, o grande destaque que Cascudo trouxe nessa abordagem foi a forma como o sertanejo interagia com a sua alimentação, havendo determinadas ocasiões em que sua culinária era negada e desvalorizada pelo próprio sertanejo, indo contra a uma pretensa cultura alimentar tradicional, conforme podemos observar na citação a seguir:

A cozinha sertaneja está decadente. O nosso sertanejo disfarça, esconde, mistifica sua culinária quando tem visitas. Crê ficar desonrado servindo coalhada com carne de sol, costelas de carneiro com pirão de leite, paçoca com bananas, milho cozido, feijão verde, o mungunzá que o africano ensinou e a carne moqueada que ele aprendeu com o indígena. [...] Assim, a cozinha sertaneja perde a sua essência (CASCUDO, 2012 [1934], p. 24).

Para Cascudo, ao contrário dos sertanejos, os sudestinos se orgulhavam em apresentar sua culinária, sobretudo, quando era para alguém que trazia outros valores culturais alimentícios. Nessa comparação, Cascudo destacou que “[...] o primeiro cuidado de um fazendeiro de Minas Gerais ou São Paulo é provar que come bem e o que come é gostoso” (2012 [1934], p. 24).

Para Mariana Corção (2012), a análise que Câmara Cascudo faz em defesa da cozinha sertaneja é resultado de um processo que objetiva salvaguardar a identidade de um povo e os valores alimentares de uma região que, pretensamente, resguardavam a essência nacional do sertanejo:

O problema da alimentação é participar direto do valor racial. Nada mais anti-patriótico e desumano que esta modéstia criminoso. Nós devemos ter o orgulho de nossa alimentação tradicional, formadora de rijos homens de outrora [...] lutando com as onças a facão e morrendo de velhos. [...] O sertanejo precisa convencer-se de que deve à sua forma de alimenta-se a justificação de sua resistência física (CASCUDO, 2012 [1934], p. 24).

A desvalorização dos antigos hábitos sertanejos é a questão chave do capítulo: *Em Defesa da Cozinha Sertaneja*, ele apresentou questionamentos e críticas e procurou otimizar uma alimentação popular. Em consonância a isso, Cascudo se posicionou a favor da valorização do cardápio e hábitos alimentares, discutindo características importantes no que diz respeito a uma cultura sertaneja alheia²⁵, que sofreu influências da modernização até que uma dada

²⁵ O conceito de identidade sertaneja alheia está pautada, na perspectiva de Câmara Cascudo (1934), como um dos elementos que estava invadindo a cultura sertaneja. O autor aponta que, ao passar do tempo, os sertanejos estavam

“essência” da identidade cultural começasse a perder espaço para um ideal de cardápio modernizado,²⁶ existente no litoral do Nordeste. Com isso, o intelectual apresentou o exemplo entre o sertão e o litoral do Rio Grande do Norte.

No sertão do Rio Grande do Norte a tendência é seguir o litoral no cosmopolitismo alimentar, quase sempre irracional e péssimo. Os tutanos de “corredor” de boi que, misturados com rapadura, constituíam o mistério das supremas vitalidades masculinas, já não têm apreciadores. Não vi comer farinha com açúcar, sobremesa típica, nem angu de ovos, prato de crianças em idade escolar. [...] Mal se come o milho e o leite que constituem bases alimentares de primeira ordem, e tendo a vantagem do sabor e dá fácil aquisição. Defendamos a cozinha secular que nos doou músculos sereno e forças gigantescas (CASCUDO, 2012 [1934], 25).

Diante desse discurso em defesa da cozinha sertaneja, percebemos que os argumentos de Câmara Cascudo perpassam o cuidado com a permanência dos valores e a legitimidade cultural do povo sertanejo em torno do seu cardápio. Assim sendo, devemos levar em consideração que, diante do que o autor aborda na sua obra, ele apresentou a alimentação como uma identidade própria de um povo que estaria intimamente ligado à região sertaneja no Nordeste brasileiro, remontando ao que foi discutido anteriormente, quando o mesmo é influenciado pelo Movimento Modernista a pensar um Brasil que construiu sua história sob a égide cultural do seu povo. Com isso, Cascudo definiu a alimentação como um símbolo cultural que, historicamente, foi efetivando suas práticas e valores.

1.2.2. A ALIMENTAÇÃO ENQUANTO RITUAL DIÁRIO

A alimentação foi um objeto de estudo que atravessou o pensamento intelectual de Câmara Cascudo. Seus escritos sobre o assunto aparecem novamente no livro *Geografia dos Mitos Brasileiros*, publicado em 1947, em que o autor estuda boa parte do território brasileiro de Norte a Sul e Leste a Oeste. Sua tarefa, ao longo desse percurso intelectual, foi justamente analisar a geografia e os mitos brasileiros, compilando todas as informações que obteve durante a pesquisa, em uma verdadeira enciclopédia folclórica das lendas e mitos brasileiros que atravessavam gerações. Assim, essa *geografia* foi desenvolvida pelo autor:

buscando inspirações em um cardápio existente nas regiões litorâneas do Nordeste, com pretensões de aos poucos modificarem a cozinha e a culinária sertanejas.

²⁶ Para Câmara Cascudo, o cardápio modernizado estava composto por comidas que não seriam “típicas” diante da culinária sertaneja. Sendo assim, esse cardápio estava formado a partir da culinária que prevalecia/prevalece sobre a mesa de uma classe social consideravelmente alta.

Como, preparando minha "Etnografia Tradicional do Brasil", ia sendo compelido a cruzar com todos esses bichos e seres espantosos, senti-me na disposição de prendê-los num campo, bem pobre e curto, mas enfim um campinho onde poderão ser vistos em maior número que no meio das matas, dos capoeirões e das várzeas brasileiras, dos rios, dos ares e das montanhas da Pátria. Era uma tarefa difícil, áspera e longa, mas devia fazerla, mal, pero hacerla... (CASCUDO, 2012 [1947], p. 6).

Diante do exposto, percebemos que o objetivo de Câmara Cascudo com suas investigações era apreender tudo aquilo que poderia ser considerado fora do comum, diante da concepção humana. Em outras palavras, quando o autor trouxe a expressão “prender”, ele estava se referindo a prática de registrar tudo o que se ouvia falar a respeito do que ele chama de coisas anormais,²⁷ tidas como superstições, lendas e mitos. Dentre esses registros, Cascudo destacou a alimentação como um dos viveres constituído por práticas culturais e rituais míticos, durante os atos de comer e beber. Nessa obra, suas análises acerca da comida e da alimentação aparecem enquanto um ato sagrado, conforme a citação a seguir:

Ao virem os inícios do catamênio, a donzela é encerrada num quartinho e nada come. Bebe apenas água que o Pajé soprou. Terminado o mênstruo é levada pelas velhas, com fumigações aromáticas e sem ser vista pelo olhar dos homens, até o rio onde toma banho. Volta para o quarto e até findar a lua sua alimentação é parca, limitada e especial. Depois é que regressa à sala onde se serve da comida ritual, carne de teiú ou de tatu, comidas sagradas. (CASCUDO, 2012 [1947], p. 82).

Nesse mesmo contexto, o autor seguiu mostrando a alimentação enquanto uma ação sagrada em momentos festivos e uma prática especial durante as fases de transição da vida do ser humano:

Na tribo cunhanquira [...] durante a defloração das donzelas é ordenado que fique em repouso e com alimentação especial durante uma lua, para que adquira a força que perderá. [...] Do regimento para este momento, festas sagradas, acontecem quando se comer a fruta do pücã, quando se comer caça da floresta, quando se comer peixe grande e quando se comer caça de pena (CASCUDO, 2012 [1947], p. 84-85).

Em suma, o que se observa diante das palavras de Cascudo nas presentes citações é a forma em que o autor busca analisar a alimentação enquanto prática formada e presente em rituais humanos, neste caso, indígenas. Sendo assim, a prática está centrada nos aspectos alimentícios de uma cultura, que faz da sua comida um verdadeiro sinônimo de tradições que

²⁷ Para conhecer detalhadamente esse conceito de coisas anormais, ver Luís da Câmara Cascudo (1947).

cercam um conjunto de crenças e rituais de um determinado grupo social. Atento em revelar essas questões, a alimentação aparece para Cascudo como uma das formas da sociedade expressar seus valores culturais, práticas religiosas e elementos que condizem com os costumes folclóricos e saberes populares que envolveriam todas as etnias presentes na composição da sociedade brasileira.

Neste sentido, o sistema alimentar não funciona exclusivamente como ato de comer, beber e saciar nossas necessidades, mas para satisfazer uma manifestação cultural, um ato mítico ou uma crença formada diante da necessidade natural e cultural de um povo que constrói sua identidade por meio das suas devoções. Assim sendo, Reginaldo Gonçalves, diz que: “Mais que isso, a alimentação e suas práticas estão associadas às formas específicas e particulares de preparação, apresentação e consumo [...] dos alimentos como um valor identitário de um povo” (2004, p. 44). Ou seja, são essas práticas que constituem a comida enquanto uma questão mitológica, uma crença religiosa ou uma forma de contemplar rituais através de uma cultura.

Por outro lado, autores como Ewerton Wirley Silva Barros (2018), que discute a atuação de Câmara Cascudo no Movimento Folclórico Brasileiro, aborda as superstições folclóricas e aponta que os mitos brasileiros estudados por Cascudo dizem respeito a sua postura metodológica enquanto um pesquisador que se debruça sobre as práticas etnográficas e sobressai diante das suas pesquisas “[...] colhendo assuntos religiosos, macumbas, candomblés, xangôs e mitos e é [...] recomendável que fosse “solidário” com os informantes interagindo na expressão religiosa cantando, bebendo, comendo, dançando e saltando durante as pesquisas” (BARROS, 2018, p. 43).

Destarte, o exposto acima diz muito sobre os métodos utilizados por Cascudo durante as suas investigações acerca da alimentação. Sendo ele um pesquisador que se engajava com o seu próprio objeto de análise e se colocava como um representante dos estudos folclóricos, ele classificou os saberes ditos populares referentes à alimentação enquanto uma arte que possui valores, crenças e identidade próprias, assim como foi destacado no seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros (1947)*. Nessa perspectiva, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013b, p. 136) aponta que a prática de classificar conhecimento para Câmara Cascudo, “[...] não é apenas nomear, organizar, selecionar, hierarquizar, distribuir, mas é também dar significado distinto, deslocar de lugar, inventar lugares novos para estes materiais fazerem sentido”.

Diante do que é dito por Durval Muniz na referida citação, entende-se que Cascudo, ao classificar suas investigações, atribui sentido ao que seria tido como cultura a partir de sua concepção de mundo e de seu lugar social de fala. Desse modo, destacamos o seu livro

Geografia dos Mitos Brasileiros (1947) e a sua abordagem sobre a alimentação, aparecendo como um gênero que historicamente permaneceria enraizado em tempos ancestrais, definindo ritmos e construindo tradições culturais, tanto no ato de comer, quanto no de beber. Além disso, o próprio Cascudo nos esclarece que a alimentação está conectada ao corpo e a alma, assim como pode se transformar numa ação que envolve relações no contexto doméstico, quanto em situações altamente ritualizadas. Nessa ocasião, os alimentos não servem apenas para saciar a fome, mas como bens rituais, que incluem indivíduos ou criaturas distantes, como divindades, santos e mortos (CASCUDO, 2012 [1947]).

1.2.3. A CLASSIFICAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO

Após Câmara Cascudo fazer seus primeiros registros sobre a alimentação, escrevendo em defesa da cozinha sertaneja e posteriormente sobre a alimentação enquanto uma prática ritualística presente na vida de um povo, em 1954, o autor publicou outro livro que organiza um discurso sobre o vocabulário alimentar e faz referência a uma série de “[...] alimentos da linguagem popular” (CASCUDO, 2012 [1954], p. 29).

Esses escritos aparecem na obra *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954), cujo seu objetivo era:

[...] pôr em ordem um temário do Folclore Brasileiro para simplificar as consultas pessoais. Lendas, mitos, superstições, indumentária, bebidas e comidas tradicionais, os santos favoritos do hagiológico nacional, os folcloristas, vinte e outros temas foram sendo colocados em ordem alfabética, com a indispensável bibliografia (CASCUDO, 2012 [1954], p. XVII).

Foi o sucesso dessa obra que tornou Câmara Cascudo um folclorista de renome nacional e internacional. Por apresentar nas suas entrelinhas centenas de verbetes sobre diversos elementos da cultura popular brasileira que, além de mostrarem o folclore enquanto um conjunto de expressões que se encontra em constante movimento, tem outros elementos que devem ser investigados de acordo com o pensamento do autor. Um exemplo disso, podemos destacar o verbete que trata dos aspectos alimentícios.

Tal discurso pode ser analisado a partir da perspectiva foucaultiana, em que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 2004, p. 10). Sendo assim, esse discurso consiste em categorizar os elementos alimentares, problematizados por Cascudo no seu *Dicionário*, destacando os numerosos registros acerca dos costumes

alimentares e festas populares em que a alimentação foi um destaque imprescindível para a sociedade. Em virtude disso, Cascudo reconheceu a necessidade de realizar um estudo mais sistemático em torno da alimentação e da cozinha brasileira:

A alimentação e as festas possuem registro apreciável, mas não alcançam áreas suficientes para uma visão sistemática. Impunha-se a necessidade dos calendários folclóricos em cada estado e a sempre desejável e adiada História da Cozinha Brasileira, com documento e vagar (CASCUDO, 2012 [1954], p. 11).

De acordo com a referida citação, Cascudo demonstrava que a alimentação era um bem apreciável que tem registro cultural. Porém, esse registro não seria o suficiente para que pudéssemos considerar a alimentação como um objeto de estudo com pesquisas sistematizadas. Por conta disso, no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, o autor dedicou um verbete para a alimentação, formado por cento e dois tipos de alimentos que ele considerou típicos da “[...] linguagem popular, registrados em numerosos exemplos em qualquer recanto do Brasil” (CASCUDO, 2012 [1954], p. 29). Na oportunidade, Cascudo ressaltou que estudar a comida era conhecer o complexo da nossa própria história e apontou que:

O folclore da nossa alimentação é tão variado e complexo como sua própria História. Um tanto afluído nas superstições alimentares, a vastidão temática que compreende toda a etiqueta tradicional da mesa, o respeito, que é um vestígio religioso inapagável [...] por isso, precisa ser estudado” (CASCUDO, 2012 [1954], p. 27-28).

Os alimentos classificados por Cascudo na obra supracitada estão organizados de acordo com a taxonomia das palavras e se encontram conceituados e exemplificados, atravessando todo o alfabeto em uma sequência de palavras que percorre as letras A ao Z. Na ocasião, a classificação que o autor utilizou para explicar cada alimento destacado na obra pode ser interpretado naquilo que Foucault (1999, p. 175) chamou de método taxonômico que “[...] tem por função caracterizar (e em consequência reduzir as singularidades individuais) e constituir uma classes”.

De forma discreta, o procedimento metodológico usado por Cascudo no verbete da alimentação foi o referido método taxonômico, usado para conceituar a classe de cada tipo de comida presente na obra. Para exemplificar o que está sendo dito, apresentamos uma tabela destacando os alimentos discutido no *Dicionário* e o grupo alimentar que eles se encontram.

Na seguinte tabela não procuramos explicar o significado de cada alimento, muito menos fazer uma análise crítica em torno do sentido de cada gênero alimentício. O que estamos

propondo é mostrar que, diante da trajetória intelectual traçada por Câmara Cascudo, uma terceira pesquisa em que a alimentação aparece está pautada em um dos verbetes de um dicionário folclórico, feito através de uma classificação em que o próprio Cascudo chamou de alimentos típicos da linguagem dita popular. Para apresentarmos quais alimentos são chamados de popular, organizamos na tabela abaixo uma sequência de pratos e o grupo alimentar que cada alimento estava inserido, correspondendo a uma ordem nominal.

Tabela 1: ALIMENTOS TÍPICOS DA LINGUAGEM POPULAR

Açucarados:	Alfenim; Cana-de-açúcar; Garapa; Melaço; Rapadura.
Bebidas:	Água; Azeite; Beber jurema; Cachaça; Café pequeno; Chá; Molho; Tereré; Vinagre.
Cereais e Derivados:	Angu; Arroz-doce; Arroz doce de pagode; Bolo; Curau: Cuscuz; Farinha; Farofa; Feijão; Fubá; Goma; Mungunzá; Manteiga; Milho; Pamonha; Panqueca; Pão; Papinha; Pastel; Pipoca; Pirão; Puba; Quitada; Sal; Sopa; Tapioca; Tareco.
Carnes e Derivados:	Bacalhau; Badejo; Bife; Bode; Bofe; Bucho; Canja; Carne-seca; Filé; Galinha; Ganso; Linguiça; Malassada; Manjuba; Moqueca; Ova; Ovo; Pato; Peixe; Peru; Piaba; Sarapatel; Siri; Sururu; Xaréu.
Doces:	Cocada; Confeito; Empada; Furrundum; Goiabada; Marmelada; Paçoca.
Frutas:	Abacaxi; Azeitona; Bago de jaca; Banana; Catolé; Dendê; Goiaba; Jaca; Jenipapo; Limão; Mamão; Mangaba; Manga verde; Manjuba; Melancia; Melão; Pinha; Pitomba; Uva.
Legumes:	Batata; Cebola; Jerimum; Macaxeira; Pepino; Pimenta; Tomate.
Laticínios:	Mingau de leite, Pastel de nata; Queijo.

Fonte: Autor da pesquisa com base na obra *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954)

Esses são os alimentos destacados no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954) e considerados por Câmara Cascudo como típicos da linguagem popular e do cardápio brasileiro, presentes “No vocabulário usual referente aos alimentos [...] que são diariamente entendidos em todas as classes sociais” (2012 [1954], p. 29). Diante da classificação em que Cascudo organizou os alimentos, autores como Laurence Bardin (2016, p. 9) apontam que pesquisas dessa natureza se inscrevem nos moldes da análise dos conteúdos históricos, que discutem “[...] a análise do conteúdo de um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante

aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

Uma rápida abordagem sobre a análise de conteúdo deixa evidente em que tipo de discussão a pesquisa de Cascudo se inseriu. Apoiando-se em um conjunto de elementos populares do cardápio brasileiro, sua análise sobre a alimentação também está inserida ao método quantitativo da pesquisa histórica. Segundo Bardin (2016), uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados e uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação. Isso nos ajuda a entender a maneira na qual Cascudo apresentou a alimentação nessa sua obra, conceituando de forma objetiva todos os alimentos e categorizando por meio de significados em torno de um estudo quantitativo.

Vale lembrar que o estudo desenvolvido por Cascudo contemplou a construção de uma pesquisa que atravessou seu pensamento enquanto um intelectual no que diz respeito às suas investigações em torno da cultura popular. Tendo em vista a longevidade dos seus estudos acerca da alimentação, Adriana Leme e Rafael Basso apontam que seu pensamento foi significativo para a cultura brasileira e as suas inquietações “[...] folclóricas foram responsáveis por fundar um discurso sobre a culinária brasileira, através de um recorte étnico” (2014, p. 31), entre os povos indígenas, africanos e portugueses que, segundo Cascudo, foram os pilares para construção do cardápio brasileiro.

Com isso, podemos dizer que, antes de ir à África para estudar as raízes da alimentação brasileira, Cascudo construiu uma linha de pensamento sobre a cultura alimentícia que basicamente atravessou a primeira metade do século XX. Podemos perceber isso quando paramos para ver o início dos seus estudos acerca do assunto em 1928, quando foi ao sertão norte-rio-grandense e paraibano e fez uma crítica em defesa da cozinha e comida sertanejas. Logo depois, em 1947, o intelectual organizou, geograficamente falando, um estudo sobre os mitos brasileiros, destacando a alimentação como uma figura identitária na cultura de um povo, e por fim, a ideia do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, em 1954, discutindo a alimentação em uma publicação que levou anos para ser concluída segundo o autor: “Em 1941, a ideia de um **Dicionário do Folclore Brasileiro** apareceu como um plano para dez anos de trabalho sereno, sem pressa e sem descanso” (CASCUDO, 2012 [1954], p. XVII, grifo do autor).

Desse modo, como afirmam José Walber Oliveira; Luan Batista e Francisco Sales Neto (2022, p. 150):

Considera-se que, entre 1928 a 1963, Câmara Cascudo agiu como um colecionador de conhecimento e reuniu uma gama de informações e discussões sobre a alimentação brasileira que foram compiladas até 1967 com a conclusão e publicação da sua monumental obra, História da alimentação no Brasil.

Face ao exposto, devemos levar em consideração que, antes mesmo de Câmara Cascudo viajar para o continente africano em busca de uma identidade para a alimentação brasileira, ele traçou uma trajetória de estudos e análises sobre a cultura popular alimentícia. Portanto, compreende-se que foi, pelo menos, desde o final da década de 1920, que Cascudo demonstrou interesse pelo assunto e foi sistematizando uma história para a alimentação brasileira. Através desse percurso, reuniram-se as condições de possibilidade para a sua descoberta de um campo de estudo em torno da África, constituindo a partir da década de 1930, uma rede de comunicação entre intelectuais e instituições produtoras de saberes preocupados em estudar a formação da identidade brasileira em um viés cultural.

Portanto, é importante destacarmos que, ao longo dessa discussão, foi apresentado a postura de um Câmara Cascudo folclorista, que em seus escritos procurou mapear o lugar e o papel da alimentação na cultura popular. Sendo assim, em sua produção enquanto folclorista, nota-se o progressivo desenvolvimento de um perfil etnográfico que, neste caso, surgiu por meio da necessidade de conhecer e registrar os costumes ligados às práticas alimentícias e aos seus interesses políticos, através de suas relações de saber e poder, como será visto adiante.

CAPÍTULO 2

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A DESCOBERTA DA ÁFRICA

O intelectual é um sujeito conectado entre si, com genealogias e passados imaginados, além de em diálogo com as questões políticas e sociais de seu tempo.

Angela de C. Gomes e Patricia S. Hansen (2016)

O enunciado que serve de epígrafe para este capítulo foi escrito pelas historiadoras Angela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen e evidencia o entendimento do intelectual como um sujeito atento às questões do tempo em que vive e escreve. Esse sentido pauta nossa pesquisa que, neste capítulo, objetiva discutir a descoberta de um campo de estudo pelo intelectual Luís da Câmara Cascudo em torno da África e seus aspectos culturais, problematizando também uma rede de comunicação entre intelectuais e instituições produtoras de saberes e poderes durante o século XX.

Em uma correspondência enviada para Câmara Cascudo, em 1937, o intelectual Josué de Castro, fez um convite para escreverem um livro juntos. Em resposta, Cascudo fez os primeiros apontamentos, destacando a possibilidade de abordarem elementos da culinária africana através de uma pesquisa. Na mesma correspondência enviada a Castro, Cascudo demonstrou seu interesse em estudar a formação da cozinha brasileira e os contributos originários da cultura negra e a sua dieta alimentar, ressaltando a seguinte informação: “Josué amigo. Recebi sua carta ontem. [...] Seu esquema é ótimo e eu adoto com todas as letras [...]. E optará entre a formação da cozinha brasileira e sua evolução e as influências culturais – branca, negra e índia” (CASCUDO, 1937d).

Na tentativa de pesquisar sobre a formação da cozinha brasileira e o valor cultural de seu povo, Cascudo apresentou, ainda como proposta, ideias para uma futura pesquisa que articulasse aspectos culturais dos povos africanos e sua influência para a formação da cozinha brasileira.

A descoberta deste campo de estudo, que consiste na formação da cozinha brasileira e seus contributos advindos da cultura africana, era algo inédito naquele momento e pedia urgentemente uma bibliografia, pois, até 1960, falava-se em África a associando aos seus descendentes no Brasil e à questão racial no ângulo da miscigenação. Deste modo, destacamos Câmara Cascudo como um dos primeiros intelectuais que acenou para uma vertente de estudos

acerca da cultura africana com uma reflexão almejando estudar a África pela ótica das contribuições trazidas pelos africanos para a construção da nacionalidade brasileira, voltada para os aspectos da cultura alimentícia, que muito se faz presente na culinária brasileira.

No entanto, vale lembrar que o interesse de Cascudo pelos subsídios da cultura africana a originar uma culinária brasileira não se deu da noite para o dia e nem mesmo no percurso de uma década. Como já pontuamos anteriormente, para que Cascudo efetivasse uma pesquisa em torno da formação da culinária brasileira e das raízes da sua gastronomia no seio da alimentação africana, esse intelectual desenvolveu uma trajetória de estudos acerca da chamada cultura popular, com ênfase em elementos da cultura alimentícia. Desde 1928, com a viagem ao Sertão do Rio Grande do Norte e Paraíba, que Cascudo permanecia atento para revelar algumas características da alimentação, hábitos e costumes do seu período²⁸.

A necessidade de realizar uma pesquisa desta natureza lhe concedia um destaque simbólico, por ser o intelectual precursor na descoberta da inter-relação entre a cultura alimentícia brasileira e africana, um estudo que atravessava o Atlântico Sul. Foi esse o contexto em que emergiu a descoberta dos interesses de Cascudo por um estudo em torno da alimentação africana. Como vimos no capítulo anterior, entre os anos 1920 e 1950, consolidou-se a ideia de problematizar e coletar uma bibliografia que tratasse do assunto e lhe garantisse um aporte teórico para sistematização da pesquisa. Na sua composição de pesquisador, enquanto reunia informações no que dizia respeito ao panorama alimentar africano, Cascudo conseguiu compilar fontes para a sua investigação, reunindo vários elementos de fins do século XV:

Dos africanos, da África Ocidental, sudaneses e bantos, levantei o possível panorama alimentar, partindo de informações de fins do século XV. E sua presença nos víveres de um grande engenho de açúcar brasileiro, na primeira metade do século XVII, assim como o pequeno mundo de permutas afro-brasileiras, até o século XVIII, clímax da influência negra nesse setor. [...] Recorri à bibliografia de viajantes estrangeiros no Brasil do século XIX, e bem principalmente às notas pessoais tomadas ouvindo ex-escravos (CASCUDO, 2011 [1967], p. 8).

Cascudo demonstrou um interesse bastante consolidado pelo tema da alimentação africana, acompanhado de um discurso com diferentes nuances entre os povos brasileiros e os povos africanos, desenvolvendo o desejo de analisar/descobrir a inter-relação entre esses dois continentes (África e América/Brasil). Contando com a ajuda desse material (re)colhido durante

²⁸ Foi através da viagem no Sertão norte-rio-grandense e paraibano que Câmara Cascudo permaneceu atento e interessado em evidenciar algumas características alimentares, juntamente com os seus hábitos e costumes, que prevaleciam em torno do seu período, ou seja, a década de 1920, quando o Brasil passava por um processo de modernização e muitos intelectuais teciam um olhar crítico acerca do que estava ao seu redor.

anos de investigações, a sua contribuição ao tema podia se tornar ainda mais valiosa e significativa.

À medida em que sua pesquisa foi avançando, enquanto intelectual atento aos problemas e perspectivas de seu tempo, Cascudo recorreu ao diálogo com outros intelectuais que possuíam estudos aproximados à sua perspectiva. Essa seria mais uma das formas de angariar informações conjuntas para uma investigação em torno do continente africano. Com essa postura metodológica, ele criou uma rede de comunicação e buscou dialogar com outros pesquisadores, estabelecendo contatos com nomes de referência em torno do assunto.

Na tentativa de dialogar com outros estudiosos, Câmara Cascudo manteve uma rede de comunicação mediada por cartas/correspondências ou telegramas que, pelo menos até os anos 1980, eram as principais ferramentas que lhe permitam transmitir e receber informações de seus pares intelectuais, entre locais distantes no tempo e no espaço. Sendo assim, destacamos Cascudo enquanto intelectual de seu tempo, que manteve uma ampla rede de comunicação com vários outros intelectuais.

Entre os intelectuais que colaboraram com essa rede, destaca-se Josué de Castro que, durante toda a década de 1930, manteve interlocução com Cascudo por meio de correspondências, materializando um diálogo historiográfico em torno do projeto para estudar a história da alimentação brasileira, aliado a uma proposta de estudo em que a alimentação brasileira e a dieta africana seriam os problemas pesquisados.

2.1 CONVERSA COM JOSUÉ DE CASTRO SOBRE A FOME E A ALIMENTAÇÃO

Para José Murilo de Carvalho (2000), estudar o pensamento intelectual através de uma rede de comunicação pautada em correspondências requer atenção, pois esse tipo de estudo se configura no interior da história intelectual, ou história das ideias, que precisa ser feito a partir de abordagens que contextualizam o pensamento individual de um ou outro autor, voltado para uma única temática no campo da história social, política e cultural.

Neste sentido, este tópico apresenta a rede de comunicação construída entre dois intelectuais: Câmara Cascudo e Josué de Castro, presente nas suas correspondências que se encontram disponíveis para pesquisa no LUDOVICUS - Instituto Câmara Cascudo, na cidade do Natal, estado do Rio Grande do Norte; e no Acervo Josué de Castro, vinculado a FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco, na cidade do Recife, em Pernambuco. Entre esses escritos se

destaca o pensamento desses intelectuais circulando no campo da história cultural, especialmente em torno de um diálogo que diz respeito a questões como a fome e a alimentação.

Nesse contexto, partimos da perspectiva histórica da escrita de si, para mostrar a relação acadêmica e pessoal presentes nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Josué de Castro. De acordo com Michel Foucault (2000), é oportuno pensar a partir dessa confluência o conceito de escrita de si, que consiste em uma relação do sujeito consigo mesmo ou com outro indivíduo, refletindo e traçando limites para si próprio. Além disso, Angela de Castro Gomes (2004), aponta que a escrita de si tem uma grande particularidade metodológica com a qual estamos propondo nesta pesquisa:

A escrita epistolar é uma das modalidades de escrita de si que mais tem sido utilizada pelos historiadores tanto como fonte, quanto como objeto de estudo. [...] A escrita epistolar é, portanto, uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos. (GOMES, 2004, p. 19).

Analisar escritos como cartas ou correspondências é expressar uma forma emblemática de estudo, por se constituir sobre muitas particularidades em torno do lugar social de fala do indivíduo, que neste momento aparece como um sujeito de pesquisa. Outro aspecto semelhante é que fazer história intelectual a partir de documentos particulares significa trabalhar com um mecanismo amplamente utilizado para a construção de ideias pessoais, visando até mesmo questões pessoais e cotidianas. Sendo esta uma das características que faz do diálogo epistolar um lugar de sociabilidade para aproximar pessoas e somar ou trocar informações (GOMES, 2004). A título de exemplo da subjetividade que estamos falando, a partir da ideia de uma escrita de si, citamos trechos de cartas que apresentam o tratamento entre os intelectuais:

Imagine também, Josué de Jericó, que eu estou me arriscando a ir-me avistar com você aí no Rio. Você não, eu vou... Fui convidado pelo Liceu Literário Português para fazer falação na inauguração da nova sede, aí na rua senador Dantas. E aceitei. Vôo para lá e volto. Uns 10 a 12 dias cariocas. O bastante para comermos juntos e conversarmos (CASCUDO, 1937d).

Meu caro Cascudo [...]. Muito grato, pois, pelo interesse revelado e pelo tempo dedicado em comentar as ideias do seu amigo. Estou precisando de uma longa conversa com você para atualizar o desejo de saber uma porção de coisas de sua vida, de seus projetos e desse Nordeste que nunca se cansa de me deduzir. Quando o teremos por aqui? (CASTRO, 1942a).

Na tentativa de manter uma relação mais próxima e uma rede de comunicação, o diálogo entre esses intelectuais se consolidou em uma questão específica: a alimentação. Percebemos

isso, quando Cascudo procurou Castro, a partir da década de 1930, cujo objetivo era articular ideias para um estudo que abordasse a origem da culinária brasileira. A intenção entre os autores era escreverem um livro que contextualizasse, em um amplo sentido, a alimentação brasileira pelo viés da sua origem e dos aspectos que compõem a cultura alimentar.

Essa troca de informações para realização de uma pesquisa apareceu em uma correspondência de 19 de setembro de 1937, quando Cascudo escreveu anunciando o início de uma investigação sobre a alimentação e expressou o que faria com as informações coletadas, caso a encontrasse:

Vou catar os tabús alimentícios e mandarei os resultados da caçada. Eu até pensava em escrever um artigo sobre a COSINHA BRASILEIRA, dando as linhas gerais da alimentação pelas regiões, extremo norte, nordeste, Rio, S. Paulo - Minas, centro e sul, características, pratos velhos, etc. Apenas um artigo de informação de bloco. Mas estou preguiçando e nem sei que a coisa nascerá. Em qualquer caso as notas são suas, meu doutor, avisando-me que as quer (CASCUDO, 1937c).

Ao fazer os primeiros apontamentos da coleta de informações no âmbito alimentar, Cascudo propôs uma análise acerca dos tabus alimentícios, com pretensão de encaminhar as informações coletadas para Castro que, naquele momento, encontrava-se em processo de conclusão da sua obra: *Fisiologia dos Tabus* (1938). Segundo Adriana Leme (2019, p. 169), o interesse de Cascudo ao estudar a alimentação consistia na veemência em “[...] mapear, a partir da psicanálise freudiana, alguns tabus alimentares nacionais”, que serviria como informações e contribuições para a finalização da obra de Castro, *Fisiologia dos Tabus*.

Três meses depois que Cascudo escreveu para Castro, afirmando que iria investigar elementos sobre os tabus alimentares, ele recebeu, no dia 30 de outubro de 1937, notícias de que o livro *Fisiologia dos Tabus* já estava pronto e que em breve lhe seria enviado uma cópia para ser lido e, possivelmente, emitir suas impressões de leitura:

Qualquer dia desse lhe mandarei datilografado um ensaio meu sobre “Fisiologia dos tabus” que acabo de escrever nesses 4 dias de convalescença. Justa razão para que seja coisa fraca, alimentada com caldo ralo de galinha. Mas gostaria que você passe os olhos na historiada. Tem um apêndice contendo alguns tabus alimentares brasileiros (CASTRO, 1937a).

Dias depois do recebimento da carta de 19 de setembro de 1937c, Castro escreveu para Cascudo, no dia 30 de outubro de 1937, a seguinte resposta:

Sobre o assunto da alimentação, já que você tem tanto material e tanto gosto pela coisa e já pensou mesmo em escrevermos um ensaio, em lugar de lhe

roubar de vez suas notas, eu lhe proporia, se não fosse exigir ainda mais e mais absurdamente, que fizéssemos um estudo em colaboração. Com meditações suas e estragados comentários meus de biologia e de etnologia... Se aceita, combinaremos de vagar como fazemos as coisas. O estudo poderia se chamar 'Pequena história da cozinha brasileira' (CASTRO, 1937b).

Diante do que aparece na correspondência, compreende-se que Castro reconheceu o interesse e mencionou a longevidade do material coletado por Cascudo durante anos de investigação sobre o assunto da alimentação. Um aspecto importante se refere ao fato de Castro perguntar a Cascudo se ele já havia pensado em escrever um ensaio e, conforme esta pergunta, entende-se que foi feito um convite a Câmara Cascudo. Diante da correspondência, Castro sugeriu ainda fazer uma divisão em partes, de modo que cada autor ficaria encarregado por uma temática específica para o estudo. De acordo com o que foi proposto por este intelectual, ele ficaria responsável pelos comentários em torno do campo biológico e etnográfico, enquanto Cascudo assumiria a parte das meditações sobre a cozinha brasileira. Mesmo assim, em nenhum momento da correspondência, foi destacado quais seriam os métodos ou a área de estudo destinada a Cascudo para a realização da pesquisa.

Dois meses após Castro fazer o convite, eles voltaram a trocar informações. Desta vez, Cascudo apresentou de forma mais consolidada ideias que materializavam uma estrutura de pesquisa (livro), apresentando o seu interesse pela cozinha brasileira e pelas influências culturais dos povos indígenas, africanos e portugueses. De acordo com Adriana Leme (2019), realmente existiu entre os dois intelectuais a ideia de escreverem um livro juntos. No entanto, a ideia parece ter se desenvolvido somente em cartas entre eles. E possivelmente algumas cartas que poderiam subsidiar melhores informações sobre esse projeto foram perdidas com o passar do tempo, uma vez que não estão preservadas nos acervos.

Tratando da já referida correspondência, que data 19 de dezembro de 1937, Cascudo mencionou um projeto de estudos definido:

Seu esquema é ótimo e eu o adoto com todas as letras. Digo por que. Os títulos servirão para capítulos gerais e os detalhes serão divididos em seções, na forma abecedária. Assim, salvo melhor juízo ou véto de sua parte, separamos a coisa na lei de Salomão. Metade para lá e metade para cá. Dos seis capítulos você fará os: - A cozinha na história de um povo seu valor como traço de cultura. (2) Análise biológica da cozinha brasileira e (3), optará entre formação da cozinha brasileira e sua evolução e as influências culturais - branca, negra e índia. Estes temas pedem bibliografia, especialmente o primeiro e o segundo desta lista, que eu não disponho, etc. pour cause... (CASCUDO, 1937d).

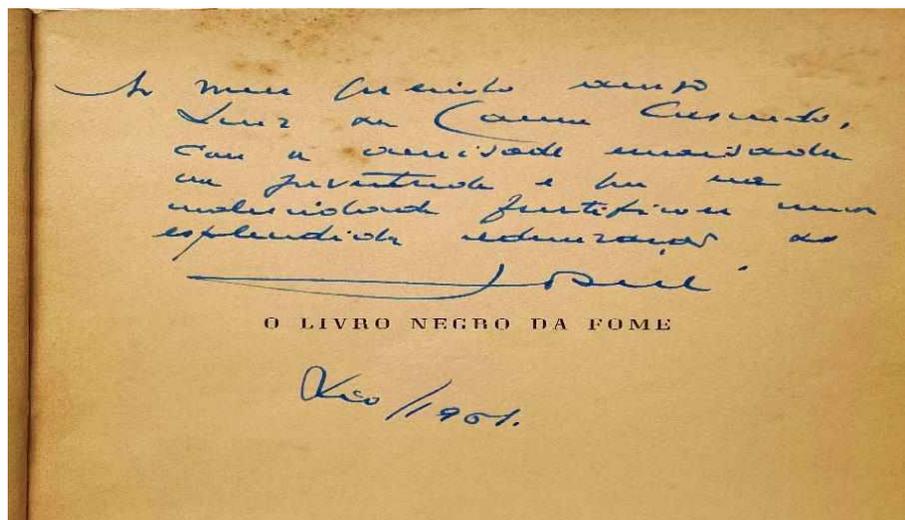
Conforme o exposto acima, subentende-se que o plano para a escrita de um livro entre Cascudo e Castro estava bem sistematizado. Já se falava na quantidade de capítulos e da imaginável divisão de partes, sendo proposto os assuntos que ficariam sob a responsabilidade de Castro. Por outro lado, não conseguimos identificar quais capítulos ficariam a cargo de Cascudo. É válido ressaltar que Cascudo percebia em Castro uma figura prestimosa para tratar desses assuntos, tendo em vista sua vasta bibliografia acerca da temática. O motivo pelo qual Cascudo disse não se sentir apto para estudar os dois primeiros capítulos do livro que escreveria juntamente com Castro é simples de entender, como podemos observar nas palavras de Adriana Leme:

Nessa época Castro já havia se consagrado como figura de destaque nos estudos fisiológicos, então seria ele o responsável por aplicar esse conhecimento no trabalho a quatro mãos. Mas os outros temas estão amplamente cobertos no que se tornaria a *História da Alimentação no Brasil*, em especial o último item (2019, p. 170).

Podemos destacar que o estudo somaria duas áreas de pesquisa distintas, as quais estavam vinculadas às perspectivas de formação e pesquisa dos autores. Mesmo não sabendo os caminhos tomados por Cascudo para chegar ao seu objeto de estudo, entendemos que ele tenha se encarregado de estudar a alimentação através de um olhar etnográfico da pesquisa. Por sua vez, por ser médico nutrólogo, Castro ficaria responsável por discutir assuntos ligados à formação biológica da cozinha brasileira e seus aspectos sociais, sobretudo, com um olhar voltado ao espectro da fome, no que diz respeito aos problemas da nutrição. Enquanto um ambicionava estudar a alimentação, o outro cobiçava estudar a fome.

Mesmo com as diferenças teórico-metodológicas e temáticas no interior desse campo de estudos, é preciso considerar o quão próximos esses intelectuais foram. Segundo Leme (2019, p. 159), “Apesar das nítidas diferenças de suas bases de estudo, os dois aparentemente mantiveram contato maior do que suas obras nos mostram”. Detalhes do que estamos tratando, pode ser encontrado em muitas obras que Josué de Castro enviou para Câmara Cascudo, como foi o caso da sua dedicatória no *Livro Negro da Fome* (1960).

Imagem 05: Dedicatória de Josué de Castro para Câmara Cascudo²⁹



Fonte: ACERVO LUDOVICUS - INSTITUTO CÂMARA CASCU DO (2023)

De acordo com o exposto, a relação íntima entre Cascudo e Castro demonstra um sentimento de confiança e fidelidade entre os pesquisadores.

Aí tem você meu destino melancólico. Como vai está dirigindo para a GLOBO. A GLOBO jogou no grupo 2 e acertou no grupo 2. Você é um elemento raro para estar articulado com os animais mais representativos de todas as tendências. Tem um amigo fiel em toda a parte. Você é uma denúncia clara de boa conduta espiritual (CASCU DO, 1937a).

Meu caro Luiz da Câmara Cascudo. A crença que tenho ainda prisioneira dentro de mim despertou um desses dias e eu acordei coberto de catapora. A coisa pegou-me forte, jogou-me na cama, esquentou-me o corpo, fez o diabo com esse menino velho, que você conhece e de quem está meio sentido no momento. Ora você sabe, que com medo de lhe mandar catapora; em lugar da errata não lhe escrevi nada (CASTRO, 1937a).

Além dessa relação interpessoal, é importante salientarmos que os problemas de pesquisa desses intelectuais devem ser levados em consideração, pois tanto a alimentação quanto o espectro da fome tiveram uma trajetória cultural, social e histórica. Tanto a fome quanto a alimentação não são produtos recentes na história do Brasil e, em termos de pesquisa, os primeiros estudos sobre o tema remontam à primeira metade do século XX.

Tendo ciência da relação pessoal e acadêmica entre Cascudo e Castro, sabemos que seus diálogos perpassaram fronteiras para além do que está sendo discutido nesta narrativa. No entanto, não sabemos o que mais foi debatido entre eles devido a degradação de grande parte

²⁹ A dedicatória que Josué de Castro fez para a Câmara Cascudo no *Livro Negro da Fome* (1960), diz o seguinte: “Ao meu querido amigo Luís da Câmara Cascudo, com a amizade enraizada na juventude e que na maturidade frutificou uma esplêndida admiração do Josué”.

das correspondências que foram perdidas ao longo do tempo. Também não sabemos o que foi tratado entre eles durante os encontros pessoais. Mesmo distantes um do outro em uma questão espacial, esses intelectuais se encontraram no mínimo duas vezes, segundo consta as correspondências analisadas. Ainda na carta de 19 de dezembro (1937d), citada anteriormente, Cascudo também falou de uma visita que faria ao Rio de Janeiro, na qual aproveitaria para conversar com Castro. Vestígios do outro encontro aparece em uma carta que Castro enviou a Cascudo em 19 de julho de 1939, quando ele relatou:

Meu caro Cascudo. Lhe escrevo deste velho São Luiz, brilhante de passado e de azulejo. Devo tocar no seu Natal um destes dias ainda esse ano e espero conversar com você debaixo de qualquer cajueiro que você cravejou para ouvir nossos idílios. [...] Até um dia desses, Luís da Câmara Cascudo. Ass: Josué de Castro (CASTRO, 1939a).

Pelo contexto da correspondência, entende que, durante uma viagem a São Luís, no estado do Maranhão, Castro passou pelo Rio Grande do Norte. A veracidade dessa visita é esclarecida pelo próprio Cascudo, quando escreveu a punho com caneta azul no final da referida carta, a seguinte frase: “Passou por Natal a 23/08/1939, entre 09 e 16 horas” (CASCUDO, 1939).

Não se sabe o que foi conversado nesse encontro, mas, pelo teor das correspondências analisadas, o foco desses intelectuais pode ter sido o desenvolvimento de uma pesquisa conjunta ou a partilha de ideias e interesses comuns. Por conta disso, supomos que, durante o momento, pautas foram abordadas em torno da alimentação e da fome, uma vez que, naquela época, os planos para a escrita de um livro permaneciam vivos.

Outro detalhe interessante entre esses intelectuais é que, nos documentos localizados, eles se corresponderam em um curto intervalo de tempo. Em se tratando da periodização dessas cartas, ao todo, tivemos acesso a quatorze correspondências, seis de Castro e oito de Cascudo. Entre elas, apenas cinco que fogem da década de 1930. Sendo que duas estão datadas dos anos 1940 e as outras três ao longo dos anos de 1960. Posto isso, logo se nota que essa rede de comunicação teve maior destaque durante esse período mais curto de 1937 a 1939, porque foi o momento em que ambos estavam contextualizando a temática sobre a fome e a alimentação e, juntos, estavam materializando ideias para a escrita do livro.

Durante a década de 1940, os intelectuais já estavam convictos de que o projeto para a escrita do livro não prosseguiria mais. O motivo pelo qual eles desistiram não é sabido. Em todas as correspondências analisadas, as causas da desistência não foram registradas. Todavia, o único relato por parte de Castro sobre o abandono da escrita do livro aparece de forma

superficial, em 1946, quando ele mencionou o nome de Câmara Cascudo nos agradecimentos de uma das suas obras clássicas da literatura brasileira, *Geografia da Fome* (1946). Na menção, o autor fortaleceu sua conexão com Cascudo, mas deixou claro que, diante de tantas colaborações recebidas, os acasos da vida não permitiram realizarem o projeto que traria uma história para a cozinha brasileira:

A Luiz da Câmara Cascudo pelas sugestões que dele recebemos em saborosas conversas ou através de cartas mandadas do Nordeste, tratando principalmente de um projeto que os acasos da vida não nos permitiram realizar, o de escrevermos em colaboração uma história da cozinha brasileira (CASTRO, 1984 [1946], p. 44).

Após esta menção, sete anos depois, em 1953, Cascudo esclareceu em uma entrevista concedida ao *Jornal Manchete* do Rio de Janeiro, a divergência com Castro e seu campo de pesquisa. Além disso, ele mostrou seu interesse pela história da alimentação e tratou do seu plano para a escrita do livro, destacando que eles pretendiam abordar o mesmo assunto, a alimentação, mas a partir de duas vertentes distintas: um discutiria o viés da comida e outro da fome. Enquanto isso, Cascudo esclareceu que:

Em 1940 me apaixonei pela alimentação. Não estava pensando em hidratos de carbono ou proteínas. Queria era uma história da comida. Tentei seduzir Josué de Castro para escrevermos juntos a história da cozinha brasileira. Mas ele estava mais preocupado com que o homem deixava de comer, com a fome. Mesmo assim continuei com uma teima de jumento jagunço pesquisando (CASCUDO, 1953, p. 5).

Mais tarde, em 1967, no prefácio da sua obra *História da Alimentação no Brasil*, Cascudo reforçou o que foi dito em 1953, expondo novamente sua tentativa para a realização da pesquisa conjunta com Castro:

Andei uma temporada tentando Josué de Castro, em conversa e carta, para um volume comum e bilíngue. Ele no idioma da nutrição e eu na fala etnográfica. O anjo da guarda de Josué afastou-o da tentação diabólica. Não daria certo. Josué pesquisava a fome e eu a comida. Interessavam-lhe os carecentes e eu os alimentados, motivos que *hurlaient de se trouver ensemble* (CASCUDO, 2011 [1967], p. 6).

A medida em que as correspondências eram trocadas, o diálogo se revigorava entre os autores, inclusive com uma proposta de um livro conjunto que não aconteceu, e novas ideias eram construídas em torno de um objetivo. Este objetivo estava associado ao movimento que esses intelectuais faziam parte, após a primeira metade do século XX, quando se mostravam

preocupados em entender o que era o Brasil e como essa nação estava sendo formada. Destarte, sujeitos como Câmara Cascudo e Josué de Castro se destacaram por estarem interessados em convencionar uma ideia de nação através dos elementos nacionais. Deste modo, a fome e a alimentação eram aspectos que, na época, clamavam por uma abordagem bibliográfica devido os seus subsídios estarem crescendo no meio social. Com isso, apareceram Cascudo e Castro preocupados com tais elementos, surgindo posteriormente a ideia de um livro de autoria conjunta.

Mesmo a ideia parando no ângulo morto da pesquisa³⁰, eles não perderam o fôlego pelas investigações e logo depois, em 1946, Castro publicou seu livro clássico *Geografia da Fome*, trazendo parte da discussão que apareceu em correspondências com Cascudo. Mais tarde, em 1967, este último intelectual lançou sua *História da Alimentação no Brasil*, que também apresentou vários aspectos dos quais eram tratados no diálogo travado com Castro, ou seja, o que juntos não puderam colocar em prática foi posto de forma individual.

Segundo Adriana Leme, (2019, p. 174) “[...] a construção do pensamento de um autor não é linear e nem estagnada, ela recebe múltiplas influências e se insere em diferentes diálogos”. Isso justifica as múltiplas influências que Cascudo recebeu de Castro e que Castro recebeu de Cascudo para a escrita de seus livros. Mesmo que não tenham seguido a ideia de escrita conjunta, através do diálogo travado entre os dois, ocorreram trocas intelectuais entre eles. Apesar de sua pesquisa só se concretizar quase vinte anos depois que Castro publicou *Geografia da Fome*, Cascudo continuou conversando com o amigo e parceiro intelectual, pelo menos até a década de 1960. Manteve-se durante todo esse tempo como um colecionador de informações sobre a cultura alimentícia, que foram compiladas até 1962, quando ele recebeu de Assis Chateaubriand um convite para pesquisar as raízes da alimentação brasileira. Como fruto dessa investigação, ele escreveu sua monumental obra *História da Alimentação no Brasil*, publicada em 1967.

2.2 WESTERN – O CONVITE DE ASSIS CHATEAUBRIAND A CÂMARA CASCUDO

Por ser um intelectual que, ao longo da vida, produziu uma ampla estrutura de pensamento sobre o folclore e a cultura dita popular, Câmara Cascudo recebeu muitas oportunidades e financiamentos para produção de conhecimento. Para Vania Gico (1998), as obras cascudianas possuíam infinitas interpretações e possibilidades de leituras pelo fato de

³⁰ Sobre a ideia do ângulo morto da pesquisa, ver SIRINELLI (2003).

serem de um pesquisador que escrevia sobre “tudo”, fazendo com que seus escritos despertassem o interesse dos leitores. Nesse sentido, destacamos o interesse de Assis Chateaubriand que, durante a segunda metade do século XX, investiu em pesquisas acerca da história cultural brasileira. Particularmente, percebemos entre o empresário/político e o intelectual uma dinâmica de incentivos financeiros para que Cascudo pudesse estudar características culturais do homem sertanejo.

Os incentivos de Chateaubriand renderam a Cascudo a produção de duas obras, que foram lançadas durante a década de 1950. Em se tratando dessa corrente de apoio, a primeira pesquisa realizada por Câmara Cascudo foi *Jangada*³¹, publicada em 1957, e a segunda foi *Rede de Dormir*³², publicada dois anos depois, em 1959. Ambas ganharam status nacional e são consideradas pelo próprio autor como pesquisas decorrentes dos incentivos de Assis Chateaubriand. Logo no início de uma entrevista concedida ao jornal *Diário de Natal* do Rio Grande do Norte, em 1968, Cascudo informou que os seus livros *Jangada* e *Rede de Dormir*, pesquisas de caráter etnográfico, foram escritas por sugestão de Chateaubriand.

Só Chateaubriand se lembrava de mandar um etnógrafo escrever sobre uma rede de dormir e uma jangada. Esses livros inclusive foram publicados por iniciativa de Chateaubriand, através da Sociedade Pedro II, e recentemente a jangada foi publicada em resumo no Japão, pela Universidade de Kobe (CASCUDO, 1968, p. 6).

A relação entre esses intelectuais era de longa data. Esse pode ser um dos motivos pelos quais Chateaubriand confiava tanto no trabalho do pesquisador Câmara Cascudo. Na mesma entrevista que acabamos de citar trechos da fala de Cascudo, ele fala de forma prestimosa sobre a competência e responsabilidade do seu mecenas:

Conheço Assis Chateaubriand desde mais ou menos 1924. Acompanhei sua vida, suas iniciativas, seu poder de organização, sua capacidade de comando, de comunicador de energias, sua resistência miraculosa e sua lucidez inapagável. Posso dizer que ele terá sucessor, mas não substituto. [...] Não lembro exatamente a data que conheci Chateaubriand, foi logo depois que ele adquiriu o “Jornal” do Rio de Janeiro, antes que formasse o império que viria a ser a cadeia “associada” (CASCUDO, 1968, p. 6).

³¹ *Jangada*, publicado em 1957, como todos os estudos de Câmara Cascudo, oferece ao leitor um passeio erudito pela história, com incursões pelo folclore, a sociologia e a economia. Estando endossada em uma gama de fontes etnográficas, *Jangada* analisa, sobretudo, os jangadeiros e os elementos que esse objeto dispõe. Além disso, a obra se configura nos moldes de uma antologia com vários aspectos sobre o tema e um vocabulário específico.

³² *Rede de Dormir*, publicado em 1959, é uma pesquisa de cunho etnográfico, desenvolvida a partir do lugar social do autor, apaixonado pela rede. Já na introdução do livro, Cascudo fez a defesa de sua insuperável comodidade, comparada à cama e discute a sua relevância no sertão, mostrando que, além dos vivos, ela envolvia os mortos conduzidos ao cemitério. Cantada por poetas, chamada carinhosamente de “mãe veia”, a rede de dormir atravessou tempos sem que ninguém lhe dedicasse estudos, deixando-lhe no ângulo morto da pesquisa (CASCUDO, 1959).

Por terem se conhecido ainda jovens, Cascudo e Chateaubriand mantiveram uma ampla rede de comunicação, por meio de cartas e telegramas. Não se sabe quantas cartas ou telegramas circularam entre eles. Em uma visita de pesquisa ao LUDOVICUS - Instituto Câmara Cascudo, em Natal, para uma coleta de fontes acerca da pesquisa, conseguimos ter acesso somente a sete telegramas que Cascudo recebeu de Chateaubriand, os quais não são discutidos neste trabalho, devido não abordarem o contexto desta pesquisa. Enquanto os escritos que Cascudo enviou para Chateaubriand não foram possíveis de consulta, por inacessibilidade do espólio deixado pelo empresário.

Parte do acervo pessoal de Chateaubriand se encontra no Fundo Documental Assis Chateaubriand, localizado no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Por meio de uma pesquisa virtual, tivemos acesso apenas a seis documentos (jornais), dos quais, apenas dois documentos (uma fotografia e o trecho de um jornal) puderam ser aproveitados, por se tratarem do objetivo que propomos nesta pesquisa.

Vale ressaltar, que o diálogo entre esses intelectuais não se pautou somente a esses 7 telegramas. Ainda sobre o que foi esclarecido na entrevista em 1968, ao jornal *Diário de Natal*, Cascudo afirmou que o gosto de Chateaubriand pela pesquisa era peculiar, extraordinário, de caráter empreendedor, que a todo momento estava pensando algo novo para ser pesquisado:

Chateaubriand sempre estava pensando alguma coisa diferente a ser feita [...]. Recebi muitas sugestões estranhas sobre livros a serem escritos. Você não pode imaginar o número de telegramas que recebi Chateaubriand perguntando se eu queria escrever sobre determinados assuntos. Por exemplo sobre a mula, o carro-de-boi, o cachimbo, cavalo e assim por diante (CASCUDO, 1968, p. 6).

Em vista disso, além de deixar claro a peculiaridade de Chateaubriand pela pesquisa, Cascudo esclareceu que, ao longo das investigações, recebeu muitos telegramas. Dentre eles, destacamos o que estamos chamando de *Western*³³, telegrama remetido para Câmara Cascudo, no dia 2 de agosto de 1962, propondo-lhe uma pesquisa que abordasse um ponto interessante da História do Brasil. A esse telegrama não tivemos acesso, mas encontramos trecho do seu conteúdo no jornal, supracitado – *Diário de Natal* e no prefácio da *História da Alimentação no Brasil*. Sobre o telegrama, Cascudo destacou que:

³³ Western se refere à empresa que ofereceu serviços de comunicação, como transmissão de telegramas, para diversos países até o final do século XX. O termo Western aparece neste trabalho para apresentar como Câmara Cascudo chamava os telegramas recebidos. A exemplo disso, destacamos o telegrama recebido por Assis Chateaubriand, quando lhe foi feito o convite para a realização de uma pesquisa que abordasse um ponto importante da História do Brasil.

Em agosto de 1962 recebi do Embaixador Assis Chateaubriand um Western [telegrama] que abria assim: “Queríamos que o grande ensaísta fosse a Portugal e Espanha escrever um trabalho para nossa sociedade Pedro Segundo sobre ponto História do Brasil, lhe interessa? Disposto subsidiar velho amigo, condições mais largas que vezes anteriores. Responda o que se lhe oferece” (CASCUDO, 1968, p. 6).

Em resposta a Chateaubriand, Cascudo respondeu: “Plano está integralmente aceito já remetido 50 contos apenas você fardar-se e partir logo a São Paulo para decidirmos o roteiro. Agora terminou o ciclo da exploração de escravo tem sido provinciano. Embarque para ver alvorada seu 13 de maio. Abraços: Futuro negro” (CASCUDO, 1968, p. 6). Esta resposta nos permite compreender que a proposta teria sido aceita, no que Cascudo já se mostrou interessado, destacando a possibilidade de uma prévia viagem a São Paulo para decidirem os detalhes da pesquisa.

Sobre esta viagem a São Paulo, descobrimos que ela foi realizada, especialmente para tratar da pesquisa que Chateaubriand havia proposto a Cascudo. Com isso, ele próprio esclareceu que, durante uma visita a Chateaubriand, a quem ele chama de embaixador:

Tarde 4 de setembro. Casa Amarela, Jardim Europa, ao anoitecer. Plano aprovado. Primeiras disposições para a tarefa. Recursos para elaboração tranquila. [...] Sugerir a História da Alimentação no Brasil. Tínhamos bibliografia excelente sobre o problema da nutrição, notadamente sob o ângulo da dietética. [...] De São Paulo voltei pelo Recife já catucando os amigos. Sacudi as primeiras cartas perguntadeiras para Norte, Centro e Sul. Para Europa e África. Espanei os cadernos. Reavivei as marcas nos livros abandonados. Mobilizei o sabido, deduzível e provável. A viagem começou (CASCUDO, 2011 [1967], p. 7).

Mas o certo é que Cascudo não foi especificamente à Europa como foi sugerido por Chateaubriand no convite, mas à África, onde tinha interesse em estudar as raízes da alimentação brasileira e seus hábitos alimentícios. Mesmo porque, em 1947, ele já havia passado uma temporada de pesquisa em Portugal e Espanha. Deste modo, ele então propôs realizar uma pesquisa etnográfica sobre a alimentação para entender a formação da cultura alimentar brasileira. Tendo em vista que, na época, Cascudo já havia investigado o cardápio indígena e a ementa portuguesa, o que estava lhe faltando, de fato, era analisar a culinária africana. Nesse sentido, foi proposto a Chateaubriand um estudo sobre a dieta africana, cujo lugar de pesquisa seria o continente africano, onde ele daria início a uma pesquisa que abordasse uma ideia de identidade alimentar brasileira, por meio das etnias indígena, africana e portuguesa.

Em outras palavras, o que Cascudo propôs a Chateaubriand foi uma investigação etnográfica sobre as raízes da culinária brasileira e a formação da nossa cultura alimentícia. Como já estava sendo abordado alguns aspectos culinários em suas obras, pelo menos desde a década de 1930, Cascudo já havia articulado análises sistematizadas sobre a alimentação indígena e portuguesa. E, dessa vez, seria a africana. Para o intelectual, os hábitos alimentícios e a cultura alimentar brasileira descendem, em grande medida, dos costumes e da culinária africana que chegaram ao Brasil através de pessoas escravizadas trazidas ao país.

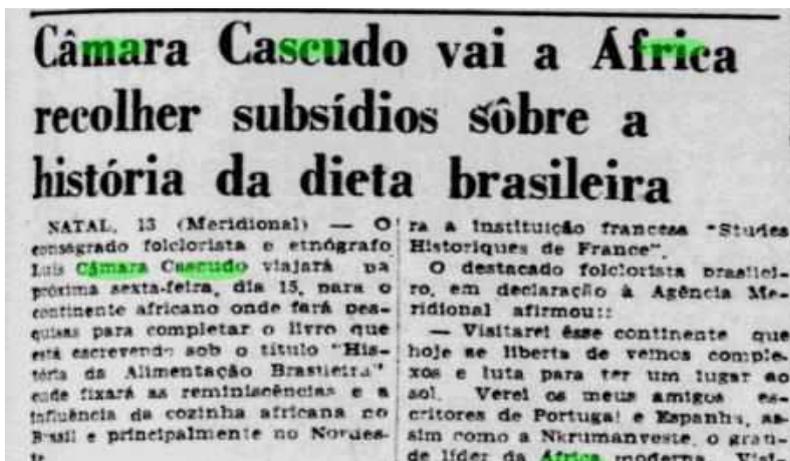
Para que fosse possível realizar a pesquisa, Edmundo Keffel³⁴ (1906-1986), apontou que Cascudo deveria investigar subsídios culturais dos povos africanos, “[...] nas antigas regiões onde ocorreu o tráfico de escravos para o Brasil” (1963, p. 72). Ou seja, parte do continente africano, em especial países como Guiné-Bissau, Nigéria, Angola e Moçambique, onde foi empreendida uma viagem em torno da pesquisa. Por conta disso, na década de 1960, tanto a viagem quanto a pesquisa ganharam destaque nacional e internacional em vários veículos da imprensa brasileira e tornaram-se notícias para uma ampla rede jornalística associada ao empreendedorismo do magnata dos *Diários Associados*, Assis Chateaubriand.

Entre as décadas de 1940 e 1960, Chateaubriand era um dos homens mais influentes do Brasil, tendo criado e dirigido a maior cadeia de imprensa do país, os *Diários Associados*, que contavam, nesse período, com 34 jornais – entre os quais destacamos *Diário de Natal*, no Rio Grande do Norte –, 36 emissoras de rádio, 18 estações de televisão, uma agência de notícias, uma revista semanal (*O Cruzeiro*), uma revista mensal (*A Cigarra*), várias revistas infantis e a editora *O Cruzeiro* (CORÇÃO, 2014). Desta forma, a pesquisa proposta por Cascudo, que teria um arcabouço inicial na Europa, ganhou destaque nos *Diários Associados*, que formavam o maior conglomerado de informações do país. Cabe pontuar que todos os meios de comunicação citados acima eram comandados por Chateaubriand, sendo este o principal motivo que contribuiu para tantas notícias sobre a viagem.

Mediante a divulgação da viagem de Câmara Cascudo em jornais, algumas manchetes começaram a chamar atenção por conta dos seus enunciados. Um exemplo disso foi quando o próprio Chateaubriand publicou no *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 1963, o objetivo da viagem de Cascudo ao continente africano.

³⁴ Edmundo Keffel foi um repórter reputado, conhecido pelos trabalhos que publicou regularmente na influente revista *O Cruzeiro*, pertencente à vasta cadeia de imprensa do mecenato de Assis Chateaubriand.

Imagem 06: “Câmara Cascudo vai a África recolher subsídios sobre a história da dieta brasileira”



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (2021)

Em seguida na matéria do referido jornal, ele reforçou o propósito de Cascudo ao citar questões referentes à pesquisa:

O consagrado folclorista e etnógrafo Luís da Câmara viajará na próxima sexta-feira, dia 15, para o continente africano, onde fará pesquisa para completar o livro que está escrevendo sob o título “História da Alimentação no Brasil”, onde fixará nas primeiras reminiscências e a influência da cozinha africana no Brasil e principalmente no Nordeste (CHATEAUBRIAND, 1963, p. 9).

Logo depois, na manchete do *Jornal Correio Brasiliense*, do Distrito Federal, Chateaubriand publicou:

Imagem 07: “Missão a Madrid e à África”



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (2021)

A Missão a Madrid e à África foi citada por Chateaubriand como uma das formas de evidenciar a pesquisa de Cascudo em 1963, quando ele saiu do Brasil e visitou primeiramente países como Portugal e Espanha para que depois pudesse ir à África³⁵. Em contrapartida, a intenção de Chateaubriand sobre a referida publicação era mostrar que um intelectual brasileiro que estava a serviço da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II³⁶, atravessava o continente europeu e africano em busca de fontes que pudessem trazer elementos para a construção intelectual de uma identidade para alimentação brasileira. Tal questão pode ser observada quando ele destaca a importância da pesquisa, na matéria que sucede a manchete da imagem acima: “Nenhuma pesquisa terá sido maior do que esta: afundar o autor da alimentação brasileira no mundo negro para nos trazer, de volta as raízes da alimentação, como Cascudo, o africano” (CHATEAUBRIAND, 1963, p. 4).

Conforme as palavras de Chateaubriand, percebemos o quanto esta pesquisa era apresentada como significativa para o Brasil, pelo fato de trazer para o país uma história que evidenciaria as raízes e ramificações da nossa alimentação a partir de três correntes étnicas. Chateaubriand reforçou a relevância da *História da Alimentação no Brasil*, quando da ocasião de seu lançamento, ao publicar um artigo no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro:

Poucas vezes se há feito, em língua portuguesa, uma obra de tanto fôlego. O incrível sabedor de coisas, Câmara Cascudo dedicou-se a uma tarefa de que resultou uma obra inédita na Bibliografia Nacional – a “História da Alimentação no Brasil”, cujo primeiro volume foi publicado pela Companhia da Editora Nacional, sob os auspícios da Sociedade de Estudos Históricos D. Pedro II. [...] O fio central do ensaio gira em torno da análise das fontes primárias da cozinha brasileira, que foram o cardápio indígena, africano e português. Cascudo, não fixa apenas na alimentação; parte para as conotações do preparo da comida, dos locais e horários de refeições e até dos rituais que presidem ao comer e ao beber. [...] Não há verdade mais cristalina do que o ensaio de Luís da Câmara Cascudo é um livro que consagra o polígrafo e a historiografia brasileira (CHATEAUBRIAND, 1967, p. 2).

Como podemos observar, ele aponta que a pesquisa desenvolvida por Cascudo levaria no seu contexto uma perspectiva centrada na ideia de miscigenação por agrupar em suas análises as três raças formadoras da sociedade brasileira, a saber, indígena, africana e portuguesa. Por conseguinte, a pesquisa abordaria aspectos culturais, somando com as mais precisas tradições alimentícias. Desse modo, além de registrar esta viagem, seu objetivo e o que a pesquisa traria de novo para o país, o trabalho de Câmara Cascudo ainda se destacava por ser

³⁵ O motivo desta pesquisa ter iniciado pelo continente europeu será explicada detalhadamente no próximo capítulo, em que tratamos especialmente da viagem.

³⁶ Oportunamente, apresentaremos a história da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II.

uma investigação etnográfica desenvolvida a partir do olhar de um folclorista intelectualmente prestigiado.

Esse foi o motivo para que o noticiário propusesse um enredo anunciando que, pela primeira vez, um folclorista brasileiro, sobretudo, “[...] o provinciano incurável, aquele sujeito que nunca abandonou sua terra³⁷” (SALES NETO, 2009, p. 123), iria à África estudar as raízes da alimentação brasileira nas antigas regiões que foram palco para a exportação de pessoas escravizadas para o Brasil.

Em vários veículos de informações, nomeadamente os jornais, o noticiário desta viagem ocupava os principais destaques, como foi o caso do *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1963, um mês antes de Cascudo viajar para o continente africano, que chamou a atenção com a seguinte manchete: “Investigação do problema da alimentação nas áreas exportadoras de escravidão” (RIBEIRO, 1963, p. 11). Na matéria que acompanha o anúncio acima, o jornalista Ismael Ribeiro³⁸ escreveu: “Luís da Câmara Cascudo que em pesquisa pretende abordar alimentos e fazer investigações de campo, pois a história já tem conversado com os velhos africanistas e pesquisar assuntos jamais registrados em livros” (1963, p. 11). Para além desse destaque, os jornais se tornaram uma rede de informações que transmitiam uma expectativa por causa da importância da pesquisa, noticiada em cada matéria.

Perceber a forma em que a viagem e a pesquisa de Cascudo estavam sendo anunciadas, através de um discurso que endossava um sistema de pensamento em torno de uma identidade para a alimentação brasileira, é pensar como essas notícias estavam incidindo no meio social.

Conforme propõe Foucault (2004), o anúncio sobre a referida pesquisa deve ser interpretado como um sistema de informações que agenciava uma relação de poder, por meio das informações que eram transmitidas pelo império midiático de Assis Chateaubriand, definindo o saber em torno do conteúdo exposto. Para entender este discurso, basta observar a seguinte imagem em que a principal manchete do jornal *Correio Braziliense*, do Distrito

³⁷ Provinciano incurável seria aquele sujeito que nunca abandonou sua terra. Este é um dos aspectos mais recorrentes nas narrativas sobre a vida de Luís da Câmara Cascudo e seu obstinado amor histórico pelo seu Rio Grande do Norte. Câmara Cascudo foi denominado por provinciano, após realizar uma expedição cultural no Uruguai em 1946, tendo que deixar sua terra natal para viajar ao exterior e, quando voltou, recebeu do seu amigo Afrânio Peixoto o título de provinciano incurável (SALES NETO, 2009).

³⁸ Sobre Ismael Ribeiro não conseguimos localizar muitas informações a seu respeito, mas o que sabemos é que ele foi um dos gestores da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II, assumindo o cargo de Diretor e Secretário-Geral, nas quais desempenhou um papel fundamental para a instituição ao organizar e acompanhar o desenvolvimento de várias pesquisas para esta Sociedade. Um exemplo do seu trabalho pode ser dado a partir do momento em que ele foi ao continente africano, juntamente com Câmara Cascudo, para pesquisar as raízes, hábitos e costumes alimentícios.

Federal, na manhã do dia 26 de abril de 1963, apareceu diretamente associada às relações de poder e aos sistemas de pensamentos políticos.

Imagem 08: “PORTUGAL, POTÊNCIA IMPERIAL AFRICANA”



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (2021)

Neste jornal, a expressiva manchete “PORTUGAL, POTÊNCIA IMPERIAL AFRICANA” reforçou a ideia de que Portugal, enquanto um país que colonizou a África, ainda era considerado uma potência para o referido continente e, deste modo, a pesquisa que Câmara Cascudo desenvolvida na África, emergia, sobretudo, em Portugal, pelo fato das suas investigações acontecerem em “Lourenço Marques [...] província lusitana de Moçambique que é sem contestação a mais rica das cidades da África Oriental Portuguesa. Dela se orgulha Portugal com muita razão. É uma joia engastada na extensa costa africana” (CHATEAUBRIAND, 1963, p. 5). Havia nisso toda uma política imperialista de enxergar a África como domínio português e de considerar o conhecimento sobre o continente africano como estratégia discursiva em favor do “mundo que o português criou” (CASTELO, 1999).

Com base nesta matéria, podemos fazer uma relação acerca do ponto de vista de Assis Chateaubriand e a perspectiva foucaultiana e perceber que “[...] o poder, longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 2005, p. 148), um estímulo que reproduz determinados discursos com o caráter de consolidar perspectivas com as quais o sujeito deve pensar, refletir e adotar várias interpretações sobre uma notícia ou uma informação. Um exemplo disso, é o discurso citado acima, em que Chateaubriand reproduz a ideia de que a pesquisa de Cascudo seria importante por estar acontecendo na província mais rica da África Oriental Portuguesa. As conexões entre o saber africano e o poder europeu, nomeadamente português, ficam evidentes.

Do mesmo modo, foi o que aconteceu com os mais diversos noticiários, que comunicavam à sociedade que o Brasil agora teria uma história voltada para os aspectos alimentícios. Esses noticiários chegavam até a sociedade com o propósito de deixá-la impressionada, através do seu título, como trouxe o *Diário de São Paulo*, em 1962: “História da Dieta no Brasil, será o próximo livro de Câmara Cascudo. [...] Convidado pelo presidente da Sociedade de Estudos Dom Pedro II, Alexandre Marcondes Filho (1892-1974)³⁹, Luís da Câmara Cascudo fará estudo que dará uma história a alimentação brasileira” (FILHO, 1962, p. 10).

Em um sentido mais amplo, em 1962, mesmo antes da pesquisa ser posta em prática, já se falava em jornais estrangeiros sobre a viagem de Cascudo à África. Já aqui no Brasil, os jornais assumiam o papel de fazer circular informações advindas de Portugal, como foi exibido na manchete do *Jornal do Commercio*, do estado do Amazonas, em 1963, que Portugal e Espanha já mencionavam no seu jornalismo relatos sobre a pesquisa e a viagem de Cascudo no continente africano. “Cultura luso-hispano-brasileira: Estudos sobre a História do Brasil chega agora a Portugal e Espanha” (CHATEAUBRIAND, 1963, p. 12). Logo depois foi descrito na matéria as seguintes informações:

S. Paulo. (M) – O Diário de Notícias de Lisboa publicou há dias na primeira página, entrevista concedida pelo Sr. Ismael Ribeiro, diretor-secretário da Sociedade de Estudos Brasileiros Dom Pedro II [...] dedicado colaborador do embaixador Assis Chateaubriand que tem sido o grande animador da Sociedade Pedro II, aquiesceu com prazer ao nosso pedido de contrato feito entre a Sociedade de Estudos Brasileiros D. Pedro II, por meu intermediador e pesquisador sobre a égide do Instituto de Cultura, ao Sr. Luís da Câmara Cascudo, escritor ilustre, professor de Direito Internacional Privado da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, para viajar à África e percorrer províncias portuguesa do ultramar e estudar a história da alimentação do brasileira (CHATEAUBRIAND, 1963, p. 12).

Essa produção de destaque, que foi veiculada na imprensa internacional, ocorreu a partir dos anseios de Assis Chateaubriand, enquanto embaixador, ao passar para o mundo a ideia de um Brasil que estava na escala dos países progressistas, que investia na carreira científica. A exemplo disso, destacamos o seu empreendedorismo na divulgação da viagem de Cascudo. Durante o momento em que estávamos levantando o material e analisando fontes para a

³⁹ Alexandre Marcondes Filho foi um político brasileiro, ocupando o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio durante o governo Getúlio Vargas, entre 1941 e 1945. Também foi senador por São Paulo de 1946 a 1954, e presidente do Senado de 1951 a 1954. Estando engajado na política brasileira, estava intimamente ligado ao mecenato de Assis Chateaubriand, sobretudo, presidindo uma das suas Instituições, a saber, a Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II.

pesquisa, realizamos várias buscas nas hemerotecas da Biblioteca Nacional (BN) e do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) e encontramos 144 ocorrências entre matérias jornalísticas, entrevistas e artigos em diferentes jornais de todos os estados brasileiros na década de 1960, publicados por vários autores, dentre elas, 72 ocorrências são de autoria do próprio Assis Chateaubriand, algo que reforça ainda mais, seu interesse em divulgar a pesquisa desenvolvida por Câmara Cascudo.

Mesmo sabendo que esta viagem teve uma ampla divulgação internacional, não conseguimos acessar todos os jornais estrangeiros que dispuseram dessas informações. Mas, durante os meandros da pesquisa, conseguimos encontrar somente um jornal da imprensa portuguesa, o *Diário de Notícias* (1962), de Lisboa, enviado de Portugal ao Brasil, que se encontra no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Além disso, foram encontradas mais duas ocorrências na Hemeroteca da Biblioteca Nacional (BN) que fazem referências aos jornais portugueses. Ambas são publicadas por Chateaubriand, o primeiro anúncio aparece no já citado *Jornal do Commercio*, do Amazonas, em 1963, que em Portugal e Espanha já estava sendo noticiado o caráter desta viagem de Cascudo; o outro é uma matéria do *Jornal do Paraná*, publicada em 1963, a qual trata dos empresários que estavam financiando a pesquisa.

Portanto, em pouco tempo a pesquisa se transformou em um projeto que estava a serviço da política colonial. Segundo Teresa Castro (2016, p. 59), na época “[...] Assis Chateaubriand desempenhava um papel de relevo enquanto defensor de Salazar no Brasil, utilizando cientemente o seu império midiático (entre 1957 e 1960, o seu estatuto de embaixador no Reino Unido) para silenciar os críticos do ditador português e os partidários da libertação africana”. Além disso, as condições políticas favoreciam o seu objetivo. No momento em que Cascudo ia à África, muitas colônias estavam em processo de independência, sobretudo, as que ele visitaria, a saber: Guiné-Bissau, Nigéria, Angola e Moçambique. Então, um dos principais pilares da retórica propagandista de Chateaubriand no exterior era, por sinal, evidenciar o trabalho de um amigo próximo, Câmara Cascudo, que também estava no continente com a missão de informar as autoridades políticas portuguesas de que o Brasil estava a seu favor apoiando o governo salazarista e a permanência da sua política nas colônias africanas:

Neste contexto, o próprio Assis Chateaubriand assina um comunicado no começo da emissão, recordando que a expedição de Cascudo tinha também por missão “declarar aos Portugueses, na hora atual” que os brasileiros estavam “presentes” e que “no Brasil não se era indiferente ao destino de Portugal nos outros pontos do ultramar (CASTRO, 2016, p. 60).

Assim esta política consumada por Chateaubriand, ao defender o governo salazarista e difundir uma acepção de que o Brasil não hesitava em defender o sistema político português, era uma estratégia para reforçar sua rede de informações através do jornalismo, que desencadeou várias notícias em torno de uma ideia luso-tropicalista, motivada por uma expedição plenamente conectada “[...] a Portugal e a Espanha quando gozam de uma singular capacidade para a criação de novas civilizações integradas e simbióticas”, (CASTELO, 1999, p. 63). Isso ocorreu por intermédio do luso-tropicalismo⁴⁰ criado através de uma ideologia colonial portuguesa, plenamente desenvolvida pelas ideias do sociólogo Gilberto Freyre.

Um aspecto interessante desse discurso é que, na época em que Chateaubriand representava o Brasil, por meio de um acordo de embaixada, já se falava em uma prévia aproximação da política internacional brasileira com países africanos que paulatinamente conseguiram sua independência. Nesse contexto, o veículo de comunicação de Chateaubriand, visava à projeção de uma imagem do Brasil na África e no Ocidente que facilitasse os contatos comerciais, políticos e culturais. Segundo José Saraiva e Irene Gala (2000, p. 9), “[...] a identidade cultural entre Brasil e África era apresentada como condição suficiente para o estabelecimento de laços entre os dois lados do Atlântico Sul, o que teria gerado ilusões forjadas acerca da africanidade brasileira”.

Neste contexto, Mariana Corção (2014) aponta que a viagem de Câmara Cascudo sofreu influências por parte do governo português, devido a pesquisa está sendo construída em ambientes ainda coloniais. Desse modo, a autora afirma que: “Acreditamos que tanto a situação política interna brasileira, quanto a ligação de Cascudo com a cultura portuguesa tenham influenciado a experiência de viagem à África e o relato da mesma”. (CORÇÃO, 2014, p. 160). No que diz respeito ao “relato da mesma”, a autora se refere à forma em que a propaganda dessa viagem estava sendo difundida por um conjunto de intelectuais e jornalistas nas páginas dos jornais, principais veículos de informações da época.

Considerando o exposto, sobre a influência portuguesa na pesquisa de Câmara Cascudo, este fato é perceptível em um noticiário que circulou no *Diário de Notícias*, de Lisboa, em 1962, quando destacou que “Câmara Cascudo conta com as suas amigadas em Portugal que são numerosas e com as dos Diários Associados que especialmente patrocinam o seu novo e

⁴⁰ O Luso-Tropicalismo é uma teoria elaborada pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Seu sentido é atribuído aos portugueses uma especial capacidade de adaptação aos trópicos, fruto da sua apetência pela mestiçagem, pela interpretação de culturas e pelo ecumenismo. Esta perspectiva gilbertiana personaliza os portugueses a ponto de resultar sua origem étnica e cultural heterogênea como um aspecto que refletiu na expansão lusitana no Brasil, na África e na Ásia (CASTELO, 1999).

importante estudo do maior interesse para a Comunidade Luso-Brasileira” (PORTUGAL, 1962, p. 2).

Mas em todas as ocorrências de jornais que Chateaubriand discutiu características desta viagem apareceu alguma menção à Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II, instituição com grande influência na promoção de saberes históricos durante a segunda metade do século XX, incumbindo vários pesquisadores para a construção de conhecimento em torno de elementos que fizessem parte da cultura brasileira. O desenvolvimento de uma das suas encomendas pode ser encontrada na pesquisa de Câmara Cascudo, em virtude de ter sido a referida Sociedade a responsável pela organização do estudo em torno das raízes da alimentação brasileira no continente africano.

3.3 A SOCIEDADE DE ESTUDOS HISTÓRICOS DOM PEDRO II E A ORGANIZAÇÃO DA VIAGEM À ÁFRICA

A Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II, que existiu no Museu de Arte de São Paulo (MASP), foi uma instituição produtora de saberes históricos, “[...] fundada pelo Sr. Assis Chateaubriand, com a finalidade de desvendar segredos da história do nosso país” (ONTEM, 1964, p. 1).

Pouco se sabe sobre a história dessa Sociedade. Anteriormente dissemos que, na grande maioria das ocorrências de jornais encontradas nas hemerotecas da BN e CNFCP, encontra-se alusão a esta Sociedade. No entanto, elas aparecem de forma superficial, sendo destacado somente o seu papel enquanto instituição que organizou a viagem para Cascudo estudar as raízes da alimentação brasileira no continente africano.

Mesmo assim, conseguimos compreender parte da sua história. Conforme os fragmentos de jornais encontrados nas hemerotecas, compreendemos que sua fundação se deu logo no começo dos anos 1950, quando Assis Chateaubriand era senador da república e membro da Academia Brasileira de Letras, decidindo comprar na França o Château D' Eu – castelo que tinha pertencido à princesa Isabel, na cidade de Eu, para fundar um Instituto de Pesquisa.

Segundo uma matéria publicada por Carlos Rizizni no *Correio Braziliense*, em 1968:

Tudo começou em 1954, quando Chateaubriand planejando criar na Europa um centro de pesquisas históricas, fundou na França a Sociedade de Estudos Brasileiros “Dom Pedro II”, em seu nome adquirindo o referido Castelo. O castelo não chegou propriamente a agasalhar o centro de pesquisas, embora nomes eminentes ingressassem no seu quadro, mas numerosas obras sobre o Brasil foram elaboradas por escritores de renome (RIZZINI, 1968, p. 11).

Com a sua fundação em 1954, deu-se o nome de Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II, a qual se tornou uma instituição que Chateaubriand sonhava em expandi-la, oferecendo bolsas de estudos a pesquisadores brasileiros que se dispusessem a produzir teses sobre a História do Brasil, numa perspectiva cultural. Conforme Rizzini (1968), explica na citação acima, o castelo “Château” D' Eu não chegou a funcionar enquanto um centro de pesquisa, mas foi através dessa iniciativa que vários estudos foram desenvolvidos sobre a História do Brasil.

Segundo Fernando Morais (1998), no Château D' Eu, na França, este projeto não deu muito certo, pois, após Chateaubriand enfrentar uma crise financeira, chegando ao ponto de se endividar, as pesquisas entraram em declínio e a Sociedade passou por um estado de falência, não conseguindo mais se manter no exterior, tendo que ser transferida para o Brasil no final da década de 1950. Com isso, sua sede passou a ocupar o 4º andar do prédio do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Neste local, a Sociedade existiu até meados de 1970. Por falta de fontes, não foi possível descobrirmos o que levou o seu fim, o que deixa parte da sua história oculta.

Na ocasião que promovia e incentivava o desenvolvimento científico acerca dos aspectos culturais do Brasil, antes de incumbir Cascudo a sua missão na África, a referida Sociedade já havia o contratado por intermédio de dois estudos etnográficos, que se tornaram posteriormente as obras que já foram aqui citadas: *Jangada* (1957) e *Rede de Dormir* (1959). Sendo assim, Cascudo reforçou o argumento dizendo:

Já escrevera para Sociedade de Estudos Históricos D. Pedro II duas pesquisas etnográficas: *Jangada*, em 1957, e *Rede de Dormir*, em 1959, editadas no Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. [...] Agora sugeri História da Alimentação no Brasil. Tínhamos bibliografia excelente sobre o problema (CASCUDO, 2011 [1967], p. 7).

Apesar de não deixar tão claro, podemos levar em consideração que a próxima pesquisa oferecida a Cascudo pela Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II, após concluir *Jangada* e *Rede de Dormir*, tenha sido a proposta que ele recebeu de Chateaubriand em 1962, quando o mesmo interrogou Cascudo em um telegrama, perguntando seu interesse em estudar um ponto interessante da História do Brasil.

Sobre esta proposta, destacamos que, após o plano estar integralmente aceito, Cascudo partiu para São Paulo com o intuito de finalizar o acordo e a organização da pesquisa. Em um artigo publicado no *Diário de São Paulo*, em 07 de setembro de 1962, o qual não identificamos a autoria, é destacado que: “O objetivo da viagem foi discutir o plano do próximo livro do prof.

Câmara Cascudo. História da Alimentação no Brasil, que tratará da alimentação do nosso povo desde o descobrimento” (HISTÓRIA, 1962, p. 3).

Depois de anunciar seu interesse pela alimentação, pesquisa que havia iniciado em 1928, com destaque para a década de 1930, quando montou uma rede de diálogo com Josué de Castro, Cascudo finalmente avançou no seu objetivo de estudar a alimentação de maneira profunda, plano que, segundo ele próprio, havia ficado no ângulo morto da pesquisa havia 30 anos, quando pensava em escrever um livro com Castro. Tendo a oportunidade de realizá-lo, através da encomenda da Sociedade ele comentou em uma entrevista concedida ao *Diário de São Paulo* o apoio que desta instituição recebeu: “Devo à Fundação Dom Pedro II, a pesquisa não poderia acontecer se não houvesse a sua colaboração. [...] Agora com o auxílio da Sociedade Dom Pedro II, farei uma pesquisa de caráter etnográfico e histórico sobre a alimentação brasileira” (CASCUDO, 1962 Apud, HISTÓRIA, 1962, p. 3).

Com o seu olhar nas tramas da pesquisa, antes de viajar ao continente africano, Cascudo passou alguns dias em São Paulo, com o intuito de organizar o roteiro da sua viagem, assim como para dialogar com outros intelectuais com o interesse de construir uma base que garantisse um alicerce para a escrita do livro acerca da alimentação. Ao longo da sua permanência na capital do estado de São Paulo, o *Diário de São Paulo*, publicou uma matéria e abordou o nome dos intelectuais que contribuíram com a base que Câmara Cascudo procurava para arquitetar sua pesquisa:

Durante os dias que aqui permaneceu o escritor potiguar realizou vários contatos com os nossos meios intelectuais, tendo visitado em companhia do Sr. Marcondes Filho o historiador Yan de Almeida Prado⁴¹, com quem conversou durante horas sobre o plano do livro que vai escrever sobre a alimentação no Brasil. [...] Depois estiveram na residência de Assis Chateaubriand com o Sr. Sebastião Godoy Pinheiro⁴², para discutirem o plano da pesquisa (HISTÓRIA, 1962, p. 3).

Destarte, na época em que Cascudo estava organizando a viagem, a Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II contava com os dirigentes: Assis Chateaubriand, fundador e proprietário; Dr. Alexandre Marcondes Filho, presidente; e Dr. Ismael Ribeiro, diretor e secretário-geral. Como sua sede foi transferida para o Brasil, a Sociedade permaneceu com um

⁴¹ João Fernando de Almeida Prado, mais conhecido como Yan de Almeida Prado (1898-1991), foi um intelectual, historiador, pintor e colecionador de obras de arte. Foi membro da Academia Paulista de Letras, com fortes influências no Movimento Modernista e na Semana de Arte Moderna em 1922.

⁴² Sobre Sebastião Godoy Pinheiro, em toda a documentação analisada e nas pesquisas realizadas em meios digitais, não encontramos nada a seu respeito, além da citação acima.

vínculo internacional na Europa, mantendo uma rede de comunicação com outros intelectuais que também tinham os mesmos objetivos em pesquisar problemas historiográficos.

Alimentando esta rede, Chateaubriand estabeleceu na Europa Conselhos Constitutivos, que seriam uma espécie de Campi de Pesquisa. Esses Conselhos existiram na Espanha, França e Portugal, enquanto associações de estudos onde seus integrantes permaneciam a serviço da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II. Esses Conselhos tinham por finalidade promover investigações históricas em torno do mundo. Não se sabe ao certo o que tanto foi produzido e até quando duraram.

O que sabemos sobre esses Conselhos se restringe a uma entrevista de Ismael Ribeiro, concedida ao *Diário do Paraná*, em 1963, quando esteve com Câmara Cascudo em Portugal e Espanha, na qualidade de diretor e secretário-geral da Sociedade, para tratar da organização da viagem à África:

Os Conselhos Constitutivos constituídos e dirigidos por personalidade de relevo nacionais e estrangeiros. Entre estas destaco, com muita satisfação, cinco ilustres portugueses, que são: Sr. Nuno Simões, Sr. Francis Vieira Machado, Srs. Ricardo e Adriano Sobra e Sr. Artur Cupertino de Miranda [...]. Pesquisadores lusitanos dirigentes que integraram os Concelhos Constitutivos da sociedade de Estudos Históricos D. Pedro II.⁴³ (RIBEIRO, 1963, p. 8).

Além de toda essa governança nacional e internacional sobre a Sociedade, existiu os seus adeptos empresariais que tiveram destaques fundamentais, através das estreitas relações políticas de Assis Chateaubriand com o mundo. Segundo Chateaubriand, a Sociedade contou com a ajuda de grandes empresários que, na época, desempenhavam uma política de finanças para a construção de saberes históricos:

Os nossos companheiros da Sociedade Pedro II já ofereceram ao presidente Marcondes depoimentos comovedores de assistência do povo e do governo de Portugal a missão de Câmara Cascudo. Dispunha a Sociedade de dez mil dólares, doados oito mil por um inglês e dois mil por um alemão. Este fora um fundo especial, oferecido para a expedição na África (CHATEAUBRIAND, 1963, p. 6).

⁴³ Assim como não foram encontradas informações precisas sobre Ismael Ribeiro, o mesmo aconteceu com os cinco “ilustres portugueses”, que estiveram encarregados em representar a Sociedade de Estudos Históricos Dom. Pedro II no exterior, por meio de Concelhos Constitutivos. A única informação que tivemos acesso sobre esses intelectuais, se deu por meio de um fragmento de jornal publicado no *Diário do Paraná*, em 1963. No entanto, a matéria descreve somente a informação apresentada na citação acima, deixando muito a desejar sobre outros informes acerca desses portugueses que, juntos, formavam o que denominamos de Campi de Pesquisas que existiu na Espanha, França e Portugal. Sendo assim, fica a deixa para pensarmos se esses intelectuais portugueses foram responsáveis por todos os Conselhos Constitutivos: Espanha, França e Portugal.

Neste artigo que Chateaubriand publicou no *Diário do Paraná*, em 1963, não foi destacado os nomes dos financiadores da missão de Cascudo à África. Mas, em uma reportagem publicada em Lisboa, em 1962, no *Diário de Notícias* de Portugal, foi pontuado que: “O trabalho de Luís da Câmara Cascudo que inclui pesquisas em Portugal [...] e África, será financiado pelo grande industrial filantropo, alemão Max Lowenstein (1894-1966)⁴⁴, que tem sido um dos mais generosos devotados protetores da Sociedade Histórica Pedro II” (PORTUGAL, 1962, p. 2). Diante do exposto, compreende-se que o financiador alemão citado por Chateaubriand no artigo do *Diário do Paraná*, o qual patrocinou dois mil dólares, foi o empresário Max Lowenstein. Enquanto o inglês⁴⁵, que ofertou oito mil dólares, não foi identificado seu nome.

Como foi destacado anteriormente, as fontes que tivemos acesso sobre a Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II foram limitadas, sendo localizadas nos arquivos digitais das hemerotecas da BN, do CNFCP e do MASP. O que nos rendeu informações breves e respostas superficiais. Isso nos fez entender que, até o momento, não é constatada a existência de uma pesquisa que discuta a história dessa instituição.

Mesmo diante das dificuldades para encontrarmos fontes acerca da Sociedade, concluímos sua existência no Brasil, a qual destacamos a única fonte imagética encontrada. Ela serve como registro para apresentarmos parte da sua estrutura enquanto instituição produtora de saberes historiográficos, reunindo, durante sua existência, um grupo de intelectuais que buscavam compreender cada vez mais a História do Brasil.

⁴⁴ Nascido em Bielefeld, Alemanha, em 1894, Max Lowenstein imigrou ao Brasil em 1925 e teve uma forte atuação como mecenas das artes e da pesquisa no Brasil, estando a frente dos investimentos ao MASP. Foi responsável pela criação de museus em diferentes regiões do país, a exemplo do Museu de Arte Moderna de Salvador - BA, tendo implantados museus em Feira de Santana - BA, Campina Grande - PB, Olinda - PE, Araxá - MG e Belo Horizonte - MG, tendo também grandes influências e participação na Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II – mantendo-se sempre em estreita colaboração com Assis Chateaubriand.

⁴⁵ Durante toda a pesquisa não foi identificado o nome ou outras informações sobre o empresário inglês que doou mil dólares para o desenvolvimento da pesquisa de Câmara Cascudo no continente africano.

Imagem 09: “Ontem, na Casa Amarela, homenagem aos escritores das obras da Sociedade Pedro II”.



Fonte: Fundo Documental Assis Chateaubriand – Museu de Arte de São Paulo (2022).

Esse registro encontrado no Fundo Documental Assis Chateaubriand (MASP) está acompanhado de uma mensagem que descreve o objetivo do banquete:

Flagrante colhido durante o almoço realizado ontem na Casa Amarela, residência do Sr. Assis Chateaubriand, quando foram homenageados os escritores dos livros da Sociedade D. Pedro II entidade fundada pelo Sr. Assis Chateaubriand, e cuja finalidade é desvendar segredo da história do nosso país (ONTEM, 1964, p. 1).

Este foi um momento datado de 12 de agosto de 1964, em que a Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II reuniu intelectuais para serem homenageados pela produção financiada pela instituição. Esta data, 1964, um ano após Cascudo voltar da África para o Brasil, era o momento em que ele estava escrevendo o livro que resultaria nas descobertas da sua pesquisa desenvolvida no continente, o qual seria entregue à referida Sociedade. Apesar de não identificarmos sua presença na imagem, sabemos que foi essa Sociedade, juntamente com o apoio de Assis Chateaubriand, que permitiram a Cascudo a realização da sua maior investigação no âmbito da etnografia, assim, como veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

“FUI PARA A ÁFRICA, E LÁ ESTUDEI AS RAÍZES DA ALIMENTAÇÃO BRASILEIRA”

Todos os pratos originais africanos foram “reelaborados e recriados no Brasil, [...] e voltaram para a África”, levados pelos ex-escravos repatriados no correr do século XIX, conservando nomes, detalhes e a denominação genérica de comida de brasileiros.

Clarival Valladares (1967)

As palavras que compõem o título deste capítulo foram proferidas por Luís Câmara Cascudo, em 1964, quando relatou para o jornal *Diário de Pernambuco* sua trajetória de pesquisa em torno da alimentação brasileira. Além de servirem de justificativa para seu depoimento ao jornal, tais palavras foram tomadas como base para este capítulo porque objetivamos fazer uma análise descritiva da viagem empreendida por Cascudo no continente africano, assim como também buscamos compreender a maneira como este intelectual construiu uma ideia de cultura popular alimentícia.

Dedicando-se ao tema durante pelo menos quatro décadas, em 1963, Cascudo adentrou o continente africano, após deixar no Brasil duas pesquisas desenvolvidas em torno da alimentação que, na ocasião, seriam estudos voltados para o cardápio indígena e para a ementa portuguesa. Estudos que, por sua vez, vieram a compor as duas primeiras partes da sua *História da Alimentação no Brasil*, de 1967.

Em uma entrevista organizada por Assis Chateaubriand para o jornal *Diário de Pernambuco*, Cascudo explicou como esta obra foi sendo construída. Segundo ele, o processo ocorreu em um ritmo gradual e constante para conseguir explicar o nascimento e a formação identitária do cardápio e da cultura alimentar brasileira:

Desde 1942 venho estudando o regime alimentar brasileiro, sem nenhuma intenção política ou nutricionista. Interessava-me apenas conhecer a comida do indígena, do negro e do português, no século XVI. Depois estudar como foi nascendo a cozinha brasileira; os elementos predominantes, as permanências e as modificações. O que foi possível pesquisar no Brasil, tentei, o cardápio indígena. Em 1947, fui a Portugal e indaguei o cardápio do centro de Portugal, notadamente das regiões que haviam povoado o Brasil [...]. Depois, em 1963 fui para a África, e lá estudei as raízes da alimentação brasileira, nas antigas regiões exportadoras de escravos para o Brasil (CASCUDO, 1964, p. 9).

Em suas palavras, notamos o seu envolvimento em uma pesquisa específica, que vinha se consolidando havia décadas e, desde então, seu propósito era entender a formação da alimentação brasileira enquanto experiência social, histórica e cultural. Foi com esta perspectiva que Cascudo compreendeu as trocas culturais e os intercâmbios simbólicos nos cardápios americano, europeu e africano que, por muito tempo, atravessaram o Atlântico-Sul, durante as navegações e, sobretudo, no período do tráfico de sujeitos escravizados. Tal processo foi reconhecido pelo intelectual como um fenômeno que, por longas datas, se manteve em transição continental, abrindo margens para uma possível investigação, algo que ele efetivou quando estudou o cardápio indígena na América (Brasil), a ementa portuguesa na Europa (Portugal) e a dieta africana, (Guiné-Bissau, Nigéria, Angola e Moçambique).

Portanto, o que procuramos enfatizar neste capítulo é a sua pesquisa na África, uma vez que ela foi considerada pelo próprio autor a mais importante de toda sua trajetória intelectual. Esta importância se enquadra nos interesses de um sistema de poder político luso-tropicalista, justificado pelos interesses pessoais, e acadêmicos de Câmara Cascudo ao firmar o acordo com Assis Chateaubriand para estudar a alimentação. A partir de então, ele deixou o Brasil e viajou para a Europa e, posteriormente, para à África, percorrendo três continentes até chegar ao fio central da sua pesquisa, que se concentrava no continente africano, especialmente no que ele chamou de África Portuguesa.

3.1 “A VIAGEM COMEÇOU”

Saindo do Brasil com destino a Europa e, logo depois, à África, Cascudo deu início a sua pesquisa de cunho etnográfico no dia 15 de março de 1963, quando efetivamente chegou ao continente africano. Entre os viajantes estavam Ismael Ribeiro, Secretário-Geral da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II; o português Edmundo Keffel, etnógrafo e especialista em línguas africanas, encarregado pelo processo fotográfico ao longo da viagem; e Odylo Costa Filho (1914-1979)⁴⁶, jornalista e cronista. Junto com Cascudo, formavam um grupo de integrantes da referida Sociedade para “explorar” a África e investigar os aspectos alimentares dos africanos, atualizando dados e coletando fontes para fundamentar uma identidade para a alimentação brasileira.

⁴⁶ Odylo Costa Filho, foi um jornalista, cronista, novelista e poeta. Membro da Academia Brasileira de Letras, com participações na Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II.

Após desembarcarem em solo africano, Cascudo abordou em um pronunciamento concedido a *Agência Meridional de Notícias*, publicado pelo *O Jornal*, do Rio de Janeiro, o estímulo da sua viagem, evocando também o que fazia naquele continente um folclorista interessado em analisar o complexo das relações culturais que foram estabelecidas entre dois continentes, (África e América/Brasil):

Visitarei esse continente que hoje se liberta de velhos complexos e luta para ter um lugar ao sol. Verei os meus amigos escritores de Portugal e Espanha, assim como a Nkrumah, o grande líder da África moderna. Visitarei possivelmente as grandes universidades da África e espaço de conversa (CASCUDO, 1963 *apud* CHATEAUBRIAND, 1963, p. 9).

Realizando o que foi exposto acima, Cascudo viveu na África um horizonte de novidades, que fugia da sua realidade no Brasil. Diante das peculiaridades sociais, políticas e culturais, ele pode observar que muito do que integrava a África existia no Brasil, sobretudo, o cardápio. Por meio desta percepção, ele criou estratégias para realizar suas investigações. Essas informações aparecem em uma entrevista realizada pelo seu companheiro de viagem, Edmundo Keffel, que, ao longo da pesquisa, escreveu algumas passagens das suas investigações e experiências no continente:

Vivendo a África, [...] essa viagem se impunha – explica – pela necessidade de conhecer a contemporaneidade da alimentação negra nas áreas da antiga exportação de escravos para o Brasil. A zona sudanesa está suficientemente analisada, mas a banto, a maior, ficará para mim confusa e de rara notícia positiva. Na África, ocorre o mesmo caso brasileiro. Grande bibliografia sobre nutrição e pouco registro sistemático no plano histórico. O debate revolve índices de vitaminas e rendimentos e calorias. Citam os alimentos ao correr da discussão sobre os valores dietéticos, sugestões de reformas e as surpresas do metabolismo negro. Não há uma geografia da culinária africana. Esse foi o motivo da minha viagem. Os resultados obtidos são de extraordinária importância para o meu trabalho (CASCUDO, 1963 *apud* ED. KEFFEL, 1963, p. 72).

Essa missão cultural apontava para uma perspectiva intelectual antropológica, na medida em que a postura de registrar e classificar os saberes, ditos populares, davam lugar ao estudo de campo e à reflexão da literatura disponível, buscando pensar as práticas alimentares como processos históricos e culturais. Neste sentido, a ideia de cultura que Cascudo abordou durante a pesquisa, configura-se no que a historiadora Martha Abreu chamou de pensamento cultural do intelecto, que parte de uma “[...] vertente do pensamento intelectual, formada por folcloristas, antropólogos, sociólogos, educadores e artistas, preocupados com a construção de uma determinada identidade cultural” (2003, p. 2).

Com essa perspectiva etnográfica, Cascudo assumiu a postura de um pensador cultural no campo da cultura alimentar e percorreu grande parte do continente africano para consolidar seu pensamento enquanto um construtor cultural. Aguçado a “explorar” este continente, durante um curto espaço de tempo, que durou apenas três meses, ele percorreu cerca de 20 mil quilômetros, circulando de um lado a outro da África Ocidental e Oriental, onde focou sua pesquisa nos povos da cultura banto⁴⁷. A preferência pela cultura banto se deu em razão da escravidão e da elevada taxa de africanos forçosamente levados para a América, sobretudo, para o Brasil, onde, a despeito da violência a que foram submetidos, desempenharam um papel significativo na formação da cultura brasileira e na identidade nacional, seja pelo legado linguístico, pela cultura popular e seus elementos como as artes manuais, culinária e outros aspectos.

Construindo um mosaico de experiências ao longo do seu percurso, quando procurava fontes para fundamentar sua pesquisa e entender a formação da alimentação brasileira, Cascudo assumiu uma postura teórica-metodológica de caráter etnográfico, na medida em que foi percorrendo este continente e, junto a suas observações, ele vivenciou uma realidade africana já percebida em anos de pesquisas acerca do folclore brasileiro. A respeito disso, ele expôs de forma descritiva sua atuação neste continente, enquanto um folclorista brasileiro que, ao viajar pela África, assumia o papel de um etnógrafo:

Tudo quanto vi na África Oriental e Ocidental testei com as velhas leituras silenciosas em quarenta anos de simpatia. Percorrendo a África não procurava endosso e aval às minhas conclusões anteriores que legitimasse, pela evidência imediata, continuidade ou modificação às verdades iniciais. Assim, *Made in Africa*, feito na África, constitui elaboração obstinada de material brasileiro e local, demonstrando influências recíprocas, prolongamentos, interdependências, contemporaneidade motivadora nos dois lados do Atlântico ou do Índico (CASCUDO, 2001 [1965], p. 9).

Mesmo antes de executar sua viagem, Cascudo já tinha arquitetado o roteiro para suas atividades, como podemos ver em uma carta relatório, publicada n’*O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 7 de maio de 1963, uma semana antes de viajar à África:

Depois de muito olhar e revirar o mapa africano, fixo alguns pontos essenciais para permanência que será ditada pela utilidade imediata: visitarei DAKAR (para estudar a área do Senegal, Gâmbia e Maurítânia). GUINÉ PORTUGUESA – Zona demográfica de importância marcada. Estudos no

⁴⁷ Em uma entrevista concedida à revista *O Cruzeiro*, em 1963, Câmara Cascudo disse que, “explorando” a África, o que lhe interessava era o mundo banto, constituído por uma cultura específica (banta), cultura que chegou ao Brasil no século XVI, quando os africanos foram escravizados. Por isso, seu objetivo era estudar as regiões formadas por esses povos, para entender suas influências na formação da culinária brasileira.

Centro de Estudos locais. Tem 17 grupos. GANA... se possível tratando-se da Costa de Ouro. DAOMÉ essencial terra dos jejes. NIGÉRIA, Pátria nego, inútil ressaltar minha curiosidade e interesse maior. ANGOLA. Como na Guiné Portuguesa demora maior e quartel-general para investigação, compreendendo os congos vizinhos. MOÇAMBIQUE na Contra-Costa, no Índico. Zona de recepção de espécies. Arroz, coqueiro, jaca, mangas (CASCUDO, 1963, p. 2)⁴⁸.

Diante dessas palavras, percebemos que seu plano de estudo seguiu de maneira sólida pelas principais regiões que, ao longo do tempo, se tornaram um palco para o chamado tráfico negreiro. No entanto, não se sabe ao certo se esse plano foi realizado durante os três meses que Cascudo permaneceu na África. O que podemos destacar, conforme as fontes analisadas, em especial a reportagem intitulada *Mestre Cascudo Descobre o Mestre Cuca Africano*, publicada por Edmundo Keffel n' *O Cruzeiro*, em 1963, é que o roteiro da sua viagem e os lugares de investigações aconteceram nos seguintes países: Guiné-Bissau, Nigéria, Angola, Moçambique. Além disso, Keffel destacou que também visitaram alguns estados e províncias, como Bissau, Cabinda, Ilha de Moçambique, Luanda, Lourenço Marques, Mansoa, Mussuril, Nampula, Guiné, Reino do Congo e Zambézia. Com isso, entende-se que a rota da sua viagem compreendeu, em grande medida, as regiões da África Portuguesa.

Cabe ressaltar que, antes de Cascudo chegar à África e visitar os referidos países, sua viagem teve um primeiro momento pelo continente europeu, quando ele deixou o Brasil, em março de 1963, partindo para aquele continente na companhia de uma comitiva da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II. Para demonstrar como um intelectual seria capaz de problematizar uma parte do mundo com um objetivo científico, solicitamos a produção de um mapa com os principais locais que Cascudo percorreu, partindo da América do Sul, passando pela Europa e chegando à África.

⁴⁸ Os referidos países e províncias destacadas na citação, estavam dentro dos objetivos de estudo de Câmara Cascudo durante sua viagem à África. Entretanto, em toda documentação consultada durante a pesquisa, não conseguimos comprovar se este plano de estudo foi realizado, o que nos aparenta que ele não conseguiu percorrer todo trajeto planejado.

Imagem 10: Roteiro percorrido por Câmara Cascudo em sua viagem à Europa e à África em 1963



Fonte: Elaboração Cartográfica: Denilson Bezerra Marques (2023)

Para além dos países, estados e províncias africanas que foram visitadas por Cascudo, ao longo da sua missão, notamos que sua viagem não se restringiu apenas ao continente africano. As linhas na cor lilás, que traçam o roteiro no mapa, significam o percurso seguido durante a viagem em busca de elaborar uma história para a alimentação. Diante disso, nota-se que a viagem passou pelos três continentes supracitados: América (do Sul), Europa e África, tendo como ponto de partida o Brasil (Rio Grande do Norte), sua terra natal, com destino a São Paulo, onde embarcou para a Europa, visitando neste continente países como Portugal e Espanha.

Nos documentos analisados, não foi possível identificar o tempo de permanência em cada um desses países e os Estados específicos que ele visitou. O que sabemos sobre a passagem pela Europa é que sua visita focou apenas nas capitais, Lisboa e Madrid, de onde Cascudo seguiu rumo à África, para estudar aspectos culturais de quatro países: Guiné-Bissau, Nigéria, Angola e Moçambique⁴⁹, lugares que lhe permitiram se inteirar do espaço e dos processos de aculturação⁵⁰ ocorridos.

⁴⁹ No continente africano não podemos dizer ao certo, se sua viagem ficou concentrada somente nos quatro referidos países ou se Cascudo conheceu ou esteve de passagem por outros Estados. O que podemos constatar diante da pesquisa, é que suas investigações sobre as raízes da alimentação brasileira foram realizadas em países como: Guiné-Bissau, Nigéria, Angola e Moçambique, bem como está destacado no mapa acima.

⁵⁰ O termo aculturado é tratado neste trabalho a partir da perspectiva de Câmara Cascudo. Para este intelectual tanto a África quanto o Brasil passaram por uma dinâmica de aculturação ao longo do tempo. Este processo ocorreu sob a luz de uma ressignificação de elementos no interior da cultura africana, quando africanos passaram a ter

Foram nesses países que Câmara Cascudo empreendeu uma longa viagem de estudos e investigações *in loco*, que durou cerca de três meses de andanças em torno da África. Em convívio com o cotidiano da vida africana, ele teve a oportunidade de constatar as imensas afinidades culturais que uniam África e Brasil. Durante seu percurso, não sabemos se sua viagem seguiu a sequência geográfica do continente, atravessando a África de Norte a Sul. Considerando os escritos de Edmundo Keffel (1963). Sempre que foi relatado o trajeto desta viagem, percebemos que ela teve o seguinte rumo: Guiné-Bissau, Nigéria, Angola e Moçambique, tal qual está destacado no mapa acima. No que diz respeito a sua volta ao Brasil, não foi possível mapear todo o roteiro, mas o que sabemos é que, da África, Cascudo rumou à Europa (Portugal) e, depois, ao Brasil, desembarcando na capital do estado de Pernambuco, a cidade do Recife. Esta informação pode ser consultada em uma matéria publicada no próprio *Diário do Pernambuco*, ao narrar trechos da chegada da comitiva ao Brasil.

Voltaram da África portuguesa C. Cascudo e Ismael Ribeiro. De regresso da Europa, chegaram ontem ao Recife o escritor Luiz da Câmara Cascudo e o Jornalista Ismael Ribeiro. Ambos estiveram nas províncias ultramarinas portuguesas fazendo pesquisas sobre as influências luso-africanas na alimentação brasileira, pesquisa essa sugerida pelo embaixador Assis Chateaubriand, diretor dos Diários Associados. [...] Logo após desembarcar no Recife, de bordo do DC-8 da Panair, rumou para o Rio Grande do Norte, havendo prometido falar em breve sobre a viagem. (VOLTARAM, 1963, p. 3).

Indícios desta viagem “gira mundo”, assim como se referiu Assis Chateaubriand (1963), são encontrados em uma matéria do *O Jornal*, após noticiar a pesquisa designada pela Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II.

Anteontem, segunda-feira, véspera da partida dos enviados de Marcondes, para a tarefa Castelhana, que são Câmara Cascudo, Odylo Costa Filho, Ismael Ribeiro e Edmundo Keffel, farão em nome da Sociedade Pedro II, uma dupla missão, passando por Portugal, Madrid e à África. Pela primeira vez no Brasil é empreendido um trabalho científico nesta dimensão [...] sobre o tratado da alimentação no Brasil (CHATEAUBRIAND, 1963, p. 1).

Em outra matéria publicada por um dos membros desta expedição, o senhor Ismael Ribeiro, em um dos veículos de comunicação dos *Diários Associados*, *Órgão do Diário do Paraná*, foi destacado que a viagem seguia com base na descrição dada por Chateaubriand na

contato direto com brasileiros, havendo uma inter-relação no seu campo cultural, em que determinados aspectos como, costumes, crenças, hábitos, língua, vestes, danças, culinária e outros, foram sendo moldados e modificados entre uma cultura e outra.

citação supracitada. Além disso, ele enfatizou o motivo desta passagem por Portugal e Espanha, chamando atenção para a presente relação de Chateaubriand com a Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II, em torno da política luso-tropicalista, consolidando cada vez mais a tese de que a pesquisa empreendida por Câmara Cascudo no continente africano teve, em grande medida, influências do governo estrangeiro, em especial, o governo português:

A minha presença nesta bela e encantadora Lisboa se prende, em parte, ao idêntico objetivo, ou seja, firmar acordos com historiadores e pesquisadores lusitanos e em parte para uma visita de cortesia e troca de impressões com os dirigentes que integram o Concelho Constitutivo da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II. Terminando este trabalho em Lisboa e Madrid, estenderei a minha viagem à África percorrendo as províncias portuguesa do ultramar em companhia do escritor e professor Luís da Câmara Cascudo, para angariar subsídios para a sua obra em 3 volumes, sobre a “**História da Alimentação no Brasil**”, a editar também pela Sociedade (RIBEIRO, 1963, p. 4, grifo do autor).

O que justificou o motivo dessa pesquisa ter iniciado em Portugal e Espanha foram os interesses particulares de Chateaubriand ao manter a Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II vinculada a Conselhos Constitutivos⁵¹ nos referidos países. Por conta disso, Portugal e Espanha tinham objetivos específicos que seriam realizados com esta pesquisa. O primeiro seria receber do chefe dos *Diários Associados*, Assis Chateaubriand, destaque internacional, de que os mesmos investiam na política ultramarina para alcançar um alto desenvolvimento nas suas concessões no continente africano. E o segundo seria “[...] investigar e pesquisar a influência luso-africana na alimentação brasileira. Essa pesquisa constitui um verdadeiro tratado de Portugal sobre o mundo” (RIBEIRO, 1968 *apud* VOLTARAM, 1968, p. 3).

Conforme aponta Teresa Castro (2016), a estratégia de Chateaubriand ao receber apoio financeiro, político e cultural da política luso-tropicalista, não seria por acaso, uma vez que seus planos eram transformar a pesquisa de Cascudo em um projeto político, o qual levaria para a África a ideia de que Portugal ainda continuava civilizando suas colônias e que a pesquisa sobre as raízes da alimentação brasileira no continente africano seria uma das provas do progresso em torno do campo cultural/científico. Por esse motivo, a autora destaca que:

⁵¹ Os Conselhos Constitutivos pertencentes à Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II foram corporações estrangeiras de empreendimento a pesquisa científica, que permaneceu em Portugal, Espanha e França, entre as décadas de 1950 a 1960. A sede deste Conselho era a referida Sociedade que, na época, estava localizada no Museu de Arte de São Paulo (Brasil). Sendo assim, Assis Chateaubriand era o responsável por esta tarefa, fazendo com que circulasse conhecimento entre esses países através das pesquisas que o Conselho promovia.

Na verdade, foi o mesmo Assis Chateaubriand a solicitar Cascudo através da Sociedade D. Pedro II, a proposta que o estudioso nordestino apresenta ao magnata da imprensa — A de realizar uma sociologia da alimentação brasileira — Rapidamente essa proposta se transforma num projecto ao serviço da política colonial portuguesa, assumido o sentido de advogado da ideia de Portugal como “nação civilizadora” (e logo da manutenção do sistema colonial português) (CASTRO, 2016, p. 59).

Além disso, Antonio Motta e Luiz de Oliveira (2012) apontam que esta passagem por Portugal e Espanha foi possível devido às ideias de Chateaubriand serem pautadas a uma corrente política ultranacionalista. Com admirações ao sistema colonial e nacional do governo português, assumiram o lugar de um defensor e propagandista da atual conjuntura política ultramarina, pois sua influência repercutia em diversas instâncias sociais, nos meios nacionais e internacionais, do regime salazarista, sistema político que assumiu o governo português durante o chamado Estado Novo, estabelecendo sua política por meio de uma ditadura, que se iniciou a partir de 1933 e foi até 1974, tendo como principal líder o ditador nacionalista Antonio de Oliveira Salazar (1889-1970). Nas palavras de Morra e Oliveira:

Já no caso de Câmara Cascudo que viaja para o continente africano com o intuito de referendar sua tese a respeito da contribuição do negro na formação da cultura brasileira, [...] também foi admirador do regime de Salazar, embora não tenha recebido do governo português as honrarias que Gilberto Freyre desfrutou em suas visitas às províncias ultramarinas de Portugal, teve apoio e simpatia do Estado Novo português (MOTTA; OLIVEIRA, 2012, p. 233).

Os depoimentos, por sua vez, apresentam Cascudo enquanto um adepto do regime salazarista, que recebia influências marcantes de Chateaubriand. Nesse sentido, ainda na África, ele apontou que “Foi de deslumbramento da minha impressão de Moçambique, pela ausência de qualquer preparo psicológico que justificasse a soberba realidade da tenacidade portuguesa na África” (CASCUDO, 2011 [1963], p. 6). Foram esses laços políticos que viabilizaram a realização da pesquisa, tendo sido efetivamente com o apoio de uma política cultural lusotropicalista do governo português que seu estudo foi consolidado, assim como foi destacado em uma entrevista realizada por Edmundo Keffel:

Toda a minha viagem se realizou num ambiente compreensivo e generoso por parte do Governo. Governadores gerais, como o Almirante Sarmiento Rodrigues, de Moçambique, Coronel Silvino Silvério Marques, de Angola, e Comandante Vasco Rodrigues, da Guiné, foram inesgotáveis de bondade, quase direi de paciência, para comigo, facilitando todos os meios de condução, apresentação folclórica, visitas aos centros mais longínquos. Os governadores dos distritos, Daniel Ferrajota, da Zambezia; Coronel Júlio Araújo Ferreira, de Cabinda; João Granjo Pires, de Moçambique, os administradores Saul Rafael

Dias, de Zavala; Garcia Soares, de Nampula; Lopes Ranito, da ilha de Moçambique; Fróis Carrusca, de Mussuril; Mendes Moreira, de Bissau; Cunha Taborda, de Mansoa; Godinho Gomes, de Quinhamel, na Guiné; os chefes de Informação e Turismo em Lourenço Marques, Botelho de Souza, em Angola; Almeida Santos e Ferreira de Almeida, na Guiné; Antônio dos Mártires Lopes, o grande etnógrafo da África Banto; Oscar Ribas, de Luanda, foram maravilhosos de prestimosidade, compreensão e simpatia. Lamento não poder, no momento, falar dos meus amigos e colaboradores preciosos do Museu do Dundo e do Instituto de Investigação Científica de Luanda. São inesquecíveis de inteligência e cultura Itajubá de Almeida Rodrigues, de Moçambique, e Frederico Jorge Carnaúba, de Angola. Não posso deixar de expressar meu agradecimento ao dois pela delicadeza da recepção e da convivência que me fizeram ter em Luanda e Lourenço Marques com homens de alta e clara mentalidade (CASCUDO, 1963 *apud* KEFFEL, 1963, p. 75).

As condições políticas, econômicas e intelectuais que Cascudo recebeu na África foram favoráveis e fundamentais para suas análises etnográficas. Aceito em muitas regiões do continente, os lugares inspecionados durante a pesquisa serviram como ponto de partida para ele identificar e conhecer constantes manifestações culturais associadas às práticas remanescentes na cultura popular brasileira que estavam sendo analisadas e comparadas a outros aspectos culturais. Ao longo da sua visitação e permanência no meio africano, foi traçado um panorama de costumes e aspectos alimentares, partindo de informações que lhe eram atribuídas diante dos locais frequentados e analisados. O fio central de suas análises girou em torno das fontes primárias da cozinha africana e nos cardápios dos povos bantos, por ser a principal cultura que muito se destaca no cotidiano brasileiro.

Tratando desta viagem, mais uma vez, somos levados a pensar nas questões políticas que tanto envolviam Cascudo quanto os sujeitos que lhe acompanharam ao longo das andanças e análises etnográficas. Simpatizante do governo português, Ismael Ribeiro afirmou que “As províncias do governo central português, a respeito da nossa missão funcionou perfeitamente sincronizadas. Os governadores locais excedem-se uns aos outros no desejo de proporcionar-nos todo apoio e assistência” (RIBEIRO, 1963, p. 4). Foi à luz desta égide política que, durante a permanência no continente, Cascudo foi agraciado com um aporte para traçar suas análises e investigações em torno dos saberes ditos populares presentes no que chamou de cotidiano negro⁵².

Foi a partir do que estava sendo experienciado na cozinha africana, que Câmara Cascudo percebeu a incorporação de produtos e paladares brasileiros ligados ao cardápio africano. Com

⁵² Cotidiano negro era uma das formas em que Câmara Cascudo se referia ao dia a dia africano. Vivendo uma nova realidade naquele continente, em que todo momento estava em contato com as particularidades sociais, políticas e culturais, construídas historicamente por vários grupos étnicos-raciais, ele chegou a se encantar com o mosaico cultural pertencente a um só continente que, em suas palavras, era o cotidiano negro.

estas inquietações, o pesquisador foi levado a pensar nas continuidades constantes da alimentação enquanto um objeto de estudo e, desde então, ele fez da África uma espécie de laboratório de pesquisa histórica, antropológica e etnográfica. Nessa perspectiva Cascudo “explorou” este continente, localizando e compilando fontes “colhidas na boca do povo,” através de visitas em locais como os mercados públicos, feiras livres, aldeias, festas, manifestações culturais, museus, arquivos, bibliotecas, escolas, hospitais, cemitérios e outros lugares do continente africano.

Com a ânsia de evocar o cardápio africano, ele estabeleceu um diálogo direto com uma elite africana, informando-a acerca da sua pesquisa e dedicação intelectual, estando consolidada em ambientes de caráter promissor com ascendência social, política e cultural, como:

[...] hospitais, arquivos, bibliotecas, mercados, feiras, cozinhas, restaurantes, serviram de fontes de consulta permanente. Conversei com professores, médicos, engenheiros, sanitaristas, etnógrafos, caçadores, industriais, governadores gerais e distritais, administradores, soldados e principalmente o negro africano, o legítimo homem de aldeias, de quem conheci a alimentação, danças, superstições e cantos (CASCUDO, 1964, p. 9).

Um panorama destes locais que Cascudo elucidou na referida citação será abordado no próximo tópico, juntamente com os registros da sua viagem, para entendermos o seu lugar social de trabalho nos países, estados e províncias africanas. Esses registros resultaram em imagens fotografadas durante o seu estudo de campo e os ambientes que foram tomados como laboratórios para as investigações e considerados como espaços produtores de conhecimentos, onde foram vivenciados hábitos, costumes e aspectos sociais, políticos e culturais do meio africano.

3.1.1. “NA ÁFRICA O QUE DESEJEI VER, EU VI”

Pelas leituras e análises documentais realizadas ao longo desta pesquisa, foi possível mapear o trajeto percorrido por Câmara Cascudo e os principais lugares que lhe serviram de aporte teórico-metodológico para a construção das suas investigações sobre as raízes da alimentação brasileira. É importante destacar isso, pois os espaços estudados pela comitiva permitem compreendermos que a pesquisa acenava tanto para uma problemática historiográfica quanto para um estudo de cunho antropológico com práticas etnográficas.

Deste modo, devemos levar em consideração o título deste subtópico, “Na África o que desejei ver, eu vi”, por ser uma das frases proferidas por Cascudo em uma matéria no jornal

Diário de Pernambuco, em maio de 1963, após seu retorno para o Brasil. Seu sentido expressa um tipo de afirmativa referente ao que ele desejou ver no continente africano, foi visto. Cabe pontuar que isso só foi possível através dos investimentos que viabilizaram sua pesquisa na África, ou seja, o aporte recebido pela Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II, que custeou toda sua viagem.

Sendo assim, muito do que foi visto por este intelectual foi registrado em fotografias referentes ao seu lugar de pesquisa, mostrando que um dos seus objetivos era mapear e entender a África na ótica de uma análise cultural. Isso pode ser acompanhado a partir de algumas das suas experiências culturais, quando davam ênfase à cultura popular no folclore, remetendo suas investigações a uma prática etnográfica bastante explorada durante a pesquisa.

Em Moçambique, Ismael Ribeiro (1963) apontou uma das suas primeiras posturas etnográficas, quando Câmara Cascudo preferiu visitar lugares sagrados, onde repousavam as afamadas chefes de cozinhas. Sendo este o caso do cemitério de São Nicolau, em Moçâmedes, no qual conheceu os túmulos das consagradas cozinheiras que, diante das suas habilidades culinárias, deixaram as cozinhas e entraram para a história da gastronomia africana. Durante sua passagem por este cemitério, foi registrado um túmulo moldado com uma escultura fúnebre, em que está representada a arte simbólica de uma cozinheira, processando a preparação de um prato.

Imagem 11: “Escultura fúnebre - cemitério de São Nicolau em Moçâmedes, Angola”



Fonte: Acervo documental - **Instituto Câmara Cascudo**. Disponível em: página [@institutocascudo](#). Acesso em: 04 jun. 2021.

Nesta imagem, percebemos o caráter da postura etnográfica que aparece na pesquisa. O que se observa é que, além da alimentação, sua problemática atravessa o interior da cultura popular. Nesse sentido, o antropólogo James Clifford aponta que o trabalho de campo

desenvolvido por um folclorista, “[...] permanece como um método notavelmente sensível, [...] tanto em termos físicos quanto intelectuais. Ele requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais” (2002, p. 20).

Este desarranjo que Clifford chama atenção condiz com o trabalho que Cascudo desempenhava enquanto um etnógrafo. E aí notamos que, além da matéria prima⁵³ que estava a seu favor, ele fez da África um verdadeiro espaço de estudo. Nessa ocasião, destacamos o exemplo das suas investigações nas ruas do mercado de Lourenço Marques, quando observou a preparação de alimentos e degustou o sabor das comidas, das bebidas e dos diversos tipos de alimentos para entender a cultura alimentar africana, enquanto uma via que abriu caminho para formação da culinária brasileira. A imagem abaixo pode ser tomada como exemplo deste processo em que a alimentação foi examinada cuidadosamente a partir do olhar crítico de um folclorista que desempenhava o papel de um etnógrafo.

Imagem 12: “Câmara Cascudo em sua viagem à África”



Fonte: Templo Cultural Delfos. Disponível em: https://www.elfikurten.com.br/2012/04/camara-cascudo-uma-conversa-sobre.html#google_vignette. Acesso em: 14 jun. 2021.

⁵³ A matéria prima que estava a favor das pesquisas de Câmara Cascudo condiz com suas fontes analisadas que, neste caso, foram fontes primárias, como ele próprio destaca: “Na África tanto estava eu nos museus, bibliotecas, institutos, como estudava mercado, aldeias, festas, conversando com governadores, administradores e homens de todas as procedências, vendo bailados, ouvindo músicas, provando comidas e bebidas locais, e assistindo-lhes ao preparo” (CASCUDO, 1963, p. 3).

Com este olhar sobre o seu objeto de estudo, o passeio que Cascudo fez em torno dos povos formadores de uma identidade alimentar visava demonstrar e provar o ecletismo da cozinha brasileira, que foi constituída ao núcleo cultural do que hoje chamamos de gosto brasileiro. Cascudo chamou a atenção para esta questão, quando foi a Angola e percorreu as ruas de Luanda, visitando a feira livre e o manifesto de um comércio popular no centro da capital: “O encanto das culturas africanas é tão espontâneo e determinante como o nosso. Apenas o africano letrado exhibe sua cultura como uma atividade natural, que os séculos consagraram na sequência imutável, tão digna de respeito e de conservação, de análise e de apreço, como a do espectador estrangeiro visitante” (CASCUDO, 1963, p. 3).

Esta questão abordada por Cascudo, ao comparar a espontaneidade da cultura africana com a brasileira, pode ser tratada à luz das ideias de James Clifford, como uma problemática flexível constituída por uma percepção clara de tensão entre os campos da etnografia e da antropologia, que foram sofrendo mudanças ao longo do tempo. Em suas palavras, ele diz que:

Em termos esquemáticos, antes do final do século XIX, o etnógrafo e o antropólogo, era aquele que escrevia e traduzia os costumes e aquele que era o construtor de teorias gerais sobre a humanidade, eram personagens distintos, [...] mas que estudavam várias causas” (2002, p. 26). Com o tempo, este papel flexível do etnógrafo, passou por algumas mudanças moldando suas práticas que foram contornadas a partir do século passado, “[...] na década de 20, quando o novo teórico pesquisador de campo desenvolveu um novo e poderoso gênero científico e literário, a etnografia com uma descrição cultural sintética baseada na observação sobre aquilo que via (CLIFFORD, 2002, p. 27).

Portanto, a postura etnográfica que Cascudo defendeu ao longo da sua vida ilustra bem esse caráter que foi construído pelo novo etnógrafo do século XX. Por conseguinte, ele destacou que, no decorrer do seu trabalho, sua pesquisa manteve um esclarecimento para a cultura, que era captada a partir de uma prática etnográfica:

O etnógrafo [...] que me tornei, [...] estuda a origem e estabelecimento, modificações e vitalidade das culturas. O conteúdo, diga-se a verdade, pertence ao programa das demais companheiras. Como não houve homem sem uma cultura no tempo e no espaço, o motivo desse estudo coincide na indagação de todas as ciências do social, diversificando-se nos ângulos da apreciação e amplitude. A etnografia, até deliberação em contrário, estuda essas culturas, que são perpetuamente as explicações da passagem humana na face da terra (CASCUDO, 1973, p. 20).

Diante do exposto, percebemos que, naquele momento, Cascudo já não era mais apenas um folclorista, era um etnógrafo, atuando ativamente com pesquisas de campo, como foi o caso

da sua investigação no continente africano. Isso ocorreu no momento em que as Ciências Sociais Brasileiras estavam definindo seus campos de estudos, havendo uma transição entre o folclore e a antropologia, incidindo de modo particular nas pesquisas de Câmara Cascudo, quando ele “adotou então uma postura mais teórica e publicou livros e artigos refletindo sobre a cultura popular em uma clara perspectiva etnográfica” (SALES NETO, 2019, p. 2).

Tratando evidentemente dessa postura etnográfica sobre o gosto e paladar no terreno da culinária africana, Cascudo supervisionou práticas durante a preparação dos alimentos, tabus alimentares, costumes, receitas, cardápios e, sobretudo, o gosto da alimentação, o que lhe permitiu conhecer as reminiscências dessas práticas na alimentação brasileira. Ao traçar uma discussão sobre a “alma da culinária nacional”, o antropólogo Carlos Alberto Dória, destaca que Cascudo, “[...] considerou na África, a “arte culinária”, não como um amontoado de receitas preservadas por um manto de segredo ou dificuldade de elaboração e, sim, como um sistema simbólico dotado de léxico no seu paladar e uma síntese formada por histórias próprias” (1998, p. 5).

Ao tempo que ele pôs sua prática em ação, mobilizando a memória das suas fontes, era feita uma ligação do seu conhecimento antropológico, etnográfico e folclórico, ao seu objeto de análise, que se pautava nas características sociais e culturais dos africanos. Desse modo, suas fontes são postas ao aspecto da indagação para conhecer os velhos apontamentos que conduziram à construção identitária, que estabeleceu as relações culturais entre África e Brasil. Acompanhando este processo em que Cascudo operacionalizou a pesquisa, por meio de indagações que giravam em torno da análise das fontes primárias, percebe-se na imagem abaixo outra de suas posturas etnográficas, com profundas observações sobre o comportamento alimentar e acerca das práticas costumeiras do mercado popular de Luanda.

Imagem 13: Visita ao mercado popular de Luanda



Fonte: Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo (2022)

Na ocasião o intelectual foi conhecendo e experimentando o gosto e os gêneros alimentícios do cardápio africano, centralidade da sua pesquisa, a qual girava em torno das fontes originárias da cozinha africana. Entretanto, Cascudo não se fixou apenas nas questões alimentares, partindo para a conotação do preparo da comida, dos locais e horários das refeições e, além dos rituais que presidiam o comer e o beber, ele estudou o interior das manifestações culturais africanas. Isso foi destacado por Ismael Ribeiro, que lhe acompanhar em uma visita à Ilha de Mussuril, em Moçambique:

Além das cozinhas, o administrador da Ilha de Mussuril, proporcionou-nos um espetáculo precioso, inédito para nós. Reuniu parte de uma tribo, com umas quatrocentas negras bem vestidas, que seguiam uma policromia estonteante. Durante a apresentação, acompanhamos o banquete, a preparação da comida, o ritual e tudo mais que estava presente. O espetáculo nos impressionou tão vivamente, que foi repetido a tarde toda (1963, p. 6).

No curso desta pesquisa, ao percorrer o continente africano, uma coisa que Cascudo dedicou atenção foi se informar acerca da peculiaridade e das manifestações culturais sob os aspectos nativos, que passaram de geração em geração. Um exemplo das suas observações sobre tais manifestações pode ser visto na próxima imagem, quando ele visita o local em que aconteceu um espetáculo da cultura Xigubu, uma das práticas moçambicanas que envolve músicas, danças, gestos, vestes e comida.

Imagem 14: “Nossos irmãos os africanos”



Fonte: Ed Keffel. *Revista A Cigarra* (1964).

Mantendo sempre um olhar vigilante às fontes e registros, Cascudo compreendeu a alimentação como “[...] um mecanismo que associa a memória aos sabores com a química corporal da identificação destes aspectos identitários as manifestações culturais” (CASCUDO, 2011 [1967], p. 370). Isso posto, o que podemos afirmar é que a alimentação, sendo seu principal objeto de estudo, também foi usada como um mecanismo propício que lhe permitiu conhecer outros aspectos do tipo social, político e cultural. Como foi o caso das suas análises desenvolvidas em Moçambique, ao estudar as características culturais do Museu Nacional de Etnografia, na cidade de Nampula, assim como podemos perceber sua admiração aos monumentos culturais.

Imagem 15: “Casculo no Museu de Nampula, em Moçambique”



Fonte: Fonte: Templo Cultural Delfos. Disponível em: https://www.elfikurten.com.br/2012/04/camara-cascudo-uma-conversa-sobre.html#google_vignette. Acesso em: 14 jun. 2021.

Ao analisar as imagens, percebemos que cada uma apresenta características distintas, que são descritas e moldadas conforme o seu grau de análises desenvolvidas por Câmara Cascudo. Em outras palavras, o que percebemos mediante a isto, é que em cada meio visitado suas investigações giravam em torno da cultura popular no folclore, com ênfase nas práticas etnográficas. Deste modo, conforme afirma Mariana Corção, ao analisar a obra *História da Alimentação no Brasil* (1967), ao desenvolver uma pesquisa ainda inédita no continente africano Cascudo foi “[...] mais do que um folclorista. Entre outros fatores porque perpassou por diferentes áreas do conhecimento como a história, a antropologia, a etnografia e a nutrição” (2014, p. 7).

Sendo assim, a partir desta perspectiva, podemos compará-lo, ao que Peter Burke (2020) definiu por intelectual polímata, por ser aquele indivíduo que domina e produz conhecimento em vários campos disciplinares, podendo ser:

[...] definido como alguém que se interessa por muitos assuntos e aprende sobre muitos assuntos, [...] do conhecimento acadêmico, antes chamado de erudição. E falar de estudiosos com interesses que eram enciclopédicos no sentido original de percorrer todo o curso ou currículo intelectual ou, de alguma maneira, determinado segmento importante desse círculo (BURKE, 2020, p. 20).

A pesquisa que Cascudo realizou na África, seguiu o caráter de um estudo desenvolvido por um intelectual polímata, devido seu trabalho ter ganhado dimensão, dominando e produzindo conhecimento acerca de várias áreas, cujo seu conhecimento não ficou restrito a um único campo, que seria a alimentação, mas a uma gama de saberes que giraram em torno das ciências humanas, permeando todo um vasto campo do saber científico.

Alinhando sua pesquisa à luz da história cultural africana, durante suas investigações, Cascudo permaneceu conectado às ideias de um intelectual polímata, como aquele que “[...] atingiu um alto padrão em várias direções diferentes ao combinar talentos que nem sempre se encontram juntos. Deve ser, em certa medida, matemático, historiador, estadista e filósofo [...] para se qualificar como polímata” (BURKE, 2020, p. 21).

Percebemos em Câmara Cascudo, a consolidação de um campo de estudo que se caracteriza aos moldes de um sujeito polímata, isto é, que mobiliza e problematiza questões diversas no que diz respeito a assuntos que envolvem os estudos históricos, antropológicos e etnográficos. Sendo assim, nesse processo, ele enfrentou as alterações científicas que redefiniram o seu campo de atuação, no qual ele não se reconhecia mais apenas como um folclorista, mas também como antropólogo, com ênfase nas práticas etnográficas. Esta redefinição foi um dos nossos objetos de pesquisa, a partir do já citado Projeto de Iniciação Científica do qual esta pesquisa decorre, quando buscamos entender a adoção de uma postura etnográfica e uma maior preocupação com as definições teóricas acerca da cultura nos escritos de Câmara Cascudo, em função da sua redefinição intelectual para um novo campo de estudo: a etnografia.

3.2. “EM TODAS AS PESQUISAS NUNCA ESQUECI DE INVESTIGAR SOBRE A ALIMENTAÇÃO POPULAR EM SUA NORMALIDADE”

A missão de Luís Câmara Cascudo no continente africano chegou ao fim no mês de maio de 1963, quando ele voltou para o Brasil. Como lembranças da África, Cascudo trouxe várias coleções etnográficas, anotações de pesquisas e toda uma série de informações que tratavam de aspectos sociais, políticos e culturais dos povos africanos. Além disso, ele também trouxe lembranças de amigos africanos, com quem manteve um intercâmbio epistolar durante anos.

É sabido que sua visita ao continente africano estreitou laços com pesquisadores do folclore do outro lado do Atlântico Sul, como Oscar Ribas, Elísio Romariz e Mesquitela Lima. Foi por meio das correspondências trocadas com esses pesquisadores estrangeiros do folclore e

da etnógrafa que Cascudo não apenas participou dos debates intelectuais como também dialogou bastante sobre as particularidades da vida de cada um, especialmente a partir da década de 1960, quando ele retornou para o Brasil.

Sobre esses escritos, só tivemos acesso às correspondências enviadas pelos referidos intelectuais a Câmara Cascudo. Ao todo, tivemos acesso a vinte e uma cartas, das quais, dezessete foram de Oscar Ribas, duas de Elísio Romariz e as outras duas de Mesquitela Lima. Nas entrelinhas de cada correspondência, percebemos que, a partir do contato pessoal que esses pesquisadores tiveram com Cascudo, durante a passagem pela África, seus interesses acadêmicos miraram uma troca de ideias sobre aspectos culturais africanos e brasileiros, pautados pela amizade estabelecida.

A partir das correspondências, notamos entre eles uma afinidade que representou uma troca de ideias entre diferentes perspectivas, que dizem respeito à relação afetiva entre cada um desses intelectuais. Logo, seus escritos deixaram de ser um meio de informação e troca de saberes científicos e se tornaram um espaço de intimidade, confiança e desabafos, em função da amizade. Esse afeto apareceu, em grande medida, nos escritos de Oscar Ribas e Elísio Romariz, sobrando apenas uma entre as duas cartas de Mesquitela Lima, em que seu objetivo era tratar de questões em torno da alimentação. Mesmo assim, notamos que sua intenção era fazer menção a Cascudo, quando discutiu a publicação da sua obra: *A Cozinha Africana no Brasil* (1964) e seu trabalho no continente africano. Em diálogo com esta obra, Mesquitela Lima descreveu o trabalho de Cascudo no continente africano da seguinte forma:

Em separata sóbria, editou o Museu de Angola, “A Cozinha Africana no Brasil”, da autoria do Prof. Luís da Câmara Cascudo, talvez, um dos maiores folcloristas do Brasil e mesmo até considerado um dos maiores folcloristas mundiais vivos. Não é um desconhecido em Angola: há cerca de um ano esteve entre nós a colher elementos para o monumental trabalho <<História da Alimentação no Brasil>> e teve ocasião de contactar com a realidade antropológica angolana, não só através de viagens pelo interior, mas também por visitas a instituições responsáveis por estudos relacionados com as Ciências Sociais e Humanas na nossa Província (LIMA, 1964b).

Cabe pontuar que, diante dessas questões, nosso objetivo não é problematizar este diálogo entre intelectuais. O que queremos mostrar diante disso é que, mesmo percebendo a ausência de um efervescente diálogo em torno da alimentação e/ou troca de ideias sobre elementos culturais, é possível notar que foram esses intelectuais que deram um suporte a Câmara Cascudo durante sua pesquisa.

Com isso, queremos dizer que Cascudo produziu muito mais que a referida obra, como foi o caso do estudo *A Cozinha Africana no Brasil*, escrito durante sua permanência no continente africano e publicado em 1964. Além disso, destacamos *Made in Africa*, livro publicado um ano depois, em 1965, que também foi fruto da sua pesquisa no continente. Nesse sentido, chamamos a atenção para essas obras, pois serão elas a nossa principal base metodológica para entendermos, neste tópico, como Cascudo construiu uma ideia de alimentação popular, dentro do campo cultural, envolvendo dois continentes (África e América/Brasil).

Para compreendermos como o autor fez esta relação entre *Brasil n`África e África no Brasil*, partimos da perspectiva teóricas das historiadoras Angela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen (2016), de modo a analisarmos o trabalho de Cascudo enquanto um mediador cultural que, durante sua pesquisa sobre a alimentação, relacionou aspectos da cultura popular africana com a cultura popular brasileira.

A despeito disso, não será feita uma descrição de cada obra, mas uma análise para percebermos como o autor foi construindo em torno da sua pesquisa uma ideia de cultura popular em torno da alimentação. Com base nos seus escritos, notou-se a presença de elementos que traçam uma relação cultural entre África e Brasil. Em função disso, Cascudo passou a ser reconhecido como um intelectual e mediador cultural por ter estudado as trocas entre a cultura popular africana e a cultura popular brasileira. Em suas próprias palavras, ele mostrou parte desta relação e a forma em que este processo foi ganhando fôlego no seio da sociedade brasileira:

Chegou no Brasil precisamente pelo envio da massa escrava durante anos ininterruptamente embarcada nos portos de Angola, mas, essencial, na continuidade dos valores humanos que o homem congo, o Pai Congo e negro, representou nos séculos de cativo e, depois de livre, na colaboração afetuosa no espírito popular, [...] e contribuíram para formação da nossa cozinha, com base na alimentação popular (CASCUDO, 2011 [1965], p. 29).

Cabe ressaltar que o trabalho de Câmara Cascudo deve ser entendido no contexto das relações culturais e dos impactos positivos da alimentação africana sobre a formação da cozinha e cardápio brasileiro, sendo considerado uma mediação cultural, tal qual as ideias de Gomes e Hansen (2016). Nesse sentido, o mediador cultural é um sujeito produtor de conhecimento com ênfase na nova história cultural, que busca relacionar seus estudos a aspectos de culturas distintas para formar, por meio de uma aceção, um novo campo de atuação. Isso significa que Cascudo estava ocupando o lugar de um mediador cultural, tendo um campo aberto e livre sobre

o seu trabalho enquanto pesquisador. Neste sentido, o mediador cultural seria uma categoria socioprofissional marcada:

Na acepção mais ampla que aqui consideramos, mediadores culturais são homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social (GOMES; HANSEN, 2016, p. 10).

Para as referidas historiadoras, o conceito de mediador cultural se fundamenta através de um sujeito histórico denominado intelectual que, ao longo da sua vida, se posicionou enquanto mediador entre perspectivas culturais distintas. Neste caso, destacamos o trabalho de Cascudo entre o folclore e a antropologia e entre o Brasil e a África. Sobre essas características, Gomes e Hansen (2016, p. 18) apontam que “[...] é possível demonstrar o intelectual que atua como mediador cultural, sendo aquele que produz, ele mesmo, novos significados, ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, que são reconhecidos como preexistentes”. Nesta perspectiva, podemos afirmar que Cascudo foi um intelectual mediador cultural que produziu ele mesmo novos significados ao se apropriar do que foi visto no continente africano. Através desta mediação ele construiu uma história para a alimentação brasileira, abrindo espaço para que fosse possível entendermos o intercâmbio cultural entre dois continentes (África e América/Brasil).

Ainda, em decorrência dessa circularidade de ideias e espaços entre Brasil e África, percebemos que Cascudo desenvolveu em seu trabalho intelectual um papel de um mediador. No caso da cultura popular brasileira, pressuposto inicial para a sua investigação em torno da alimentação, Cascudo frequentemente assumiu a posição de mediador entre áreas de saberes, espaços e temporalidades, estudando locais como: “[...] Sertão e praia, cidade e vila, pelo Nordeste, Sul, viagens fora do Brasil, estava vigilante na pergunta e no registro” (CASCUDO, 2016 [1967], p. 7). Foi nesse lugar de mediador, que Cascudo esteve em África para realizar sua pesquisa, estabelecendo uma autoridade etnográfica:

O meu longo e total contacto com o povo brasileiro, na investigação de sua cultura, capacitava-me para ver e ouvir os africanos sudaneses e bantos na sua pátria, como privara com seus descendentes na minha investigação [...]. O assunto dessas indagações será um processo autenticador de elementos africanos que permanecem no Brasil e motivos brasileiros que vivem na África, modificados, ampliados, assimilados, mas ainda identificáveis e autênticos (CASCUDO, 2001 [1965], p. 9).

Estando sua pesquisa formada através de um processo composto por elementos africanos que permanecem no Brasil e motivos brasileiros que vivem na África, Alberto da Costa e Silva aponta que muito do que se passa na África Atlântica repercute no Brasil, uma vez que “[...] o Brasil é um país extraordinariamente africanizado. E só quem não conhece a África pode escapar o quanto há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e de viver e no sentimento estético do brasileiro. Há comidas brasileiras na África, como há comidas africanas no Brasil” (2011, p. 42). Em grande medida, as ligações que há entre África e Brasil são frutos de trocas que se deram nas duas direções do Atlântico. Essas trocas estavam atreladas a diferentes elementos da cultura alimentar que, através do comércio escravocrata, milhares de navegadores e traficantes de escravizados fizeram essa intermediação entre os dois continentes (África e América/Brasil), estabelecendo diversas trocas de alimentos e aspectos culturais.

Assim, percebemos em Cascudo como este intercâmbio foi se formando, quando ele afirmou que: “O caju, ido do Brasil, e a manga, mango, como já dizem, são as frutas nacionais africanas que foram africanizadas. Mas a banana nós recebemos da África e o coco que tivemos da Índia via África (CASCUDO 1963 *apud* KEFFEL, 1963, p. 75). Portanto, foi através desse intercâmbio alimentar que ocorreu um processo de aculturação no tocante à cultura alimentícia:

[Os africanos] não tinham a mandioca, o milho americano, o amendoim, midubim, mondubim, que seriam cem anos mais tarde fundamentos tão comuns que pareceriam autóctones. Receberam a troca do inhame, cana-de-açúcar, bananeira, azeite de dendê, enviados. Mastigavam a cana-de-açúcar como os indígenas amerabas, sugando o sumo [...], esses alimentos foram complementares para o cardápio africano ao chegarem do Brasil (CASCUDO, 2011 [1967], p. 174-175).

Conforme as palavras de Câmara Cascudo, muitas das práticas culturais negras e seus hábitos alimentares foram idealizados na África, mas ganharam força no Brasil. Clarival Valladares (1967) concordou com a perspectiva de Cascudo, ao dizer que a cultura popular africana ganhou evidência no Brasil, através das práticas culinárias desenvolvidas no país, mas que voltaram para África através de reelaborações nos hábitos alimentares, formando um espaço aculturado. Com isso ele diz: “[...] a forma mais simples da culinária brasileira [...] está na evidência de que todos os pratos originais africanos foram “reelaborados, recriados no Brasil, com os elementos locais”, sugerindo que “essa técnica brasileira, voltou para a África”, levada pelos ex-escravos” (1967, p. 12).

Através deste compartilhamento cultural, Cascudo categorizou tanto o Brasil quanto a África e os apontou como um espaço de trocas e aculturações. Para o autor, aculturado é o modo em que há um intercâmbio cultural entre lugares e culturas distintas. Isso acontece quando há

um processo de partilha entre costumes, práticas e tradições culturais. Sendo assim, ele chamou a atenção para destacar o processo de *Brasil n`África e África no Brasil*, em que cada sociedade estava recebendo influências diretas de aspectos culturais diferentes daqueles que faziam parte da sua identidade primeira. Isto é, a inter-relação acerca da alimentação que, durante o período da escravidão, houve entre Brasil e o continente africano, dando a esses meios a maior zona de trocas de produtos entre as duas direções do Atlântico Sul.

Nesses termos, percebendo uma interlocução no campo cultural traçada por Cascudo em torno das relações entre África e Brasil, na chave teórica de Gomes e Hansen (2016), sua pesquisa pode ser lida como o trabalho de um intelectual mediador. Isso porque ele estudou os processos e trocas culturais para entender as raízes da alimentação brasileira e a formação da nossa culinária, chamando atenção para elucidar uma ideia de cultura popular alimentícia. Nesse campo de pesquisa, o que Cascudo chamou de alimentação popular são aqueles alimentos que se amarram a dieta de uma cultura subalternizada e que estão intimamente ligados ao paladar do povo⁵⁴, que compõem a escala de uma baixa classe social. Sendo este o termo que usaremos aqui para nos referirmos às camadas sociais que, ao longo do tempo, foram desfavorecidas em decorrência da falta de acesso a políticas públicas.

A ideia de popular que usamos para entender o conceito atribuído por Câmara Cascudo está ligado ao que Peter Burke (2010, p. 10), apontou como um conjunto de práticas ligadas a “[...] grupos sociais mais ou menos definidos, entre os quais destacavam-se os artesãos e os camponeses. Portanto uso a expressão “artesãos e camponeses” (ou “povo comum”) para sintetizar o conjunto da não elite, incluindo mulheres, crianças, pastores, marinheiros, mendigos e os demais grupos sociais”. Neste contexto, percebemos que a ideia de popular presente na perspectiva cascudiana, também está ligada aos moldes das reflexões de Burke, já que Cascudo pensava a cultura popular a partir do folclore, ligando tal conceito a uma cultura subalterna e ao saber do povo.

Vale lembrar que a busca pelas fontes da alimentação popular não é um trabalho fácil. Primeiramente, a maior parte das receitas foram transmitidas de forma oral, o que dificulta a pesquisa. Ademais, esse conceito foi influenciado de acordo com a época e a região, submetendo-se, portanto, a fortes variações. Desse modo, Cascudo aponta na sua obra *História da Alimentação no Brasil* (1967) os percalços para entender o que as classes populares comiam

⁵⁴ A ideia de povo atribuída por Câmara Cascudo, na chave do folclorismo, é aquela que “Defende sua Ciência Tradicional, secular e patrimonial, onde há elementos de todas as idades e paragens do Mundo. Povo que se constitui de elementos e possui forma definida, limites no espaço, ação percebível e características de permanência que tudo foi feito por Deus, tendo vontade, consciência e autonomia” (CASCUDO, 1971, p. 29).

e como se alimentavam. Na consideração dos percursos de formação desse modelo alimentar, ele afirmou:

Conheci ex-escravos e com eles privei. Fui advogado de um grande senhor de escravaria, inesgotável nas recordações. Dessas reminiscências e observações do velho coronel Felipe Ferreira, de Mangabeira, nasceram notas enchendo cadernos. Nunca perdi ocasião de ouvir aldeões galegos e minhotos, andaluzes e beirões, sobre seus alimentos tradicionais. Fiz demorados inquéritos pessoais [...] ao povo, aos trabalhadores rurais subalternizados e entre mestres de farinha, damas dos antigos engenhos, cozinheiras afamadas, as doceiras de citação, sempre que podia realizá-los (2011 [1967], p. 6).

Para Cascudo (2011 [1967]), a alimentação popular, aquela que sempre esteve presente na mesa do povo, tornou-se frequente no cardápio brasileiro, desde o século XVI, em um contexto político no qual o Brasil ainda se encontrava na instância colonial portuguesa e dava seus primeiros passos em torno do comércio escravocrata. Destacamos também que, segundo o autor, foi com os avanços da agricultura, sobretudo, a lavoura da cana-de-açúcar, que o número de africanos foi ampliado no país, surgindo, com isso, a preparação de alimentos da cozinha brasileira “a partir da mistura das três raças” que, com o tempo, se fizeram hábitos e formaram o que chamamos hoje de cardápio brasileiro.

Em consonância às práticas escravistas, Cascudo apresentou n’*A Cozinha Africana no Brasil* (1964) alguns apontamentos de como se deu esse processo que alinhou o surgimento de uma alimentação popular, contando que esta é uma ideia construída pelo próprio Cascudo a partir de um paralelismo cultural entre Brasil e África:

A cozinha popular brasileira contemporânea firmou suas características e elaborou suas técnicas quando o Brasil se povoa, na segunda metade do séc. XVI. Foi esse o período em que as espécies brasileiras foram enviadas e plantadas em África [...] e pratos vindos da África foram reelaborados, recriados no Brasil, com os elementos locais [...] indispensáveis do agrado negro (1964, p. 17-18).

No seu interesse acerca da alimentação, é comum encontrar escritos que fazem referências às diferentes épocas em que a alimentação já se encontrava dividida de acordo com a classe social. Exemplos de algumas dessas referências podem ser encontradas na obra *História da Alimentação no Brasil* (1967), quando Cascudo citou os primeiros escritos que trataram da

alimentação durante o período colonial e imperial. Deste modo, foi citada a Carta de Pero Vaz⁵⁵ e os escritos de alguns viajantes, como os relatos de Von Spix e Von Martius⁵⁶.

Além disso, Cascudo destacou as análises em torno dos escritos do viajante Carl Seidler⁵⁷, quando fez uma viagem ao Brasil durante o período imperial e escreveu sobre a alimentação. Dessa forma, destacamos os relatos dos viajantes que Câmara Cascudo tomou como importantes fontes para construir uma ideia de alimentação popular, ou seja, aquela que seria servida e consumida pelo povo mais pobre.

Destarte, foram esses discursos em torno da alimentação colonial e imperial, que Cascudo traçou uma perspectiva de estudo e compreendeu que a ideia de alimentação popular era fruto de um processo que se iniciou logo após a chegada dos europeus no território brasileiro, juntamente com a chegada de escravizados. Desse modo, ele buscou entender a formação social para compreender o conceito de alimentação popular e destacou que esse conceito foi construído em relação ao povo que, neste caso, eram os indígenas, africanos e europeus que viviam no Brasil na pobreza. Sendo assim, a fragilidade da dieta alimentar dessas “três raças” foi a responsável pela construção de uma cultura popular alimentícia.

A partir disso, Carlos Alberto Dória (2009), ao estudar a formação da culinária brasileira, destaca que os indígenas e africanos, nomeadamente pobres, vistos pelos portugueses sob a ótica de um olhar inferior, não possuíam os mesmos alimentos que os colonizadores. Sendo assim, levamos em consideração a principal base alimentar indígena e africana que, naquela época, era o feijão, milho, mandioca, carne seca e outros alimentos, os quais não faziam parte do cardápio ou dieta portuguesa. Por conta disso, tais alimentos foram considerados pelos portugueses como “alimentos simples, comuns” ou “comida de pobres”. Portanto, a partir desse sentido atribuído a estes alimentos, devemos compreender que Cascudo partiu desse pressuposto referente a uma “alimentação simples, comum ou pobre” e construiu sua ideia de alimentação popular pertencente à cultura de um povo, a partir das suas experiências folclóricas.

É importante ressaltar alguns alimentos que Cascudo acreditava fazer parte do cardápio popular, alinhado à dieta comum tradicional e as suas relações com a formação da cozinha brasileira, a partir da presença indígena, africana e portuguesa:

⁵⁵ Pero Vaz de Caminha foi o escrivão da expedição de Pedro Álvares Cabral em 1500. Foi ele quem redigiu o documento conhecido como “Carta a El-Rei Dom Manoel sobre o achamento do Brasil”.

⁵⁶ A dupla de pesquisadores alemã, Von Spix Von Martius, iniciou uma viagem de três anos (1817-1820), que contornava o Brasil, desbravando seu interior e litoral, a fim de estudar as várias faces da nova nação.

⁵⁷ Carl Seidler foi um viajante suíço-alemão, contratado para servir o exército imperial, destinado à campanha cisplatina. Em passagem pelo Brasil, escreveu a obra, *Dez anos no Brasil (1835)*, narrando parte do cenário social, político econômico e cultural do Império Brasileiro.

Na formação da cozinha brasileira ocorreu uma vasta mestiçagem de elementos ameríndios, africanos e ibéricos, fundindo-se e se combinando por várias formas e composição de pratos. Mas houve influências características de cada um dos três grandes grupos de povoadores da América Portuguesa na formação desta cozinha. Louvamos a mandioca que Pero Vaz de Caminha confundiu com o inhame e pouco tempo depois se tornou o pão da terra, foi consumida sob forma de farinha ou beiju, que foram a comida primitiva, o basalto fundamental da alimentação brasileira. [...] O menu africano também passou a fazer parte da dieta comum tradicional popular. E ainda o angu, a farinha em forma de cuscuz, o milho para comer mungunzá, a canjica doce, e os doces caseiros, muitas vezes degustados com caças (CASCUDO, 1967 *apud* CHATEAUBRIAND, 1967, p. 3).

No tocante à alimentação popular, sob a perspectiva de uma historiografia contemporânea, o historiador Tim Andre Waetzold (2012) apontou que, por muito tempo, os alimentos destacados nos relatos de Spix, Martius e Seidler e as refeições que aparecem nos escritos de Cascudo, são pratos que foram apreciados pelo povo brasileiro, sobretudo, por indígenas e escravizados, somando também a dieta dos portugueses que se encontravam em um estado de vulnerabilidade social.

Por conta disso, esses alimentos constituíram uma categoria histórica para quem pertencia a classe baixa, para o povo. Assim sendo, em um estudo sobre a culinária brasileira durante o Brasil Império, Waetzold (2012, p. 130) corroborou com a perspectiva cascudiana, ao destacar os principais pratos da classe popular, afirmando que: “Estes pratos preparados com feijão foram mencionados por quase todos viajantes. O feijão era tido indiscutivelmente como a comida mais típica do povo brasileiro. [...] Esse prato era cozido com toucinho, ou misturado com carne seca proveniente da caça e comido com farinha de mandioca”.

Foi seguindo as pistas deixadas por viajantes no período imperial que Câmara Cascudo consolidou essa ideia de uma cultura popular alimentícia, baseada nos alimentos que foram citados nos relatos de Spix, Martius e Seidler, afirmando que “A farinha não reina na própria espécie no mundo amazônico, mas também através do beiju, comida favorita do cardápio brasileiro, gosto de pobre, sabor amerabas que reina no paladar popular” (2011 [1967], p. 100). Foi principalmente a partir desses alimentos que ele reafirmou os laços entre África e Brasil para formação desta ideia de alimentação popular, declarando que, “Para o Congo, e região equatorial, colheriam o feijão, andu, guando *Cajanus indicus Spreng*, que alcançara Moçambique e águas do Zambeze onde o diziam trazido para o Brasil pelos escravos” (CASCUDO, 2011 [1967], p. 177). Além do feijão, Cascudo ainda destacou que as bases das ementas africanas, sudanesas e bantas são de origem sul-americana, notadamente a brasileira, apresentando os seguintes alimentos:

A farinha de mandioca, o aipim, que dizem, como nós, mandioca-doce, o milho, amendoim de consumo incalculável e a pimenta malagueta são alimentos brasileiro que foram para a África [...]. O caju, indo do Brasil e a manga, mango, como lá dizem, são as frutas nacionais africanas. A banana vem depois. Mas a banana nós recebemos da África todas as nossas frutas existem no continente Negro, mas aqui para nós são menos doces. Também tivemos o coqueiro da Índia via África, ergue-se por toda a costa oriental do Índico ao Senegal, no Atlântico (CASCUDO, 1963 *apud* KEFFEL, 1963, p. 87).

Com a presença desses alimentos no Brasil e sua circulação em torno do continente africano, Cascudo se referiu que eles eram “[...] tantos que constituíam grande recurso para a cozinha dos pobres, que os ilustram e comem com farinha de milho” (2011 [1967], p. 21). Assim, seus interesses acerca da pesquisa referente à alimentação popular decorreram do seu empenho ao buscar identificação acerca das relações culturais entre África e Brasil. Neste caso, ele entendeu que estas relações que se construíram por meio de um intercâmbio cultural, estando atreladas a diferentes elementos da cultura alimentícia. Neste sentido, Cascudo (2011 [1967]) apontou que os elementos vindos para o Brasil e/ou que foram enviados para a África chegaram em ambos os lugares através de pessoas que estavam classificadas a um meio social, o qual conhecemos hoje por classe economicamente pobre. Neste caso, ele está tratando dos escravizados, marinheiros, subalternos e pobres, vistos como pessoas comuns, que faziam parte do conceito de povo por ele utilizado.

Conforme esta percepção, Cascudo personalizou a ideia de que foram essas pessoas, através dos seus modos de vida e sua formação sociocultural, que a chamada alimentação popular foi sendo instaurada como um dos fatores usados para definir a classe social que o indivíduo pertencia. Ou seja, a dieta da classe média/alta estava formada por alimentos que despertavam o nicho de um paladar elitizado, formado por uma culinária mais elaborada, requintada e que atendia às exigências dos seus consumidores. Por sua vez, estes consumidores eram os portugueses que, na época, detinham uma aquisição econômica e gozavam de um patamar economicamente superior ao povo. Cascudo esclareceu o modo em que o seu cardápio estava organizado, destacando os seguintes elementos:

Do cardápio português, a carne de boi (que o índio não conhecia e para o africano era um tabu). O leite de vaca e a gema do ovo, de que foram nascendo os primeiros bolos brasileiros. A sardinha e o bacalhau. O pão branco de trigo, a aveia. Verduras e hortaliças para o caldo-verde. Frutas como a laranja, o limão, o figado. Temperos como alho e cebola, o cominho. Vinho de todas as cores e todos os sabores. São alimentos fixados no Brasil pelo homem de Portugal (CASCUDO, 1967 *apud* CHATEAUBRIAND, 1967, p. 3).

Enquanto o cardápio da classe média/alta, formado em grande medida pelos portugueses, seguiram produtos e preparos criteriosos para formar um gosto mais apurado em relação à qualidade e à apresentação dos pratos ou bebidas, a dieta do povo se encontrava de forma totalmente inversa, seguindo a clave de uma comida tradicional, simples e comum, assim como podemos observar na seguinte citação:

Pelos antecedentes africanos, portugueses e amerabas o feijão se tornaria um dos primeiros alimentos populares no Brasil, fonte essencial de proteína na nutrição nacional, ao lado da farinha de mandioca, do angu e do pirão, que o povo degustava com miúdos de animais para fazer sua refeição diária. [...] Somava-se ao cardápio popular, a banana, a mais popular dos vocábulos africanos no Brasil. A popularidade verbal corresponde o consumo diário e encontrava-se com o gosto da castanha pilada e seca. Vale como o elemento fornecedor decisivo dos hidratos de carbono de um povo que necessitado de proteínas (CASCUDO, 2011 [1967], p. 468-469).

De modo especial, Cascudo seguiu dando exemplo dos alimentos que era consumido pelo povo e, diante do seu processo, ao preparar os alimentos utilizando vários ingredientes, preponderantemente formados por produtos locais, sobretudo, aquilo que era refugado pela classe média/alta, foi que surgiu o discurso de que os pobres se alimentavam do que era comum. Com base nessa construção social, que foi ganhando espaço ao longo do período imperial, Cascudo mencionou as características dessa alimentação, abordando o seu preparo e os hábitos desenvolvidos pelo povo no momento das refeições.

Já era então um grosseiro sarrabulho, carne, coração figado, bofe, língua, amígdalas e outras partes da cabeça à exceção do miolo, cortados miúdos e aos quais se juntam água, banha de porco, azeite de dendê, cor de ouro e com gosto de manteiga fresca, quiabos, legume mucilaginoso e ligeiramente ácido folhas de nabo, pimentão verde ou amarelo, salsa, cebola, louro, tomates; o conjunto é cozido até adquirir a consistência necessária. Para comer acompanhava a farinha de mandioca molhada que tanto era farofa como pirão. É comida succulenta e gostosa, de escravos, de carregadores pobres, negros de ganho, mas que não figurava à mesa dos brasileiros tradicionais da classe abastada que com ela se regalam (CASCUDO, 1964, p. 11).

Essa divisão social criada em torno da alimentação “Trata-se daquele sentido em que, através das regras socialmente estabelecidas pela sociedade, criam-se vínculos com quem come, com o que se produz e com as demais dinâmicas que envolvem a comensalidade” (LIMA; JOSÉ NETO; FARIAS, 2015, p. 509-510), causando a principal diferença discutida entre alimentos e classes sociais. Desta forma, Carlos Roberto A. Santos (2005, p. 15) destaca que, com essa divisão entre a alimentação popular e a alta alimentação, “[...] os alimentos constituíram uma

categoria histórica, pois os padrões de permanências e mudanças dos hábitos e práticas alimentares em ritmos diferenciados têm referências na própria dinâmica social”, já que durante muito tempo a alimentação foi um dos aspectos que poderia ser usado como um meio que potencializava a classe social em que o indivíduo pertencia.

Para Carlos Roberto A. Santos (2005), essa questão é justificada em virtude das más condições de vida do povo, que não tinham outra forma de manter no seu dia-a-dia uma dieta formada por alimentos de qualidade pertencentes a alta sociedade. Por conta disso, na perspectiva desses estudiosos, tal como Cascudo, o povo se tornou o principal responsável pelo cardápio formado por alimentos comuns. Durante o século XX, quando a alimentação invadiu o campo das Ciências Humanas, esses alimentos foram definidos como pertencentes à cultura popular, despertando o interesse de investigações na historiografia brasileira:

Só se começa a falar em cardápio popular, [...] da cozinha brasileira no sentido atual, após o Movimento Modernista, na primeira metade dos anos 1920. Na mesma época em que se “descobriu” o barroco como estilo arquitetônico, armou-se o discurso sobre a culinária brasileira – um estilo que é fruto do amálgama dos modos de comer de índios, negros e brancos (DÓRIA, 2009, p. 7-8).

Do ponto de vista da sistematização desse campo de estudo, há hoje diferentes posições em torno da história da alimentação que, aos poucos, foram impulsionando a gastronomia a sair do interior da cozinha brasileira, ganhando novos sentidos dentro do campo da pesquisa histórica. A partir disso, Câmara Cascudo destacou a alimentação como um problema que deve ser estudado devido está intimamente ligada ao cotidiano social, tornando-se um bem imprescindível para a sobrevivência humana. Foi com esta percepção acerca da alimentação enquanto objeto de pesquisa que Cascudo iniciou o prefácio da sua *História da Alimentação no Brasil* (1967), com a frase que usamos como título para discorrer as ideias deste tópico, “Em todas as pesquisas nunca esqueci de investigar sobre a alimentação popular em sua normalidade” (2011 [1967], p. 6).

Esta frase teve caráter de evidenciar aos leitores da sua obra que, durante todas as suas investigações, a alimentação popular esteve presente entre as suas inquietações. Por conta disso, ela foi propositalmente usada como tema para a parte final deste trabalho, justamente para mostrar que a sua monumental *História da Alimentação no Brasil* foi tecida, em grande medida, com a pretensão de construir uma história para a alimentação brasileira, baseada nos aspectos da cultura popular alimentícia.

Deste modo, podemos citar que a viagem realizada por Câmara Cascudo em torno do continente africano, foi a confirmação da sua transição entre o folclore e a antropologia, tendo a oportunidade de vivenciar um novo campo de estudo, que lhe permitiu o contato direto e a experiência com a etnografia. Portanto, notamos que a partir desta experiência, Cascudo permitiu a adoção de um novo campo de estudo, com uma postura etnográfica e com novas preocupações em torno das definições teóricas e metodológicas para a escrita das suas obras.

CONCLUSÕES

Início a conclusão deste trabalho com a célebre frase escrita no prefácio da obra *Apologia da História ou ofício do historiador* (2002), ao comparar que “O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (BLOCH, 1997, p. 20). Um dos objetivos desta frase, é mostrar o ofício do historiador, enquanto um pesquisador que, corajosamente, ao se deparar com um simples vestígio humano, é capaz de se submeter ao processo de historicizar os fatos e ações do homem ao longo do tempo e do espaço em que os sujeitos estão inseridos.

Isso foi o que propusemos nesta pesquisa, quando decidimos investigar o intelectual potiguar Luís da Câmara Cascudo para entender a construção do seu campo de estudos sobre a alimentação. A história alimentar é uma história dinâmica que conta com escasso registro. Além disso, conforme Mariana Corção (2014, p. 225), “Nenhuma história alimentar é simples. Os fios que tecem a prática cotidiana das refeições muitas vezes passam despercebidos. E, entre gostos e desgostos, as tradições alimentares podem ser renovadas, transmitidas ou mesmo esquecidas”.

Mesmo passando por um árduo campo de pesquisa, podemos afirmar que, durante esse estudo, alcançamos três conclusões referentes à postura intelectual de Câmara Cascudo. A primeira diz respeito ao seu lugar social. Quando buscamos compreender esse intelectual como um sujeito amante da alimentação e que pesquisou aquilo que lhe alimentava, percebemos que seu interesse pelos gêneros alimentícios surgiu através do seu gosto pela comida enquanto refeição. Gosto que habitava o seu meio social, despertando um sentimento de ser um apreciador da mesa farta, composto por alimentos advindos do cardápio sertanejo. Desse modo, notamos que, com o passar do tempo, a comida não lhe servia apenas como uma refeição, mas como um ritual, no qual seus alimentos seguiam toda uma logística durante o processo de preparação até o momento em que eram consumidos. Para Cascudo, a alimentação ultrapassa as fronteiras de uma ingênua refeição, tendo uma maior significância e preceitos culturais.

Devemos levar em consideração que, através da percepção desse campo cultural, surgiram as suas inquietações para estudar o assunto. Seu primeiro estudo acerca da temática que localizamos, ocorreu durante o ano de 1928, quando escreveu a crônica *Em Defesa da Cozinha Sertaneja*. Mais tarde, esse tema foi sendo incluído em seus estudos, como na pesquisa sobre a *Geografia dos Mitos Brasileiros* (1947) e, posteriormente, no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954), no qual foi destinado um verbete para apresentar os alimentos que, segundo

ele, seriam típicos da linguagem popular. Destarte, podemos confirmar que a alimentação foi um mecanismo de estudo que atravessou o seu pensamento, tornando-lhe um sujeito vigilante sobre aquilo que o homem comia e como comia, seguindo uma questão ritual dentro de um campo cultural.

Diante dessa postura, podemos elucidar a segunda conclusão que foi percebida quando notamos em Câmara Cascudo a consolidação de um campo de estudos formado por meio de uma rede de comunicação com Josué de Castro. Nesse contexto, destacamos que ambos os intelectuais mantiveram uma comunicação viva durante muito tempo, tendo como objetivo mais específico a escrita de um livro, que pudesse abordar seus objetos de pesquisa. Nesta rede de comunicação, percebe-se uma divergência em seus campos de estudo. Enquanto Cascudo estudava a alimentação, Castro analisava a fome.

Dialogando com seu amigo Josué de Castro, Cascudo seguiu estudando a alimentação em um recorte local, o Nordeste, até 1962, quando ele recebeu de Assis Chateaubriand e da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II o convite para desenvolver uma pesquisa dentro do campo cultural. Na ocasião, ele propôs uma análise sobre as raízes da alimentação brasileira no continente africano e considerou este convite como uma oportunidade para edificar de vez a certidão de nascimento da história da alimentação brasileira, a partir das influências indígenas, portuguesas e africanas. Durante essa pesquisa, o magnata da mídia brasileira, Assis Chateaubriand, tinha um objetivo próprio propagar a imagem de Portugal e Espanha, enquanto países que ainda contribuíam para o desenvolvimento das províncias africanas, e que, na clave de uma política imperialista, eram colônias desses países. Em troca, Chateaubriand recebeu total apoio dos governos europeus, sobretudo o português, para garantir a realização da pesquisa de Câmara Cascudo e sua comitiva que integrava a Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II, no continente africano.

Desse modo, a terceira e última conclusão à qual chegamos, é a de um Câmara Cascudo de múltiplas faces intelectuais, sobretudo, quando começou a formar seu campo de estudos sobre a alimentação e manteve a postura de um intelectual preocupado com as características culturais que diziam respeito a esse assunto. Também cabe destacar que, com a sua viagem à África, notamos outra das suas faces, haja vista que ele passou a ocupar a acepção de um etnógrafo, quando não se reconhecia somente como folclorista e/ou antropólogo. Com esta função, Cascudo apresentou seu papel enquanto um intelectual e mediador cultural ao estudar as relações culturais existentes em meio aos percursos transatlânticos entre dois continentes (África e América/Brasil).

Além de mediador cultural, por estar intermediando os aspectos e características da cultura popular africana e da cultura popular brasileira, Cascudo também apareceu como um intelectual polímata, assumindo a postura de historiador, folclorista, antropólogo e etnógrafo. Foi sobre essa múltipla ação polímata, construída à luz de elementos peculiares, que este intelectual conseguiu intermediar seus estudos e esboçar pesquisas como *A Cozinha Africana no Brasil* (1964), *Made in Africa* (1965) e *História da alimentação no Brasil* (1967), que carregam os resultados da sua pesquisa no continente africano, evidenciando, em grande medida, a construção de uma ideia de cultura popular alimentícia.

Portanto, defendemos que foi diante da sua identidade intelectual e em função do seu campo de estudos que Luís da Câmara Cascudo assumiu a postura de mediador cultural, entrando para a história dos intelectuais polímatas, atuantes entre o popular e o erudito, dentro de um contexto em que as questões históricas, folclóricas, antropológicas e etnográficas tinham suas particularidades e, mesmo assim, foram analisadas e discutidas para a fabricação do conceito de cultura popular alimentícia.

Por fim, esperamos que este trabalho possa representar a entrada para um campo de reflexão ainda pouco estudado pela historiografia brasileira, mas que oferece um leque de possibilidades para diálogos e futuras pesquisas. Além disso, este é um campo que foi e é importante, seja para Câmara Cascudo, que desenvolveu um caminho de pesquisa sobre a temática, seja para outros intelectuais. Portanto, esta pesquisa não pode ser considerada por acabada, longe disso, identificamos ao longo das fontes analisadas, novas veredas a serem exploradas em futuras pesquisas, havendo a possibilidade de ampliarmos esta investigação em torno dos acordos políticos que Cascudo e Chateaubriand mantiveram com o governo português e espanhol para realização da viagem à África, bem como podemos analisar de forma profunda a história da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II e as suas relações enquanto instituição promotora de saberes culturais.

FONTES

Bibliográficas

CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o Sertão**. 1. Ed. Digital. São Paulo: Global, 2012 [1934].

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 1. Ed. São Paulo: Global, 2012 [1947].

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. - São Paulo: Global, 2012 [1954].

CASCUDO, Luís da Câmara. **A Cozinha Africana no Brasil**. Luanda, 1964. Disponível em: Acervo físico da Biblioteca USP-FFCL, Departamento de História.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in Africa**. 5. ed. São Paulo: Global, 2001 [1965]

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Global, 2011 [1967].

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome** (dilema brasileiro: pão ou aço). — Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984 [1946].

MORAIS, Fernando. **Chatô o Rei do Brasil**: a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Depoimento

CASCUDO, Luís da Câmara. **Passou em Natal**. Natal – RN. Instituto Câmara Cascudo, 23 de agosto de 1939.

Epístolas

CASCUDO, Luís da Câmara. **[Carta]** 01 de setembro de 1937a [para] Josué de Castro. Rio de Janeiro. Fundação Joaquim Nabuco, acervo Josué de Castro, pasta 85.

CASCUDO, Luís da Câmara. **[Carta]** 19 de setembro de 1937c [para] Josué de Castro. Rio de Janeiro. Fundação Joaquim Nabuco, acervo Josué de Castro, pasta 85.

CASCUDO, Luís da Câmara. **[Carta]** 19 de dezembro de 1937d [para] Josué de Castro. Rio de Janeiro. Fundação Joaquim Nabuco, acervo Josué de Castro, pasta 85.

CASTRO, Josué de. **[Carta]** 30 de outubro de 1937a [para] Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro. Instituto Câmara Cascudo.

CASTRO, Josué de. **[Carta]** 19 de julho de 1939a [para] Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro. Instituto Câmara Cascudo.

CASTRO, Josué de. **[Carta]** 28 de junho de 1942a [para] Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro. Instituto Câmara Cascudo.

LIMA, Mesquitela. **[Carta]** 05 de julho de 1964 b, [para] Luís da Câmara Cascudo. Do Jornal “A. B. C.” Diário de Angola.

Periódicos

BENTO, Antônio. 1.104 Kilometros em 5 dias. **A República**. Natal, fevereiro de 1929.

ARNO, Sérgio. Cultura Nacional: A mesa com Luís da Câmara Cascudo, o gênero do autor da História da Alimentação no Brasil. **Gula**. São Paulo, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. Quando eu nasci o Brasil estava à beira do abismo. **Manchete**: Rio de Janeiro, 1953.

CASCUDO, Luís da Câmara. Voltaram da África portuguesa C. Cascudo e Ismael Ribeiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30 mai. 1963.

CASCUDO, Luís da Câmara. Câmara Cascudo elogia o governo português. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 1963.

CASCUDO, Luís da Câmara. RANCHO à angola. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 1963.

CASCUDO, Luís da Câmara. Câmara Cascudo prepara último dos 3 volumes da sua História da Alimentação: Pesquisas será na África. **Diário de Pernambuco – PE**, 1964.

CASCUDO, Luís da Câmara. Luís da Câmara Cascudo evoca o amigo Chateaubriand poderá ter sucessor mais não substituto. **Diário do Natal**. Rio Grande do Norte, 1968.

CHATEAUBRIAND, Assis. MISSÃO A MADRID E À ÁFRICA. **Correio Braziliense**: São Paulo, 28 de fevereiro de 1963.

CHATEAUBRIAND, Assis. Câmara Cascudo vai a África para recolher subsídios sobre a história da dieta brasileira. **O Jornal**: Rio de Janeiro, 15 de março de 1963.

CHATEAUBRIAND, Assis. Cultura luso-hispano-brasileira: Estudos sobre a História do Brasil chega agora a Portugal e Espanha. **Jornal do Commercio**: Amazonas, 14 de abril de 1963.

CHATEAUBRIAND, Assis. PORTUGAL, POTÊNCIA IMPERIAL AFRICANA. **Correio Braziliense**: São Paulo, 26 de abril de 1963.

CHATEAUBRIAND, Assis. Onde estão os Missionários. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados**: Curitiba, 8 de junho de 1963.

CHATEAUBRIAND, Assis. O Roteiro da Alimentação. **O Jornal**: Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1967.

CHATEAUBRIAND, Assis. O Roteiro da Alimentação. **Jornal do Commercio**: Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1967.

DOMINGO, Jóqueis. Objetivos da Sociedade Pedro II e sua Ação em Portugal e na Espanha. **Diário do Paraná**. Curitiba, 3 de abril de 1963.

FILHO, Marcondes. História da Dieta no Brasil, será o próximo livro de Câmara Cascudo. **Diário de São Paulo**. São Paulo, 9 de setembro de 1962.

HISTÓRIA, da Dieta no Brasil, próximo livro de Câmara Cascudo. **Diário de São Paulo**. São Paulo, 9 de setembro de 1962.

KEFFEL, Ed. Mestre Cascudo Descobre o Mestre Cuca Africano. **O Cruzeiro**: Revista – Rio de Janeiro, 03 de Agosto de 1963.

KEFFEL, Ed. Que comem os Negros Bantos? **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 03 ago. 1963.

KEFFEL, Ed. Nossos irmãos os africanos. **A Cigarra**, São Paulo, 11 jul, 1964.

ONTEM, na Casa Amarela a Homenagem aos Editores das Obras da Sociedade Pedro II. **Museu de Arte de São Paulo**. São Paulo, 12 de agosto de 1964.

PORTUGAL, e a Alimentação no Brasil. **Diário de Notícias**. Lisboa – Portugal, 4 de setembro de 1962.

RIBEIRO, Ismael. Investigação de problemas da alimentação nas áreas exportadoras de escravidão. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 1963.

RIBEIRO, Ismael. Investigação de problema da alimentação nas áreas exportadoras de escravidão. **O Jornal**: Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1963.

RIBEIRO, Ismael. Objetivos da Sociedade Pedro II e sua Ação em Portugal e Espanha. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados**, Curitiba, 3 abril 1963.

RIBEIRO, Ismael. Viagem a Moçambique. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, 16 mai. 1963.

RIZZINI, Carlos. Castelo D' Eu. **Correio Braziliense**: Distrito Federal, 18 de maio de 1968.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. O filósofo do povo brasileiro. **A Folha**, São Paulo, 2001.

VALLADARES, Clarival. O tributo ecológico na cozinha afro-brasileira. **Shell em Revista**, Rio de Janeiro, 1967.

VOLTARAM. Voltaram da África portuguesa C. Cascudo e Ismael Ribeiro. **Diário de Pernambuco** – Recife, 30 mai. 1963.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. **Cultura popular, um conceito e várias histórias**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de “**O morto vestido para um ato inaugural**”: procedimentos e práticas dos estudos de folclore. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2013b.
- AMORIM, Helder Remígio de. “**Um pequeno pedaço do incomensurável**”: a trajetória política e intelectual de Josué de Castro. Tese (Doutorado em História). UFP – Recife, 2021b.
- BARRETO, Anna Maria Cascudo. **O Colecionador de Crepúsculo**: Fotobiografias de Luís da Câmara Cascudo. 1. Ed. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 2003.
- BARROS, Ewerton Wirley Silva. **Nos enredos do folclore**: Luís da Câmara Cascudo no Movimento Folclórico Brasileiro. Monografia (Licenciatura em História) – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2018.
- BARROS, Ewerton Wirley Silva. **A metamorfose do folclore**: Uma institucionalização acadêmico-científica por Veríssimo de Melo (1944-1974). Dissertação (Mestrado em História) pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE, Recife – PE, 2021.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**: tradução, André Telles, - Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed. 2002.
- BURKE, Peter. **A Escrita a história: novas perspectivas** / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- BURKE, Peter. **O polímata**: uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag. Traduzido por Renato Prelorenzou. – São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- BYINGTON, Silvia Ilg. **Pentimentos modernistas**. As cores do Brasil na correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.
- CARVALHO, José Murilo. **História Intelectual no Brasil**: a retórica como chave de leitura. Topoi: Revista de História. Rio de Janeiro: Letras, n.1, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore da Alimentação**. Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 213-223, 1963.
- CASCUDO, Luís da Câmara: **Tradição, Ciência do Povo**. Pesquisas na cultura popular do Brasil. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e Cultura**: pesquisas e notas de etnografia geral. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.

CASTELO, Cláudia. **O modo português de estar no mundo**. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). Porto, Edições Afrontamentos, 1999.

CASTRO, Teresa. “**Nossos Irmãos, os Africanos**”: Luso-tropicalismo e propaganda. In: Maria do Carmo Piçarra. **A coleção colonial da Cinemateca**. Campo, contracampo, fora-de-campo. Cinemateca Portuguesa — Museu do Cinema em colaboração com a Aleph — Rede de acção e investigação crítica da imagem colonial em 2015 e 2016. p. 58-67.

CAVIGNAC, J. A.; OLIVEIRA, L. A. **História e etnografia nativas da alimentação**: notas biográficas a respeito de um antropólogo provinciano. Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 2, nov. 2010.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CERTEAU, Michel de; LUCE, Giard; PIERRE, Mayol. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Organização - José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CORÇÃO, Mariana. A influência do gosto da cozinha portuguesa na **História da alimentação no Brasil** de Câmara Cascudo. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 25, nº 50, p. 408-425, julho-dezembro de 2012.

CORÇÃO, Mariana. **Câmara Cascudo, o “provinciano incurável”**: desvendando os caminhos de história da alimentação no Brasil. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2014.

DÓRIA, Carlos Alberto. “História da Alimentação no Brasil” é obra monumental que busca a “alma da culinária nacional”. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 dez. 1998.

DÓRIA, Carlos Alberto. **A formação da culinária brasileira**. São Paulo: Publifolha, 2009.

FERREIRA, José Luiz. **Modernismo e tradição**: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo nos anos 20. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 20. Ed. Vozes: Petrópolis, 1999.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** 4. ed. Lisboa: Vega, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Luís da Câmara Cascudo**: itinerário de um pensador. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. - São Paulo: 1998.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora – FGV, 2004.

GOMES, A; Hansen. P. **Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos**: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela Maria de Castro; Hansen. Patricia Santos (Org.) **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A fome e o paladar**: Antropologia nativa de Luís da Câmara Cascudo. São Paulo, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Organização - Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardiã Resende. Editora UFMG; Brasília: 2003.

HISTÓRIA da Alimentação no Brasil. Direção: Eugenio Puppo. Produção: Eugenio Puppo. Rio de Janeiro: Cine Brasil TV/Amazon Prime Vídeo, 2020. Série, ep. 1. (26 minutos).

HISTÓRIA da Alimentação no Brasil. Direção: Eugenio Puppo. Produção: Eugenio Puppo. Rio de Janeiro: Cine Brasil TV/Amazon Prime Vídeo, 2020. Série, ep. 13. (26 minutos).

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LEITE, Daliana. **O sabor do conhecimento**. Arquivos Brasileiros da Alimentação, Recife v. 3, n. 2, p. 264-271, jul./dez. 2018.

LEME, Adriana; BASSO, Rafael. **A formação da brasilidade – a construção do discurso modernista sobre a culinária**. Revista de Contextos da Alimentação Vol. 3, dezembro de 2014.

LEME, Adriana. **Câmara Cascudo e Josué de Castro**: um diálogo sobre a epistemologia da alimentação. Revista Latino-Americana de História, vol. 10, nº. 22. São Paulo, dezembro. de 2019.

LIMA, Romilda; NETO, José; FARIAS, Rita. **Alimentação, comida e cultura**: o exercício da comensalidade. Universidade Federal de Viçosa-MG. Demetra; 2015. p. 507-522.

MOTTA, Antonio; OLIVEIRA, Luiz. **Made in Africa**: Gilberto Freyre, Câmara Cascudo e as continuidades do Atlântico Negro. In: LIVIO, Sansone (Org). **Memórias da África**: patrimônios, museus e políticas das identidades. Salvador: ÉDUFBA, 2012, p. 215-261.

OLIVEIRA, José Walber Vieira de; BATISTA, Luan de Sousa; SALES NETO. **A ideia de Brasil em Luís da Câmara Cascudo**: a construção de uma cultura alimentícia brasileira na obra cascudiana. In: XX Encontro Estadual de História – ANPUH-PB “Independências, Revoluções e Modernismos”. Anais Eletrônicos. João Pessoa: Editora do CCTA, 2022. p. 146-155.

OLIVEIRA, Gilson Brandão de. **Agostinho da Silva e o CEAO**: a primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil. Dissertação apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, 2010.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC/ José Carlos Reis – 9. Ed. Ampl. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.**

ROCHA, Ariza Maria. **A comida e a linguagem em “folclore da alimentação” (1963):** Cascudo, os folcloristas e a cultura alimentar. *Revista Práxis Novo Hamburgo, RPR* | a. 15 | n. 1 | p. 64-80 | jan./jun. 2018.

ROZIN, Paul. **A Psicologia da Alimentação e a Escolha da Alimentação.** In: KIPLE, Kenneth. *A História Mundial da Alimentação de Cambridge.* 2º vol. Cambridge: Imprensa da Universidade de Cambridge, 2001.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria.** Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História e Espaços, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2009.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Por entre margens e fronteiras disciplinares: instituições, intelectuais e produção de saberes em torno da cultura popular no Nordeste do Brasil (1958-1976).** Projeto de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFCG. Cajazeiras – PB, 2019.

SANTOS, Carlos Roberto A. dos. **A alimentação e seu lugar na história: OS TEMPOS DA MEMÓRIA GUSTATIVA.** *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 42, p. 11-31, 2005. Editora UFPR.

SARAIVA, José Flávio Sombra; GALA, Irene Vida. **O Brasil e a África no Atlântico Sul: uma visão de paz e cooperação na história da construção da cooperação africano-brasileira no Atlântico Sul.** In: X Congresso Internacional Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia Face à Globalização. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2000.

SCHLICKMANN, Mariana. **A trajetória dos estudos africanos no Brasil: 1930 a 1980.** *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG.* v. 8, n. 1 (jan./maio 2016).

SILVA, Alberto da Costa e. **Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África.** 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2011.

SILVA, Márcio Seligmann. **Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes.** *Projeto História*, nº 30, 2005, p: 71-98.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

WAETZOLD, Tim Andre. **A Proclamação da cozinha brasileira como parte do processo de formação da identidade nacional no Império do Brasil 1822-1889.** 2. ed. Belo Horizonte: Editora e gráfica TCS, 2012. P. 1-253.